

1876

A RUA ESCURA.

Emygdio Pereira da Cruz

NA TYPOGRAPHIA DA REVISTA,
Rua das Hortas n.º 71.

O

A RUA ESCURA.

TRADIÇÃO PORTUENSE.

POR

Antonio Coelho Lousada.

Si es verdad ó non, yo no o he hy de ver,
Pero non lo quiero en olvido poner.
(I. L. SEGURA DE ASTORGA).

2.ª EDIÇÃO.

PORTO:
EM CASA DE CRUZ COUTINHO — EDITOR,
rua dos Caldeireiros n.os 14, 15.
1857.

A RUA ESCURA.

TRADIÇÃO PORTUENSE.

1628-1629.

I.

Tutto è gioia per questa contrada.
(CARRER).

NUNCA a cidade do Porto accordou tam ruidosa de alegria como na manhã do dia 6 de Janeiro de 1628.

A camara tinha dias antes lançado bando por todos os arredores, annunciando as festas nunca vistas com que n'esse anno devia celebrar a adoração dos Magos, e pode-se dizer que ninguem dormira na noite, que precedeu a esse famoso dia, com o sentido nos momos, missa pontifical e fogo de artificio, com que o senado portucalense mimoseava os seus amados burguezes.

O senado tinha as suas razões para assim obrar. Lido na historia antiga, sabia que o povo romano se governava com *panem et circenses.*

D. João de Valladares, approveitara tambem a occasião para chrysmar as suas ovelhas, exercicio em que, pelo menos, gastou os tres quartos da sua vida episcopal; pois que, se os seus panegyristas, que lhe chamam o Moysés portuense, fallam verdade, deu este sacramento a duzentas mil pessoas.

Os sinos da velha cathedral, baloiçados pelos esforços de todos os garotos do bairro, dos quaes os mais atrevidos se viam encarrapitados nas porcas surgir e desapparecer pela ogiva da torre, eram capazes de despertar até os sete dormentes com o sussurro, que dos enredados bêcos e ruas se erguia, formavam um concerto confuso que levava as suas notas até muito ao de lá do rio.

Dois homens montados em bem arreiados ginetes, e seguidos por uma pequena comitiva desciam pela estrada real, magnifica azinhaga, para o bairro de Villanova, prestando attento ouvido a esse rumor, e com os olhos fitos na margem fronteira.

O Porto parecia uma cidade de fadas, não pela belleza interna, que a não tinha, mas pelo aspecto que apresentava aos caminhantes. Dir-se-ia suspenso sobre nuvens, e prompto a desapparecer no ar. O Douro desdobrava do seu leito um véo opaco de névoa que lhe occultava toda a base, a cinta de muralhas com que um sacerdote guerreiro a re-

catara, deixando vêr apenas os cabeços das collinas. Eram ilhas aereas. A maior, coberta de edificios esguios e negros, mostrava, dominando-a, as duas torres da cathedral com as suas ameias e o seu florão, que parecia o olho d'aquelle cyclope de granito. Junto, sobre um edificio tambem negro, e de que apenas se via a parte superior, pendia uma bandeira vermelha, que o pezo dos seus bordados mal deixava ondear. Era o estandarte da cidade arvorado em um mastro assente no eirado dos paços municipaes, de cuja varanda desceram e tinham de descer sobre a cabeça das turbas inquietas dos bons portuenses muito discurso ordeiro, pezado e massudo, e muita proclamação revolucionaria. Uma linha de dentes de granito destacava no fundo, e vinha descendo por uma encosta de rocha, morrer naquelle mar aereo. Era parte dos muros da velha cidade dos normandos, do burgo do bispo. Mais além, no ultimo plano, com a base perdida n'uma tinta azul vaporosa, em que se mergulhavam os tectos das habitações, os cimos tocados pelas quentes tintas do sol nascente, viam-se as torres de Cima de Villa e porta do Sol. Como escolhos, alteavam-se sobre a névoa, na frente, as torres pezadas dos Agostinhos descalços, a cruz floreada do mosteiro de S. Domingos, e um ou outro telhado ou soteia mais elevados.

A oeste via-se outra ilha, sobre a qual assentava envolto ainda em andaimes e guindaste o mosteiro de S. Bento. As hortas e quintas que se

estendiam desde a Porta de Carros até á pequena pinha de casas que circumdava a collegiada de Cedofeita, como o rebanho á volta do pastor, mostravamse tambem envolvidas em um sendal mais tenue, como o complemento d'aquella phantasmagoria.

Para nos servirmos de uma figura quasi burlesca, que nos despertou na mente um panorama egual, o Porto accordando, assomava a cabeça fóra do lençol, e mostrava a sua fronte gigantesca, espreguiçando-se aos primeiros raios do sol.

Meia hora depois a cortina vaporosa estava inteiramente corrida, e os nossos cavalleiros, se em vez de terem baixado para o bairro de Villanova, fossem pedir hospedagem aos conegos regulares de S.to Agostinho, das janellas do seu convento da Serra veriam um como exercito de pontos semoventes, que se estendia desde todas as portas da cidade e se perdia nos casaes vizinhos, destacando claramente no chão despido de verdura, a que a bondade d'esse inverno déra uma côr esbranquiçada. Similhava perfeitamente a um rancho de formigas, sahindo do celleiro, e espalhando-se pelo campo á pista de provisões. Uma unica differença havia, e era, que o movimento era o inverso. Todos esses vultos se dirigiam de diversos pontos, a perder-se debaixo dos muros da velha cidade.

Quando desciam o despenhadeiro, que hoje se chama rua Direita, por aquelle espirito contradictorio de todos os edis, ou senadores municipaes, que ateimam em assim chamar a todas as ruas tortas, o

mais velho dos caminhantes começou a sentir-se ferido na sua vaidade.

O caso não era para menos. Nem a sua walona de quatro baterias de folhos, um pouco amarrotados pela jornada, verdade é, nem a sua pera ponteaguda e grisalha, nem o seu bigode, que, apezar de haver oito dias não ter visto os costumados papilhotes, conservava as guias encaracoladas, nem o collar de oiro, que o seu longo manto de jornada deixava transparecer, nem o seu ar de importancia, nem o caracolar do seu cavallo, a que retinha a rédea e dava de espora, nem a sua comitiva conseguiam um olhar dos bons burguezes: fechando as portas de suas casas davam-lhe costas, e tomavam a dianteira em direcção ao rio.

A cada cidadão que passava, o nosso homem sentia mais viva a sua ferida. O resentimento, ao decimo-quinto tornou-se em cholera. Arremeçou sobre elle o ginete, com risco de o esmagar, gritando ao mesmo tempo com toda a amabilidade:

— Arreda, vilão!

O pedestre desviou-se, fitando-o com ar de espanto, e a mão foi-lhe descançar insensivelmente sobre o cabo do punhal, arma que, prohibida em quasi todos os pontos do reino, era consentida aos bons homens da leal cidade do Porto; os olhos, porém, encontraram coisa que os seduziu — o collar de oiro — e, como maquinalmente tambem, tirou o chapeu. Não poderei dizer com toda a certeza se esta barretada foi feita ao collar, se ao cavalleiro. O

certo é, que tirou o chapeu, e não reagiu contra o mimoso epitheto com que o tinham baptisado.

Aquella barretada salvou talvez o Porto de um cataclysmo tremendo. As iras do fidalgo desceram o sufficiente para se dignar dirigir a palavra á primeira mulher que encontrou com a cabeça fóra da porta examinando os astros.

— Qual é a melhor poisada da villa?

— Deus o guarde — redarguiu a interrogada, puxando as pontas pendentes de uma touca de panno de linho, e com um ar de quem dava n'aquelle cumprimento uma lição de civilidade ao interrogador. — É a do meu compadre Zé-Testa, a estalagem da *Senhora da Asninha.* Lá é a gente tractada como em casa de conego: aquillo é um regalo... é a melhor da terra. Fica lá em baixo ao fim da rua. Olhe, — accrescentou — não tem que se enganar, é a unica da villa.

Aqui não havia que replicar. A velha tinha carradas de razão: devia forçosamente de ser a melhor, visto não haver outra. O cavalleiro picou o cavallo e toda a comitiva fez o mesmo, saudados pelo «Deus os guarde» com que a comadre do senhor Zé-Testa lhes deu a segunda lição de polidez, e acompanhados de uma imprecação expressiva, mas em voz baixa.

— Olha os estafermos! — resmungou ella — parece que trazem el-rei na barriga! Nem sequer um *louvado seja nosso Senhor Jesus Christo* dizem á gente!

Ainda que tivesse dito em voz alta estas palavras, não seria ouvida pelo cavalleiro nem por ninguem da sua comitiva: quando acabou já soffreavam as suas cavalgaduras diante da porta da inculcada estalagem.

Era esta um barracão, encostado a uma casa de um andar. Sobre a porta cocheira baloiçava, pendente de uma haste de ferro, uma pintura a vermelho, azul, amarello e branco, que tinha pretenções a representar a fuga para o Egypto. Por baixo lia-se, com a orthographia que ainda é propria dos estabelecimentos publicos, o nome da locanda.

O senhor Zé-Testa era, de Villanova, a unica pessoa talvez, que não tinha a cabeça cheia dos momos e glorias que o dia promettia, e baixou a receber os seus hospedes com todo o agrado; isto é, com um sorriso parvo que o costume lhe tinha impresso na physionomia.

O homem da cadeia de oiro resmungou algumas palavras em castelhano aos da comitiva, que se apeiaram, indo um tomar-lhe o estribo, e gritou para o hospedeiro:

— Quero por algumas horas os teus melhores quartos.

O estalajadeiro parecia educado no Oriente: era extremamente parco de palavras e prodigo de zumbaias e sorrisos. Sem lhe responder sim ou não, foi recuando adiante do velho viajante e do seu companheiro até esbarrar com a porta da casa contigua ao barracão, para onde tinham entrado os ho-

mens da comitiva, e depois de outra quantidade de mesuras, com que parecia querer fazer o compasso e a segunda aos sinos da Sé, cujos sons o norte levava aos seus ouvidos, foi subindo uma escada, que parecia feita para quebrar a cabeça por ella abaixo, até a uma sala, designada como o melhor aposento da casa, e que comtudo, a modestia lhe fazia affirmar ser bem mesquinho para sua senhoria.

O velho fez uma careta de descontentamento, mas sem dizer nada sentou-se, tirou da algibeira uma enorme carteira de coiro, sacou d'esta alguns papeis, e começou a revêl-os com toda a attenção.

O mais moço, que até alli guardára silencio... queremos dizer, não fallára, pois que não tinha deixado de cantarolar por entre-dentes como um *diletantte* de hoje em dia, pôz termo ao balancear do hospedeiro, gritando-lhe:

— Vamos, patrão! quero almoçar! ouviu.... do melhor.

E continuou por entre-dentes:

— *Por Dios!* não sei que precisão havia de sahir dos Carvalhos tam cedo para vir para aqui, e sem comer!...

Depois começou a passear de um lado para outro, olhando pela janella para todas as adufas e sacadas da visinhança, a vêr se dava pasto aos olhos, emquanto não satisfazia as exigencias do estomago, e cantarolando com uma pronuncia, que mos-

trava não pertencer á nação em cuja lingua fôra escripta, a seguinte copla:

Niña, si a la huerta vas
Coge las flores mas bellas;
Aunque se tu estas entre ellas
A ti mesma escogeras.

Quasi ao mesmo tempo que entoava as ultimas notas, gritava o mais velho pelos creados, e a cada um que apparecia entregava diversos bilhetes, que do proprio punho escrevera. Eram differentes *recipes*, cujo resultado devia de ser uma sangria no bom povo portuense.

II.

AS SENHORAS COMADRES.

E a coitada que chegava,
A folia começava
De cantar.
....
E o noivo moço tão polido,
Não tirava os olhos d'ella
E ella d'elle.

(Gil Vicente — o Velho da Horta).

Ora esta! as duas já são dadas, e nem folía nem meia folía.

— Já na egreja foi o mesmo com a missa cantada: o senhor bispo vestiu-se, deu o chrysma a um bom par de christãos, mandou fazer o peditorio para os pobres... bem haja elle, o sancto homem! sentou-se, e ainda agora lá estaria, se não viesse o deão cochichar-lhe ao ouvido não sei quê.

— É que, dizem, estão ahi uns figurões, assim coisa de governo, por quem se espera.

— Assim ouvi dizer ha pouco... que tinham

chegado uns figurões á casa do Patim, e que o senhor conde de Miranda para lá tinha ido.

— E é talvez por elles que se está á espera. Para boa coisa não virão elles; que a governança de Madrid ou a de Lisboa, que é tam boa como ella, o que faz é esfolar o pobre povo.

Este diálogo era alternado ao-pé do chafariz da Sé, entre duas matronas, que, havia seguramente duas horas, davam tanto á lingua, dissertando sobre os successos do dia, e fazendo a chronica mais ou menos escandalosa dos presentes e ausentes, como com os cotovellos, para defenderem o throno em que se achavam, contra os ataques dos garotos e mais curiosos, apinhados desde o largo do Souto até aos paços municipaes. Este throno, tam invejado n'essa occasião, era um monte de pedregulho, resto de um pedaço dos muros primitivos da cidade, que n'esse sitio os visinhos se tinham encarregado de demolir pouco a pouco, para se aproveitarem da cantaria. As cabeças das duas interlocutoras, assim empoleiradas, sobrepujavam o resto da multidão; estendiam-se, inclinavam-se, meneavam-se em todas as direcções, como um bugalho sobre um repucho, para não deixarem escapar a bagatella mais somenos, que cortasse aquelle mar humano sem os seus commentos. O fogo da maledicencia era sustentado por algumas outras filhas de Eva, que as rodeavam, e pareciam outros tantos almanaks vivos dos quinze, ou dezesseis mil habitantes que tinha então a cidade da Virgem, n'aquella occasião, quasi

todos reconcentrados no coração do povoado. Esta multidão aguardava a passagem da folía que havia de sahir do Souto e de lá dirigir-se pela Sé, dançando e tocando, até ao largo dos paços do concelho, para ahi sobre um tablado, executar uma pantomima e uma especie de auto dos Reis perante as authoridades e mais summidades da terra. As nossas respeitaveis matronas tinham já tentado penetrar no pequeno largo onde estava o palanque, hoje um logar que talvez não conheçam dois terços dos nossos leitores, o largo do Açougue-velho; tinham já tentado penetrar no largo para ahi gozarem do melhor da festa; mas não lhes fôra possivel mais do que vêr de longe os pannos de arraz que pendiam dos balcões da camara, o que tinha dado occasião de exercitar a profunda erudição da Senhora Anna Gertrudes, a primeira das interlocutoras, erudição cifrada nos factos da Biblia, por mercê do seu confessor e visitador assiduo, e no Palmeirim e Imperador Clarimundo, como hoje a de muita pretenciosa se reduz a um curso completo do Eugenio Sue e Alexandre Dumas. A senhora Anna Gertrudes, solteirona de quarenta Janeiros, para o seu tempo e na sua classe, era um prodigio, pois sabia lêr quasi correntemente; e ainda hoje seria, se vivesse, apezar da sua prenda não estar de todo esquecida entre as suas e nossas patricias, a lingua mais afiada dos tres bairros. Não estava calada nem a dormir, e algumas vezes, por descuido, no furor da sua verbosidade, dizia bem dos seus similhantes.

O ter assistido com as suas comadres á parte religiosa da festa fazia-lhe perder á profana, e repellida pouco a pouco pela multidão, tinha com as suas acolytas vindo dar fundo no logar que occupava, logar que estava resolvida a defender até á ultima gota de suor — e já não era pouco o que lhe banhava as faces.

— Oh comadre! — tornou a segunda das interlocutoras, a senhora Brazia dos Anjos, lançando para traz o seu mantéo e dando um cotovellão para a direita — não viu na egreja alli o pastelleiro d'em frente?

— O senhor Bartholomeu? vi: o homem anda doudo! Ora uma creatura d'aquella idade, porque elle é rapaz do meu tempo, não se lhe metteu na cabeça namorar a filha do Roque, que morreu em Flandres!

— Quem é a filha do Roque? — perguntou uma das acolytas.

— A delambida d'alli d'ao-pé da escada, a sobrinha da Perpetua.

— Ah! já sei.

— A tola — tornou a senhora Anna Gertrudes, fazendo um gesto de desdem — não faz caso d'elle: pois olhe que lhe não ia mal: apezar de já entradete, é bem apessoado e homem de cabedal.

— Ora! que quer, comadre! estas delambidas d'agora o que querem são bonecos!

— O santeiro da esquina, o fiho do Thomaz, que Deus haja, tambem por lá anda arrastando

a aza; mas a rapariga faz-se de manto de seda.

— Ora muito me conta, senhora Anninhas — exclamou uma das mulheres; — por isso na egreja o senhor Bartholomeu não despregava os olhos da capella de Nossa Senhora.

— Olhe que não era pela imagem — redarguiu a interpellada; — é que lá estava a rapariga com a tia.

— E toda enfeitada que ella ia — acudiu outra das comadres — com o cabello em anneis, como andam as filhas do chanceller.

— Se a tia faz-lhe todas as vontades! Aquillo é mesmo um *Santo Antoninho onde te porei.*

— Ha-de-lhe dar bom pago! — exclamou a solteirona, baloiçando-se no seu throno. — Anda-lhe a fortuna pela porta e não faz caso d'ella: a final ha-de vir a dar n'uma perdida. O senhor Bartholomeu não é mau sugeito... e caritativo até alli. Hoje na egreja, quando o sacristão veio fazer o peditorio para os pobres, como agora é sempre de costume, desde que cá está o snr. D. João de Valladares, o homem deitou na bacia um tostão de prata... e aquillo sem pestanejar, como se fosse um *quarto de preto.*

A senhora Anna Gertrudes n'este ponto enganava-se redondamente. A acção do senhor Bartholomeu tinha sido filha da abstracção em que se achava, contemplando a sobrinha da senhora Perpetua. A comadre ignorava este causal; mas, que a soubesse, de certo se comprazeria em occultal-a para poder assim dar a sua tesourada na innocente

creatura a que ella chamava delambida, certa de que nunca lhe faltaria occasião de dizer mal do pastelleiro.

O acto de generosidade que este practicou, contado pela senhora Anna e ouvido com admiração pelas suas acolytas, antes de meia hora percorrêra para a direita e para a esquerda toda aquella multidão, e á noite o senhor Bartholomeu tinha a opinião d'um Santo Estevão, ou philantropo, como nós hoje lhe chamariamos, nós os homens dos bailes para as victimas politicas e impoliticas, mais fortes nos hellenismos, superficialmente, que os nossos avós do seculo XVI.

— Alli vai a tia Josefa do moínho! — gritou a senhora Brazia. — Oh! tia Josefa! os moiros não veem?

— Deixe-a lá que não dá resposta — acudiu a outra. — Anda toda *ancha* por que os fradinhos de S. Francisco lhe tomaram conta do filho... para leigo... ou cosinheiro. Diz elle, que ainda ha-de ser bispo. Ora vejam?!

— Presumpções, presumpções! — murmurou a senhora Anna, com uma intonação nasal. — Presumpção e agua-benta cada qual toma a que quer.

— É como diz a senhora Anna.

— A respeito de vaidade e presumpções, ninguem como a Beatrisita alli do Arco. Aquillo até é peccado. Anda penteada como as fidalgas, e não sei como não tem tido os seus dares e tomares com o meirinho da cadeia... ou os aguazis. A desaver-

gonhada não trazia domingo passado uma fita de seda-catasol a adornar o corpete e a fraldilha?

— E dizem que queima o cabello com cal para o fazer louro!

— E põe arrebique.

— Eu não quero ser má lingua, senão havia de contar coisas que ouvi...

— A gente não deve dizer mal do seu similhante.

— Assim é — tornou a que não queria ser má lingua — e por isso é que não quero fallar de certas historias que se rosnam a respeito d'ella e do fidalgo da rua Chã.

— Então que contam?

— Nada... cousas que todos podem adivinhar. Eu não gosto de pôr a bôcca em ninguem; mas até dizem que tem contractos com feiticeiras.

— Sume-te!

— É verdade — continuou a que não queria ser má lingua: — rosna-se tambem em que o senhor conde...

— O quê? — perguntaram ao mesmo tempo com certo metal de voz, que se assemelhava muito ao dos *ápartes* do theatro, que são segredos que todos devem ouvir, tres ou quatro d'aquellas santas creaturas.

— Nada!

— Como nada?

— Ora eu não gosto de fallar mal do proximo... e demais que negocios poderia ter o se-

nhor conde de Miranda com uma rapariga... d'aquellas... bonita...

— Bonita! — murmurou a senhora Anna Gertrudes. — Assim... assim, muito arrebique!

E a estimavel matrona preparava-se para incetar uns apontamentos byographicos sobre uma pessoa que ella descubrira da sua atalaya, tirando, para chamar a attenção, pelo manto de uma das suas companheiras, quando foi derribada do seu pinaculo por uma forte vaga d'aquelle pélago. A senhora Anna não se desconcertou, e tractou logo de, com ajuda de pés e mãos, reconquistar a sua posição. Já estava acostumada áquellas ondulações da multidão que, avançando quasi toda do lado de baixo, vinha engrossando, oscilando, comprimindo-se de encontro ás immensas voltas que faziam e ainda fazem aquellas ruas da velha cidade, até que de vez em quando uma onda maior a impellia de uma maneira extraordinaria, occasionando apertões e trilhadellas de ver as estrellas.

Do lado do Souto ouvia-se agora um vozear confuso, que ia crescendo na proporção d'aquelle marulho de cabeças humanas, ao passo que alguns soldados, dos poucos do terço da guarnição, começavam a distribuir coronhadas d'arma, para metter o povo em alas, o que era quasi impossivel, attento o acanhado das ruas. Esta amabilidade dos soldados d'el-rei, que tanto custou a cahir em desuso, foi traduzida mentalmente pela multidão, que n'estas occasiões nem tem tempo para se irritar, pelo

annuncio da marcha dos foliões. De todos os lados e em todas as escalas, o que dava um concerto admiravel, não se ouviam senão estas vozes:

— Ahi vem! ahi vem!

A senhora Anna Gertrudes, agarrando-se ás costas de uma das comadres, alongou o pescoço piscando os olhos, para reconcentrar os raios visuaes no ponto onde o reboliço era maior, e quasi ao mesmo tempo soltou dos labios esta exclamação:

— A feiticeira!

Aquella palavra teve um effeito magico. Toda a multidão tentou correr para baixo; os soldados mesmo abandonaram a sua tarefa, e milhares de apupos se elevaram até aos céos.

Do lado do Souto começou pouco depois a apparecer um claro no meio do povo, claro que vinha avançando pouco a pouco, rodando a turba em volta. No meio, como uma palha lançada n'um redemoinho de agua, estorcia-se uma creatura, involta em um manto de lã preta, de um typo estranho. Um enxame de rapazes a empuxava de um para outro lado, e lhe atirava ao rosto com lama, acompanhado tudo com gritos e assobios. Era uma algazarra infernal.

— Oh bruxa, quando fallaste com o tinhoso? — gritava um, puxando-lhe pelo mantéo.

— Has-de mostrar-me a vassoura em que cavalgas, e os teus novellos de barbas de bode! — grunhia outro, dando-lhe um encontrão.

— Ui! má peste a mate! — esganiçava-se uma regateira com os punhos levantados, e querendo romper o circulo em que estava mettida.— A creança da Zefa do moínho morreu myrrada, e a causa não havia de ser senão este demonio!

— Os aguazis que a prendam, para a mandarem para a santa inquisição!

— Sume-te, canhoto!... não me deites mau olhado!

E entre estes e outros ditos a pobre da creatura, impellida e repellida como uma péla por aquella multidão, veio chegando até ao-pé das escadas de S. Sebastião. Alli o povo, como achou um espaço mais amplo para as suas barbaridades, quiz, já que o espectaculo promettido tardava tanto, arranjar um outro que o desenfastiasse. O vocabulo das injurias foi exgotado pelas mulheres; todas as judearias postas em practica pelos rapazes. Os que não faziam mal á pobre mulher, riam a rebentar as ilhargas. A senhora Anna Gertrudes não desceu da sua dignidade para ajuntar a sua voz de cana-rachada áquelle concerto de improperios; mas á sucapa açulava os garotos, e escancarava a bôcca com uma satisfação indefinivel.

O divertimento do povo não durou muito.

Dos primeiros degraus das escadas, um mancebo, que até ahi tinha estado com a cabeça pendida sobre o peito, despertou ao arruído do *crescendo* da algazarra; desceu, e, rompendo por entre a multidão, veio pôr-se diante da feiticeira, quan-

do esta, impellida pela populaça, ia esbarrar de encontro á cantaria onde se achavam empoleiradas as senhoras comadres. Um impulso de generosidade o levava a proteger a desgraçada.

— Oh! o santeiro! — exclamou a senhora Gertrudes, ao passo que o mancebo, que ella designava por este nome, voltando-se para a multidão, gritava com um aspecto ameaçador:

— Que mal lhes faz esta mulher?... deixem-n'a...

— Ui! — atalhou do lado uma velha — o rapazelho tem pacto com a bruxa.

— Deixem a mulher! — tornou elle com soberania.

A multidão recuou um bocado e permaneceu silenciosa movida pelo timbre d'aquella voz imperativa; depois, este raciocinio quasi que correu por todas aquellas cabeças: elle tem razão; mas nós, se desistimos do nosso intento por seu mandado, damos parte de fracos. E os apupos continuaram.

— Obedeçam alli ao apageador das feiticeiras! — gritou uma voz d'entre a multidão; e ao mesmo tempo um chuveiro de pedras e lama voou sobre o esculptor e a mulher do mantéo.

A senhora Gertrudes foi contemplada nesta descarga com uma pedra, que lhe cortou a meio um commento, que fazia á senhora Brazia sobre o que ella chamava loucura do esculptor. Os beiços appareceram, de amarellos que eram, de um ver-

melho magnifico; oscilou sobre a base, e foi rolar sobre a sua companheira.

O mancebo, com a cabeça ensanguentada, cruzou os braços, e voltou-se para a turba, como para lhe exprobrar aquelle acto de covardia.

N'este momento um tropear de cavallos fez convergir a attenção de todos para outro lado, e no meio do silencio, que a curiosidade produzira, de novo destacou uma voz arrogante. Era a do homem encontrado no capitulo antecedente a descer pela estrada de Villanova, que cavalgava a par do conde de Miranda, seguido pelo seu companheiro de jornada; era a de Francisco de Lucena, secretario do conselho de S. M. Filippe IV de Castella.

— Arreda, arreda! — gritou elle, ao mesmo tempo que o conde de Miranda, chamando pelos soldados, que mettidos entre a multidão se tinham contentado em ser inermes e mudos espectadores da scena que descrevemos, lhes dava ordem de desviar o povo.

Este abriu immediatamente caminho, e os dois cavalheiros seguiram a passo e conversando pela rua da Senhora do Ferro. O terceiro, o mais moço, Filippe de Lucena, levava os olhos pregados nas varandas cobertas de mulheres, e fazia caracolar o seu cavallo com uma destreza admiravel. O tempo decorrido desde a sua chegada até então levára-o a enfeitar-se; e guapo como ninguem ia elle, frizando com a direita o annellado bigode, em quanto com a esquerda sopeava o seu cavallo.

Ao chegar á casa que estava junto da escada, do lado de cima, Filippe parou repentinamente, fitando uma moça, que assomava a cabeça por entre uma adufa. Essa moça tinha pouco antes seguido com um ar de interesse as acções do esculptor, e machinalmente fitara um dos interruptores. O olhar do mancebo devia ser bem expressivo, que ella baixou os olhos, fazendo-se vermelha como uma flor de romanzeira; mas, como levada por um impulso irresistivel, tornou a olhal-o, e acompanhou-o com a vista, logo que elle, chamado pelos seus companheiros, os seguiu.

Quasi no fim d'essa tão curta rua, Filippe de Lucena tornou a olhar para a rectaguarda, e ainda os seus olhos encontraram os da gentil donzella da adufa.

Ao mesmo tempo uma voz gritava:

— Ahi vem a folia.

Com effeito, do lado do Souto via-se surgir a vanguarda dos foliões, composta de um bando de homens e mulheres, vestidos uns de moiros, outros de indios, e que, por causa do acanhado da rua, vinham a um de fundo, tregeitando e saltando ao som de uma banda de musica, que hoje passaria por detestavel.

III.

MARIA ALDOAR.

Non potest esse fœmina perfecte pulchra nisi sit et pudica.
(PLOTINO.)

DEIXEMOS a cavalgada, os foliões e os espectadores seguirem — aquelles pela rua acima; d'estes uns subirem aos trambulhões as escadas; outros correrem pela estreita rua que fica ao-pé do chafariz; outros ainda pela Bainharia e Sant'Anna — levados pelo desejo de penetrarem no recinto, onde se eleva o tablado, anciosos por verem a dança e o auto dos Reis. A dança não vale a pena de ser vista, nem o auto admirado. Uma era um tregeitar descompassado ao som de uma banda de musica, onde os instrumentos de cobre e os tambores predominavam, como n'uma opera de Verdi;

tudo acompanhado de esgares e ademanes, que faziam parecer estreitas as enormes bragas e corpetes dos bons burguezes, e retezar o justilho das suas amaveis consortes; o outro era um desconchavo metrico de um auctor, que não pôde conseguir fazer chegar o seu nome até nós, todo recheado de palavras e scenas, que hoje, bem como os esgares da dança, passariam por indecentes.

É uma verdade incontestavel a do mestre Spinosa, quando diz, por estas ou por outras *palavras*: «que a corrupção e o luxo tornaram mal soantes expressões que não offendiam os mais castos ouvidos em melhores tempos»; pois os burguezes riam a bom rir, os que, entrincheirados nos portaes, debruçados nas janellas e sacadas, *podiam* contemplar este mimo do senado; que os outros esbravejavam, estendiam a cabeça e suavam, fazendo coro nas grandes gargalhadas, cujo motivo perguntavam aos seus companheiros de infortunio, e alguns, mais positivistas, em geral os de extramuros, tratavam de romper para fóra da praça, o que não deixava de augmentar a confusão, para irem nas proximas tavernas confortar o estomago e alegrar a cabeça.

Se quizessemos fazer uma segunda á senhora Anna Gertrudes, que não descoroçoada da primeira tentativa, apezar do amarrotado dos queixos, para lá se foi dirigindo com as suas dignas companheiras, e que por um acaso pôde arranjar uma posição soffrivel, mesmo ao-pé do palanque, descreveriamos

o que ella narrava pela sexta ou setima vez: os assumptos dos pannos d'arraz, que se baloiçavam, como já dissemos, estendidos das janellas do senado, e sobre o theatro provisorio. Era um gosto vêl-a explicar como o sancto rei David se tinha enamorado de uma dama do paço, cujo marido mandára matar, e outros factos do imperador Salomão e da rainha Esther, embasbacando sempre que chegava a um Acteon surprehendendo Dianna. Tinha sido um desacerto do armador aquella pintura pagã, mesmo entre a passagem dos meninos de Babylonia, e a morte do monstro de Rhodes, passagem conhecida da Senhora Anna Gertrudes. A erudição descriptiva da donzella achava uma lacuna, que a fazia desesperar. Que era o diabo tentando uma sancta, não punha ella duvida; agora a qual, é que não podia dizer, affiançando sempre ás suas companheiras ter o nome debaixo da lingua.

Deixemos porém a festa, o auto e as explicações da palradora comadre, e vamos fazer uma visita á linda moça, que tanto attrahiu a attenção de Filippe de Lucena.

A noite tinha cahido. Em um dos quartos da casa que existia então, formando esquina para a rua, hoje do Ferro, e para o largo de S. Sebastião estava a sobrinha da senhora Perpetua Freire. O quarto, ou, para melhor dizermos a sala era vasta e o soalho estava limpo, que, expressão da boa velha, se podia comer nelle. As paredes eram forradas de castanho, com apainelados em que o lustre da arte

tinha sido substituido pelo que lhe dera a mão do tempo. Do lado do largo havia uma pequena varanda de pau, coberta de grades verdes, de cima abaixo, e com uns postigos de alçapão, que a esta hora estavam fechados. De verão, aquellas grades, adornadas com as folhas d'uma parreira, que até lá se erguia, apresentavam um aspecto extremamente pictoresco, enlaçando-se os braços da vide com as flores da madre-silva, disposta em um pequeno caixão posto a um lado da varanda, e deixando transparecer no seu xadrez uma moita de flores de goivos. Do lado opposto via-se uma commoda. Era um traste respeitavel pelo seu material e trabalho. Feita de madeira do Brazil, ainda então pouco empregada, mostrava por toda a parte os seus marchetados de latão e marfim, devidos, na apparencia, a um artista de gosto. Este traste era, com alguns outros, o testemunho de passadas grandezas. Cobrindo a commoda, desdobrava-se um pedaço de damasco verde franjado, e sobre este sobresahiam alguns objectos curiosos. No centro, debaixo de uma redoma de vidro, via-se uma estatuasinha da Virgem, em marfim, trabalho da India, dourados os cabellos e os arabescos do manto; aos lados, poisavam um cocar de pennas de aves d'America, despojo de algum cacique, dois idolos chinezes de massa d'arroz, uma pequena caixa de charão, duas jarras da India e dois castiçaes de latão, que não se envergonhariam de figurar a par das mais bellas obras de bronze da actual industria parisiense. Todos estes

trastes eram uma especie de historia de familia. Sobre aquelle pedaço de damasco, entre as jarras e castiçaes, repousava, representado por aquelles objectos, o livro da vida da senhora Perpetua Freire. E o caso é que a velha não os podia vêr sem que seu rosto tomasse uma expressão de melancolica saudade. Eram presentes de Roque Aldoar, seu irmão, e de Pantaleão Homem Freire, seu marido, que tinha peregrinado pela India e pelo Novo Mundo.

Roque Aldoar morreu em Flandres, deixando a fortuna de um soldado... a caza que herdara de seus pais; o esposo da senhora Perpetua morreu na terra natal, deixando os bens, que póde deixar um homem que vai para o Mexico escrever *aphorismos*, e um nome, que lhe sobreviveu alguns annos.

No fundo da sala via-se uma porta larga, coberta por uma cortina de téla branca que nem os pincaros do Marão, quando no inverno o sol reflecte no seu sudario de neve. A cortina estava apanhada, e deixava vêr um leito torneado, que occupava toda a alcova, sobre cujo fundo de madeira escura dèstacava um pequeno crucifixo de metal prateado, uma concha soberba a servir de reservatorio de agua-benta e uma palma já murcha. Sobre a cama estava sentada Maria Aldoar.

Ao reflexo da luz, que ardia sobre um velador, envolta em um longo penteador branco, tão longo, que não lhe deixava ver os pequenos pés, a donzella parecêra a estátua de um anjo talhada em jaspe ou marmore branco, se não fôra o ondear

do peito e aquellas madeixas tão negras, tão sericas, que com uma das mãos tentava ageitar, segurando-as na parte posterior da cabeça. Os cabellos ainda estavam de um lado em pinhas de cachos, longos, ondulantes, segundo uma moda, que ainda era o espanto das comadres do bairro, quando já passava por velha na côrte e por muito vista entre a limitada aristocracia da terra. Parecêra um anjo de alabastro, se não foram os seus olhos castanhos, que a sombra de longas pestanas tornava pretos inteiramente; humidos como os de uma creança; com uma expressão tal, que a tornava radiante de formosura, e lhe dava uma meiguice que prendia o coração de quem a via.

Ha certas mulheres que são bellas, formosas, de uma carnação e fórma acabadas, e que comtudo não despertam em nós sensação alguma. Diante dellas o homem pára como diante de uma estátua de Venus: admira-lhes a fórma, e sente que Deus as não animasse. Outras ha em que o perfil é correcto; a tez mimosa, como as folhas das rozas de-todo-anno, os olhos de fogo; porém esse fogo, que nos faz subir o sangue á cabeça, doudejar, não aquece, nem de leve sequer, a alma. A estas mulheres falta essa expressão que Maria Aldoar tinha nos olhos e em todo o rosto em subido grau — um mixto de severidade, meiguice e pudicicia. A pudicicia é a alma do verdadeiro amor — a pudicicia, não o arrebique que lhe toma o nome. — Maria tinha os olhos tão meigos, tão scismadores que attrahiam, captivavam,

e ao mesmo tempo essa severidade casta que impõe receio e adoração.

Se o leitor, ou leitora já viu em algum quadro da eschola gothica o rosto de uma Virgem ou de anjo, póde conceber uma ideia da donzella que nos esforçamos por desenhar. A pintura, ao sahir das faixas, teve mais alma, mais pensamento que no seu apogeu. As virgens de Raphael são bellas e perfeitas; mas têem mais de mãe, que de virgem: podiam muito bem ser divindades do paganismo, ou qualquer outra cousa. São o retracto da Fornarina, da amante voluptuosa do pintor.

Áquelle rosto levemente pallido, áquelles olhos orientaes, abertos em fórma de amendoa, ao oval um pouco cheio do rosto, que ajudava a dar-lhe um ar infantil, á fronte espaçosa, não excessivamente, polida, branca ajuntae uma bôcca, que as invejosas da visinhança chamavam grande; mas que era de um córte, de um desenho encantador. Dava-lhe um ar entre o risonho e o pensativo, que prendia.

A bôcca e os olhos passam por ser a expressão da alma, o espelho do coração: em Maria Aldoar, não mentiam elles; e raras vezes ou nenhumas mentem.

Era de estatura mediana, mais alta que baixa, e as mãos extremamente delicadas; pequeninos os dedos, estreitos e perfeitamente torneados. Hoje, no meio de uma sala, notar-se-lhe-ia um grande defeito. Não sabemos se o era. O andar não tinha

essa ondulação requebrada, que assemelha as raparigas a bailadeiras. Porém não tirem d'aqui por conclusão os leitores que a nossa heroína *poisava* mal, que se enganam. Andava um pouco direita; mas se era defeito, ficava-lhe bem. Assentava-lhe o «*incessu patuit dea*» de Virgilio.

Maria Aldoar parecia absorvida extremamente, mais do que na sua tarefa, em outra qualquer da imaginação, pois que os dedos ficavam-lhe amiudo parados entre as madeixas de cabellos, ou sobre o regaço. De vez em quando, a cabeça pendia-lhe, e, se tornava a si d'aquella abstracção, um ligeiro suspiro lhe fazia altear o seio, e entre-abrir os labios. A continuação d'este estado despertou a attenção de um ente, que estava assentado aos pés da cama e meio-occulto pelo cortinado. Com a pouca claridade que havia na sala, quasi se não conheceria a sua existencia alli a não ser o brilho de dois olhos, que destacavam por debaixo d'um enorme lenço vermelho, amarrado em fórma de turbante. Estes olhos eram de uma velha escrava, presente que em melhores tempos o marido da senhora Perpetua fizera á filha do seu cunhado. A negra levantou a cabeça, cessou de resmungar *padre-nossos*, e com expressão de carinho perguntou á linda moça:

— A menina tem alguma coisa?

Maria estremeceu sobre a cama, e depois, com um sorriso, redarguiu:

— Nada, nada, Thereza. Porque perguntas isso?

— A menina está ahi ha tanto tempo, e parece que lhe dóe alguma coisa... suspira!

— Eu! — disse com uma expressão de espanto, Maria Aldoar — eu não tenho nada... ou não sei o que tenho. Parece que ha aqui falta de ar, Thereza?

— Falta de ar, menina! — exclamou a negra. —Louvado seja Deus! ha ar até de mais: eu tenho frio... É que tem alguma coisa.

— Não tenho nada... nada, Thereza.

E, despertada pela conversa da velha escrava, levantava a fronte, sorrindo, e entrançava com velocidade os cabellos para se lhe não embaraçarem a dormir.

Pobre innocente! No peito existia-lhe, havia tempos, uma coisa que ella não podia comprehender. Sentia uma molleza, uma preguiça, como ella dizia, extraordinaria; e por vezes o sangue fervia-lhe nas veias, e affluindo ao coração, parecia suffocal'-a. Estas sensações eram-lhe agradaveis e desagradaveis ao mesmo tempo. Ás vezes, pela manhã, quando se punha a olhar da pequena varanda o tecto azul do ceu, os corutos de algumas arvores corpulentas dos quintaes das azenhas do rio-da-Villa, vinha-lhe uma alegria tão suave, tanto!... e sorria para o ether azulado em que parecia descobrir bellezas nunca sonhadas; encantavam-na as avesinhas que esvoaçavam; encontrava harmonias nos sussurros vagos da natureza, no ciciar da viração: outras, á noite, ao fitar a lua, ou Vesper,

essa estrella a qual todos nos seus primeiros annos têem votado affeição, vinham-lhe as lagrimas aos olhos, e chorava — um choro tão agradavel — E no fim ficava espantada, e dizia comsigo: Estou doida!

— Talvez o sol lhe fizesse mal esta tarde; estava muito calor... para inverno...

— Eu não tenho nada, boa Thereza; quantas vezes t'o hei-de repetir? — replicou a filha do senhor Roque. — Olha! não tenho nada.

E sorria, mostrando os dentes brancos como jaspe e fitando a velha escrava.

— Nunca vi tanta gente! — continuou esta. — E os foliões iam engraçados! A senhora tinha-me dado licença de ir ver o palanque, e aquillo lá era um louvar a Deus... como formigas. Levei encontrões e trilhadellas bravas, de ver as estrellas, e quando chegaram lá uns figurões estive para ficar debaixo de um cavallo.

— Coitada! — murmurou Maria Aldoar.

— O cavalheiro era um rapaz tão bonito, que podia fazer de S. Jorge na procissão de Córpus — disse, continuando a sua narração a escrava; — olhos castanhos, cabellos negros... um mocetão!

E proseguiu mudando de expressão de voz:

— Já viu umas bragas como as que elle levava, estreitas, com uma fila de botões brancos e aquelle folho lizo, direito, com uma espiguilha doirada na ponta? A capa era tão bordada, que se não sabia se era rôxo o fundo, se de oiro, e tão curtinha! E o gibão tão largo, todo desapertado em baixo,

e a deixar ver uns molhos de renda e fitas!... Que moda tão exquisita!... Pois se não fosse elle, como ia dizendo, puchar pela rédea ao cavallo a ponto de o sustentar em pé... pobre da velha Thereza! E elle depois ria-se... ria-se...

A negra estacou; fitou de novo a sua amazinha, e viu que um ligeiro rubor lhe coloria as faces.

— A menina tem alguma coisa, e não o quer dizer para não dar cuidado.

— Não tenho nada. Tens hoje exquisitices, Thereza. Ha um bom pedaço que estás a teimar que estou mal, e não sinto coisa alguma. Vai-te deitar, vai, Thereza. Está frio, dizes tu...

— Ainda a menina se não deitou: póde precisar de alguma coisa... e ainda hei-de accender a lamparina.

— Pois accende, accende, que tenho muito somno, e deita-te. Sim?!

Era uma mentira innocente a que pronunciara Maria. O somno não é que a fazia mandar retirar a velha escrava com quem tanto conversava á noite, depois de concluida a sua tarefa e rezado o terço no quarto da sua tia, unica coisa de que a senhora Perpetua a não dispensaria, senão em grave risco de vida; não era o somno: era o desejo de ficar só, para rir, ou chorar, para poder desabafar do peito um pezo que a opprimia.

A escrava, depois de algumas palavras mais, sahiu, deixando a lamparina acceza sobre a commoda, diante da Virgem, e levando o castiçal. Maria

ficou só. A cabeça pendeu-lhe de novo sobre o peito, e assim permaneceu por muito tempo suspirando de leve. Estava quasi a acreditar, que a velha escrava tinha razão, que estava doente. Quiz rezar, como costumava; porém as orações eram cortadas e interrompidas a cada passo por uma distracção estranha. Pareceu-lhe que a luz lhe feria os olhos, e que a solidão não era tão completa como o cançasso do seu espirito exigia: levantou-se e foi apagar a lamparina.

D'ahi a um bocado, assentada na cama, via passar adiante dos olhos, em um rodopio vertiginoso, milhares de pessoas a correr, a correr, e um cavalheiro sempre o mesmo, que a fitava de um modo que lhe fazia arder as fontes; e de tempos a tempos o rosto pallido do esculptor, que a contemplava, e que, mal ella o olhava, deitava as vistas ao chão.

Porque lhe appareciam essas figuras? De um era ella amiga: sympathisava com o esculptor, de quem não ouvia dizer senão bem, e não sabia porque o pobre rapaz fugia d'ella; o outro, vira-o essa tarde, tão guapo, tão guapo!

Mas que lhe importava o nobre senhor, que devia de ser bem rico, bem nobre! pensou ella, e nestas reflexões desatou a chorar.

O que tinha não o sabia bem a filha do senhor Roque Aldoar, que entrava nos dezeseis annos ou dezesete (aqui não estamos certo); mas não ha-de ser difficil de acertar ás nossas leitoras.

IV.

AMOR E DESEJO.

El amor y el apetito,
Lisis, tan distantes son
Que al uno culpan por vicio,
Al otro adoran por Dios.
(Conde de Rebolledo.)

Quem da rua Chã seguir para baixo, para o largo de S. Sebastião, notará na rua do Ferro uma pequena capella de que ainda ha pouco se contavam historias fabulosas de apparições, de ruídos nocturnos e tirlintar de cadêas, com grave prejuizo dos donos dos edificios contiguos, que nem de graça achavam locatarios. Ao-pé desta capella existem as ruínas de uma propriedade, ruínas que se vêem atravez de uma porta aberta no muro levantado no alinhamento da rua. O que os leitores podem acreditar é que nem sempre assim existiu em ruínas. Na épocha em que se passa a veridica historia, de

que apenas somos humilde narrador, alojava-se alli uma das pessoas mais notaveis do bairro e até, se quizerem, da cidade.

A importancia d'esta pessoa tinha muitas causas. Os vizinhos conheciam-na por um homem honrado, temente a Deus e de uma rotundidade sufficiente para servir de passaporte ordeiro; por um homem de poucas palavras, porém severas, regradas e de cujo comportamento ninguem tinha a boquejar. A nobreza da terra, que não era muita, e os estouvados, que tambem eram poucos, conheciam-na pela habilidade com que preparava pasteis, tortas e outros guizados, que embrulhava em canella, cravo, assucar, mel e mil outras especiarias indicas, como bom filho que era de um paiz, que tinha mandado tantos ao Oriente. Era mau gosto da épocha o de tanta especiaria; porém não havia ninguem então que não gabasse um cosinhado de carneiro em que entrava uma amostra de todos os excitantes, que tinham pejado as náus da India, e cuja receita desappareceu completamente, quem sabe se com grande prejuizo da gastronomia. O senhor Bartholomeu de Basto, appellido que tomou da sua terra natal, terra que mais genios tem dado á culinaria e pastelaria portuense, ainda era respeitado por uma certa roda, a das comadres do bairro, classe de gente em que deu o ultimo golpe o jornalismo, tirando-lhe o privilegio exclusivo de commentar os nadas diarios, apresentar a lista dos obitos, nascimentos, macrobios e casamentos, que, va-

lha a verdade, na bôcca d'aquellas gazetas semoventes eram apresentados com mais sal e com uma prolixidade de notas espantosa. Pela bôcca pequena sabia-se entre esta classe, a cuja frente se achava a nossa conhecida a senhora Anna Gertrudes, alguns factos miudos da vida de rapaz do respeitavel burguez, que não o deshonravam na opinião destas solteironas. O senhor Bartholomeu ainda era considerado entre o beaterio espantoso da terra como amigo particular de Frei João de Sancta Ursula, do convento dos franciscanos, de Frei Luiz do Livramento, dos dominicos, como irmão terceiro, e por ter na sacada da sua vivenda, um nicho em que se venerava a Virgem do Amparo, á qual accendia todas as noites uma lampada, e fazia uma festa vistosa no dia das Sete-Senhoras. Como homem publico era o chefe da respeitavel corporação dos estalajadeiros e taberneiros, que o tinham eleito, quasi por unanimidade, bem que verdadeiramente não pertencesse a nenhuma destas classes, participando de ambas. Da bôcca de uma das comadres já ouvimos que era homem de cabedaes, o que faria que ainda hoje fosse respeitado, admirado e louvado, e na sua volta de alguma digressão os jornaes dissessem: «Hoje chegou (de tal parte) o nosso especial amigo, o illm.º sr. fulano. Foi esperado por alguns cavalheiros dos mais distinctos, entre os quaes tinhamos o gosto de nos encontrar.

O senhor Bartholomeu tinha tido uma prova da sua importancia na festa dos Reis, e na volta

para casa não cessara de elogiar a affabilidade do senhor chanceller e as maneiras do illustre personagem com quem pela primeira vez se tinha encontrado face a face. D. Francisco de Lucena mostrou-se tão polido para com os mestres das corporações da cidade, que as ideias do honrado pasteleiro mais se firmaram na disposição ordeira em que tinha sido acalentado pelo tinir das dobras, cahindo na burra ferrea do seu quarto. Embora mestre Duarte Mondim, o latoeiro, lhe prégasse aos ouvidos as suas reflexões sobre a veracidade de certas prophecias que davam a restauração do reino proxima; embora mestre Pedro Braço-forte, o espadeiro do Olival, expendesse as suas patrioticas convicções; embora o doutor Fernando de Andrade lhe tivesse segredado uma embrulhada de cousas, que lhe prognosticavam uma mudança de governo, o senhor Bartholomeu achava que o que estava, estava bem, posto que fosse castelhano, e dizia que á provincia e em especial ao Porto, nenhuns reis tinham dado tantas provas de affecto como os Filippes. Entrou, pois, em casa com um ar grave, como o não tinha na procissão de Corpus, caminhando á testa da sua corporação, como o não tinha mesmo o chanceller nos dias solemnes da audiencia. A barriga dilatava-se nas amplas bragas de panno inglez e no corpete de uma especie de barregana preta, e a cabeça tomara uma posição de altivez que demonstrava á legua que estava contente de si. O moço ficou pasmado por o não ouvir ralhar á entrada; o rapaz

aprendiz por não soffer uma tensão de orelhas, amabilidade com que era gratificado diariamente por coisas que o bom amo sempre sabia esquadrinhar, e a respeitabilissima senhora Roza, que lhe cuidava da casa, pelo vêr passear na sala de um lado para o outro com o seu chapeu pyramidal, adornado com fita larga escoceza de lã, na cabeça, caso estupendo nos annaes domesticos.

— Que terá o senhor Bartholomeu? — perguntou ella ás enormes contas, maiores que as de um cambolojo de derviz, que ao collo lhe pendiam. E com as mãos debaixo do avental parou á entrada da sala, sem se atrever nem mesmo a dar a sua saudação usual: Bemdicto e louvado seja nosso Senhor Jesus-Christo.

Tudo neste mundo tem fim, e a estupefacção da boa mulher não podia ser eterna.

Creou animo, saudou o amo, e, como a estupefacção degenerara em curiosidade, e esta não achava meios de desafogar, meia-rabujenta começou a pôr a meza para a ceia, lançando de tempos a tempos os olhos sobre o senhor Bartholomeu, que não se cançava das suas evoluções lentas e pausadas.

O tinir dos garfos, dos pratos e o cheiro appetitoso d'um prato de cabrito cosido, que a senhora Roza poisara na meza, chamaram-no á realidade: tirou o chapeu, sentou-se e principiou a comer.

— Roza — disse elle depois de ter dado cabo de uma boa porção do guizado; — viste a festa?

— Sim, senhor, da varanda; pois apezar de ter licença para sahir, houve tanta freguezia hoje na sala de baixo, que andei a ajudar o rapaz. A caixa do dinheiro está em cima da arca, e hoje veio recheada a mais não ser. Dei a ceia ao Domingos mais cedo, que o bom do homem tinha precisão de se deitar e descançar: suou pelos quatro costados.

— Hum! — resmungou o amo — Quem estava pela visinhança?

— Quem havia-de estar? A gente era tanta! e, como disse, á janella não estive senão um *credo*, que logar para mais, Deus o déra...

— Alli, em casa da visinha Perpetua, esteve alguem?

— Que eu visse, não: nem mesmo a rapariga que lá está ás vezes com a sobrinha. Mas porque perguntava isso?

A senhora Roza já tinha, h via tempos, avançado esta pergunta, curiosa por saber o que se podia importar seu amo com as visitas da velha Perpetua, pois não dava credito a certos ditos que ouvira na missa do dia. A resposta que recebeu foi a mesma do costume:

— Era por perguntar.

A ceia tinha sido um ponto de transição de um pensamento para outro — da vaidade para um sentimento, uma paixão muito diversa. A posta de cabrito cortara o fio das reflexões pertenciosas do burguez, e apoderara-se-lhe da mente um pensa-

mento que lhe fazia faiscar os olhos, pequenos e esverdeados, incendiar as faces e latejar as arterias frontaes com uma vehemencia incrivel. Os labios finos, sumidos, tomavam uma fórma triangular mais pronunciada que de costume, e os dedos ás vezes tremiam-lhe a ponto de a boa da creada se assustar.

O senhor Bartholomeu deu um suspiro, que mais parecia um arranco, e esfregou e sacudiu a cabeça, como para baralhar as ideias, deitando ao mesmo tempo a mão a um cangirão de vinho de que bebeu um bom trago. Mas nem a sacudidela de cabeça, nem o summo da parra mudaram o curso das suas ideias, ou, melhor, das suas sensações. Ergueu-se, e emquanto a creada levantava a meza foi direito a uma enorme arca de carvalho e tomou uma especie de mealheiro-monstro que sobre ella estava. Tirou do bolso uma chave, abriu-o, e começou a contar lentamente as moedas de cobre e prata que o pejavam. Esta operação era tanto mais lenta que, profundamente distrahido, recontava os monticulos de dinheiro já verificados, e foi preciso um bom espaço de tempo para que podesse atinar com a somma total. A creada retirara-se, arrumada a louça, dando as boas noites, e o nosso homem permanecia diante da meza com as mãos apoiadas na borda e os olhos fixos na parede. A expressão do rosto era variavel. Ora a fronte se lhe enrugava, e um veu de sombras como que lhe descia pelo rosto; ora se irradiava de gozo

e as ventas dilatavam-se, os olhos chammejavam, como se nessa parede houvesse um ser, ou uma coisa que provocasse essas alternativas. Umas vezes parecia o ciume premeditando um crime; n'outras poderia ser tomado como modelo pelo pintor, que quizesse debuxar na tela um fauno descobrindo uma nympha no banho, ou algum dos velhos da casta Suzana. No fim de algum tempo os *olhos* pouco a pouco foram baixando até de novo darem no dinheiro, e o pasteleiro foi abrir a *arca* sem vigiar se alguem espreitava, coisa que lhe acontecia só havia semanas. Aberta a arca, *foi* preciso abrir um novo caixote de ferro que existia dentro. O idolo estava alli; mas esse idolo já não tinha o culto de outras eras.

Quantas e quantas vezes alli tinha permanecido horas e hóras, prostrado de joelhos, *mudando* os olhos dos castellos de prata, para os castellos de oiro, afagando-os, contando-os, limpando-os, fazendo-os tinir e até beijando-os. Tanta adoração já não existia, mas Plutus era ainda reverenciado.

Do lado da rua ouvia-se um soar de instrumentos e canto. O bom povo portuense tinha-se divertido tanto de dia, que aquelle descante era talvez o unico com que agora festejava a commemoração da visita dos Magos ao Redemptor dos homens. O senhor Bartholomeu não despertou áquella toada conhecida e festival. Permaneceu algum tempo fitando as moedas de oiro, e depois de um curto intervallo deu uma pancada na testa.

Archimedes não fez de certo um gesto mais expressivo ao gritar — *eureka!*

O pasteleiro não fallava grego, nem mesmo disse em portuguez «*achei!*» Murmurou um nome, atirou com a colheita do dia para dentro da arca, e fechou-a.

O oiro tinha-lhe communicado um pensamento que achava luminoso, e que por um acaso ainda lhe não tinha rastejado pela mente.

D'ahi a pouco revolvia-se no leito, victima de uma insomnia.

Ao tempo que isto se passava, no principio da rua da Bainharia, quasi á esquina do Souto, no primeiro andar, occupado por uma sala espaçosa e nua, velava o mancebo que vimos proteger a mulher que o povo apupara, a bruxa. Pallido, de olhos castanhos, pelas dobras de um lenço manchado de sangue, mostrava algumas madeixas de cabello louro, de réflexos cinzentos, como o bigode que lhe cobria os labios, fino, lustroso, a primeira penugem da adolescencia. Tinha uma physionomia singular, intelligente e melancholica ao mesmo tempo. Com a cabeça apoiada nas mãos, sentado em um tamborete, olhava para uma estátua de madeira que assentava sobre um outro banco a um lado da sala.

Essa estátua era a da Esperança. Capricho de esculptor, tinha azas e parecia querer soltar o vôo, sobraçando a ancora symbolica, e apontando com a direita para o céo. O rosto ainda não es-

tava encarnado, mas polido com capricho, e a côr da madeira não deixava de lhe dar um todo singular. As feições que o artista tirara do lenho eram um typo de candura e severidade ao mesmo tempo; e poderiam ter notado as pessoas que viam as obras do moço esculptor, que, havia tempo, todos os seus rostos de mulher seguiam a mesma fórma. Na parede, a carvão e a lapis, estavam desenhados perfis identicos.

O mancebo fitava a sua obra e exprimia no semblante uma alegria e mágoa difficil de explicar. Se se visse a um espelho poderia approveitar aquella expressão para uma estátua da Saudade; mas não era saudade o que sentia. Nos olhos tinha o quer que fosse de luminoso e radiante de alegria; no apertado da bôcca, no resto do semblante uns longes de tristeza e dôr. Os martyres do christianismo, vendo diante de si os aprestes dos tormentos, deviam de fitar assim a abobada azulada, onde em breve iam ser acolhidos pelos coros dos anjos. O que soffria era um martyrio e um prazer.

De tempos a tempos suspirava; mas os seus suspiros, não eram como os do senhor Bartholomeu, violentos, cavernosos.

Do sentimento do filho do senhor Thomaz Lever ao do velho Bartholomeu de Basto ia uma distancia incommensuravel, apezar de ambos terem sido impressionados pelo mesmo objecto. Este tinha-se curvado ante os altares do filho de Venus;

sagrara a Cupido — o desejo; aquelle a uma divindade mais pura, mais sublime, que tambem era o amor, amor, porém, que podia ser representado por essa estátua que tinha diante dos olhos, se em vez de soçobrar o symbolo da esperança, espargisse flores no seu trilho. O sentimento que dominava o mancebo elevava-o da terra, fazia-o scismar nessa abobada para onde a estátua parecia apontar; impressionando-lhe fortemente a alma, absorvia esta as faculdades da materia; anniquilava-a a ponto de, nos momentos em que a lembrança fazia pairar diante de seus olhos o ente que amava, o fazer cahir em um extasis, como o que então sentia. O que o impressionara tinha sido primeiro o «*não sei que*», ainda não definido, isso a que chamam sympathia; tinha sido depois um olhar meigo e brando, onde se via retratada a bondade, e que lhe fazia imaginar a alma mais pura da terra. O que ferira a imaginação do pasteleiro fôra um collo branco, assetinado, uma morbidez de fórmas, um peito alto, voluptuoso no arfar; foram os sonhos de delicias possiveis, que lhe escaldavam o sangue. Um desejava a flor pelo colorido, outro pelo perfume.

O que ambos sentiam era o amor?

Pelo menos ambos o acreditavam, ambos o diziam para si baixinho: um porque julgava que a sua idade, a sua posição no mundo tornavam ridiculo similhante sentimento; porque se envergonhava do que sentia: o outro, porque desejava

que ninguem soubesse d'esse segredo da sua alma; que ninguem profanasse com um dito essa paixão pelo ente que julgava o mais perfeito da terra; porque a adoração o retinha atemorisado como ao neophito ante os umbraes do templo Isis, como o pagão ante a bôcca da caverna de Dellos; porque se julgava humilde para poder patentear uma tal ambição.

Oh! direis vós, leitor — um amava como toda a gente; o outro...

Um amava, respondo-vos, outro desejava. Em ambos a paixão era de egual força, de egual vehemencia; mas as sensações d'uma são bem mais agradaveis, bem mais longas e mais puras que as da outra.

O filho de Thomaz Lever, Phebo, nome, mais que no presente, então vulgar, por longo tempo permaneceu na contemplação em que o encontramos. As reflexões que aquelle divagar lhe suscitava, traduziam-se-lhe na expressão do rosto de tal fórma, que, sem errar, aqui as poderiamos appresentar, seguindo todas as suas phases de angustia, de alegria, de duvida e de esperança. As horas passavam imperceptiveis para elle; eram minutos ou menos ainda; a ferida aberta na cabeça nem a sentia. A luz de um enorme candieiro de latão bruxuleava no ultimo arranco, fazendo dançar na parede a sombra das estátuas acabadas ou imperfeitas, que sobre bancos se viam na sala. A mão da Esperança, na sombra, de vez em quando

parecia erguer-se, levantar-se mais. Os ultimos ecchos da musica dos Reis tinham expirado de ha muito e apenas o sussurro do rio, na levada das azenhas, soava monotono, testemunhando a vida da natureza.

Phebo levantou-se e atravessou a sala pausadamente. Um rugir de téla se sentiu de uma das alcovas, e uma voz de mulher se fez ouvir, fraca e carinhosa :

— Filho, não te deitas? Basta de scismar : matas-te com as tuas obras... e olha que, bem acabadas ou mal acabadas, não te darão mais nem um real.

— Sim, senhora mãe, já vou — redarguiu Phebo — é que...

— É que é muito tarde — atalhou a voz; — parece-me que já ouvi cantar o gallo.

— Ainda não, minha mãe.

— Vamos, deita-te.

O esculptor tornou para defronte da estátua e curvou-se ante ella, como se já fôra benzida. Como Pygmaleão adorava tambem a sua obra, mas pelas recordações que lhe ligava. Depois pegou em um pedaço de giz, que tinha em cima da meza, e traçou no painel de uma das portas um M e um A, enlaçados como no symbolico brazão da Virgem-mãe as iniciaes da saudação angelica.

A luz deu o ultimo arranco, e a sombra da estátua, que fitava, pareceu que, liberada nas azas, voava para os céos.

V.

O ESCOTE DO POVO.

..... Com gesto grave e honesto veio
Por contentar ao rei no officio novo
A despir e roubar o pobre povo.
(CAMÕES, c. 7 est. 85.)

— MALDITOS sejam!

— É um desaforo!

— Uma pouca vergonha!

— Bem espesinhada anda a gente; faltava mais esta agora. Levaram-nos a melhoria da carne, agora querem levar-nos o resto e o osso.

— Sempre é governo de estrangeiro!

— É como coisa de padrasto, que nunca trata bem os filhos alheios.

Estas e outras exclamações eram soltadas por um grupo de pessoas, que se formára na praça

da Ribeira, quinze dias depois da grande festa dada pelo senado portucalense aos seus honrados burguezes.

— Mas quem te disse similhante coisa? — interrogou um homem de edade, dirigindo-se á mulher que fazia de soprano neste grande concerto de pragas e lamentações.

— Quem m'o disse? Vi com estes olhos, que a terra ha-de comer; ouvi-o eu. Tinha ido ao moínho da tia Zefa levar a fornada e estavamos conversando, quando ouvi... *ra-tam, tam-tam*. Sahi a ver o que era. O som vinha do lado de cima, de S. Domingos. Dei uma volta a correr e zas... chego á praça. Estava lá alguma gente ainda; mas os do bando já tinham enfiado pela rua das Flores, para irem pregar os papeis na Porta de Carros e na de Santo Eloy. Perguntei então a mestre Simão Barradas, o barbeiro d'ao-pé do convento, e elle me rezou tim-tim por tim-tim a ordenação do senhor rei...

— Rei! rei! rei de Hispanha, que não nosso! — resmungou, atalhando, um barqueiro, que arregaçava as mangas da camiza com um ar decidido.

— Caluda, homem — exclamou o velho a meia-voz — pela bôcca morre o peixe.

— Quanto por maçaroca? — perguntou uma fructeira á narradora.

— Meio real de cobre!... Um real — redarguiram ao mesmo tempo duas vozes femininas.

— Então fallam vocês, ou fallo eu! — gritou

cheia de importancia a narradora! — Fui eu, ou quem foi que ouviu o bando?

— Então sempre ouviu o bando, senhora Crispina?

— Senão eu, mestre Barradas; e olhe que é homem que retém quanto ouve ou lê. Sabe de cór muita trova e motete, e faz as contas ao tendeiro da esquina... não é lá quem quer! E bom mesinheiro é elle como o physico mais pintado!

— E quem lhe diz o contrario? — tornou o velho.

— Mas então quanto é? — tornou a interromper uma outra mulher.

— É um real; mas diz-se — tornou ella, fallando com voz surda, como se tratára de um grave mysterio — que é um pretexto para confiscar tudo, até a camiza do corpo. Mestre Simão ouviu isto ao doutor Fernando de Andrade, que é seu freguez, e que já estava no segredo do negocio ha dias.

— A ultima camiza? — murmurou uma velha esfarrapada — credo!

E persignou-se.

— É tal e qual, como lhe digo — querem dar cabo do povo, da arraia; que lá com os bogalhudos andam feitos os do governo: comem a meias. E senão é ver como os vereadores e o juiz do povo lhe approvaram logo o peditorio.

— Tem razão: querem dar cabo do povinho!

— Eu cá não pago, — gritou uma regateira meneando a roca no ar — quebro-a na cabeça do

aguazil que pelos direitos vier... e que me lancem mão dos trapos !

— Que remedio tem a gente senão pagar !

— Não já eu — tornou a outra, pondo as mãos na cinta, e começando a cantarolar com um gesto de desdem, depois de ter tornado a enfiar a roca no atilho da enorme algibeira que lhe pendia ao lado, com um ar como de quem embaínha a espada depois de uma façanha.

— Um real por maçaroca, senhora Crispina ? — acudiu outra — é para dar com o fiado em droga ; é tirar o pão da bôcca á gente ! Isso não póde ser.

— Não póde ser, santinha ? Eu não sei mesmo se são dous ou tres ! — redarguiu a interpellada agastada pela duvida da mulher, e mesmo prevendo que o augmento do tributo contribuiria para a sua maior importancia.

As attenções de que era alvo havia um quarto de hora, em que todos lhe dirigiam a palavra ; o terem n'ella os olhos fitos, como se fôra quem tivesse causado tal calamidade, ou lhe podesse dar remedio, tinha enxertado uma pouca de vaidade no coração da conhecida do barbeiro d'ao-pé de S. Domingos. Demais a senhora Crispina tinha a bossa de novelleira politica, mal desinvolvida pelo atrazo dos tempos; mas se viesse ao mundo neste seculo de gaz, e trajasse calças, havia de ser um dos mais admiraveis e escutados espalhadores d'essas bombas de espuma, chamadas «boatos» que ao

rebentarem no meio de uma multidão fazem ás vezes mais effeito que as de ferro. A senhora Crispina, pois, deslumbrada pela sua posição, continuou, voltando-se para os seus espectadores e perguntando com um modo de quem consulta os seus fieis vassallos:

— Então que havemos de fazer?

— A coisa é facil — disse um galeote agitando um remo.

— Leva-os a breca, se veem ler o seu aranzel cá para a baixa.

— Vão ao rio — pipitou uma peixeira.

— Ao rio, ao rio! — vozeou a turba que attrahira a narração da senhora Crispina, quasi tudo mulheres.

— Oh! o pregoeiro leva-se alli para a forca... para os Guindaes, e havemos de ver o effeito que faz esperneando com um nó de corda no pescoço.

— Não querem linha, dê-se-lhe corda! — disse outra; e um chuveiro de risadas e applausos abafou um outro dicto da senhora Crispina.

— Que venham, que venham! — gritaram muitas, dirigindo-se para a emboccadura da rua dos Mercadores — que venham, que esganamos aguazis, pregoeiros... e vereadores até!

— Não, não! tudo á agua!

— Á agua; e como está frio não se constipam.

— Vamos á camara!

— Sim, á camara, e enforcamos o pregoeiro.

— E os vereadores nas suas garnachas negras!

— Empalamos os quadrilheiros nas grandes alabardas que trazem.

— Enterramos os corregedores, que já andam amortalhados em vida como os farricocos.

— E os juizes!

— E o chanceller!

— E o juiz do povo... bom juiz, que nos deixa esfollar sem tugir nem mugir!

— E o tal figurão de Castella ou de má morte?

— Sim, sim, esse sobre todos; morra o castelhano!

— Eis-ahi o senhor Bartholomeu! — gritou um calafate, apontando para o lado da Ribeira — elle ha-de saber isso melhor.

E a multidão começou a apinhar-se em volta do pasteleiro, que, vindo do lado da porta da Lingueta, se dirigia para o seu bairro, e afroixára o passo ao ver que aquella chusma cortava a entrada da rua que demandava. A primeira pessoa com quem deu de cara foi um taberneiro, que, como conhecido do mestre da corporação, tinha sido encarregado pela mais gente da indagação do facto, que já devia passar por mais que certo, não só porque a senhora Crispina, a Choca, o dissera, mas porque tinha sido já relatado por mais algumas pessoas recem-chegadas do outro extremo da cidade, onde se lançava o bando. O taberneiro torturava ainda nas mãos as grandes abas do seu enorme chapeu, quando foi interrogado pelo mesmo a quem se dirigia em nome das honradas peixeiras, fru-

cteiras, galeotes, barqueiros, e calafates da muito nobre cidade do Porto.

— Que é isto aqui?

— Que ha-de ser? — responderam seis ou sete vozes a um tempo — querem-nos chupar o sangue com tributos.

— Falle cada um por sua vez! falle um só — disse o pasteleiro com ar de soberania — Que tributos ou historias são essas?

O chefe da corporação dos taberneiros fazia-se de novas. Para elle já estava claro o motivo do alvoroço do povo; comtudo julgou prudente fingir-se ignorante n'esse ponto, e mal avisado não andava á vista da gente, que tinha pela frente, e do rio, que corria na rectaguarda.

— Lançaram-nos um tributo de dous reaes sobre cada maçaroca que fiarmos — grasnou uma regateira.

— Levam-nos dez reis pelo fiado — esganiçou-se outra ao mesmo tempo.

— É um real — gritou a Choca, fazendo com as suas collegas um unisono perfeito.

— Então! — exclamou o pasteleiro!

E a mesma algazarra proseguiu.

Se não estivesse inteirado do tributo, nada comprehenderia; mas a interpellação, já o dissemos, tinha sido uma formalidade.

— E agora que querem fazer? — perguntou elle na primeira pausa que encontrou naquella torrente verbosa.

— Enforcar os quadrilheiros e o pregoeiro, e não deixar lançar similhante bando — redarguiu o galeote de remo, o mais decidido da turba.

— Attentar contra a justiça ! — exclamou o senhor Bartholomeu — estão doidos !

— Qual doidos, nem meio doidos !

— Sim — tornou o burguez — vocês que não têem que perder, nem leira nem beira, fazem os motins e assuadas, e a gente que o pague depois.

— Não temos que perder? — replicou a Choca — então não perdemos o suor do rosto... não nos levam o que ganhamos em dízimos, em portagens... mais para aqui, mais para alli ! E agora até o triste fiado ha-de dar para elles comerem !

— As necessidades do estado... a guerra...

— Qual guerra nem meia guerra ! Guerra e por quem ? — que temos nós outros com as coisas de Flandres, ou lá d'esses paizes de hereges onde nos matam a gente ? De lá vem especiarias e riquezas como das Indias — murmurou um velho marinheiro, mesmo da rectaguarda do pacificador. — Que temos nós com Castella e as coisas dos castelhanos ?

— Sim, sim ; que temos com a guerra dos castelhanos ? — berraram em coro todas aquellas laringes possantes.

O povo não admittia a grande necessidade que Francisco de Lucena exposera aos vereadores e mestres de corporações da cidade : a palavra que entre os honrados e barrigudos burguezes

fizera tamanho effeito tinha gorado completamente entre a gente da Ribeira. O grito de «morra Castella» surgiu então d'entre a multidão. O orador viu compromettida a sua dignidade politica e a sua pelle ao mesmo tempo, e indeciso se devia de reprimir aquelle grito sedicioso, que bôcca mysteriosa já não era a primeira vez que soltava naquelle dia, ou escapar-se, annullando a sua importancia, murmurou entre-dentes:

— Perros malhadiços!

— Perros malhadiços! — grunhiu uma velha que lhe estava por detraz — Credo! olhem como nos trata! Aposto que é fidalgo, o castelhano! Fóra!

— Fóra! fóra! — uivou toda a turba.

Um cento de punhos femininos, mas musculosos se levantaram. O taberneiro aparou no ar uma pancada, que era dirigida ao mestre da sua corporação, gritando ao mesmo tempo para acalmar aquella agitação:

— Acastelhanado o senhor Bartholomeu? Ora esta! estão doidos: é portuguez e portuguez de mão cheia.

— Que diz, homem! — titubiou encolhendo-se o gordo ordeiro — Eu portuguez?

— Então que é?

— Ai! é verdade — tornou inteiramente perturbado — é que...

— Vejam, vejam — exclamou o galeote — Comece por aqui o exemplo. Os que nos trahem e roubam mais são os de casa.

A praça estava já cheia de gente, quasi toda pertencente á classe pobre. As mulheres corriam de um lado para o outro, formando grupos que logo se desfaziam para engrossarem outros mais além. Nos gestos de todos pintava-se uma exaltação, que denotava que os diques da prudencia, ou melhor paciencia, estavam a rebentar. O respirar açudado d'aquella gente dava á atmosphera esse ar de revolta, que, quando engrossado, destróe thronos cimentados pelos seculos, costumes inveterados, bebidos com o leite desde gerações immemoraveis. Os burguezes que deitavam a cabeça pelos postigos das adufas, recolhiam-nas como um caracol que sentisse picadas as antennas por criança travessa; os que tinham as portas abertas começavam a arredar o museu de amostras, para estarem promptos ao primeiro signal. Um grupo de garotos, previdentes como sempre, patinhavam pela lama que alcatifava a praça, procurando pedras e cacos, de que faziam provisões nos peitos das camizas, e soltavam de vez em quando guinchos, sibilos e risadas desconcertadas. Cincoenta braços se tinham estendido para empolgar o indeciso pasteleiro, que pállido, boqui-aberta, agarrado ao taberneiro perdêra o uso da lingua, como perdêra a cabeça. Movimento de instincto, agarrou, comtudo, com uma das mãos a bolsa de coiro, pendente da esquerda, e que se mostrava gorda a ponto de fazer crescer agua na bôcca — expressão de um pichelciro, que lhe lançava uns olhos como

a moça appetecida; agarrou-a, e apertou-a de encontro ao peito com a força com que o náufrago, vindo á flor d'agua, agarra um cabo de salvação. Em temporal desfeito estava elle. Mais um minuto e seria talvez feito em pedaços para contentar as diversas vontades dos que pretendiam leval-o para o pelourinho, para a forca e para o rio.

O que salvou o senhor Bartholomeu podia passar por um milagre, e comtudo foi a coisa mais natural do mundo. Do lado de cima ouviu-se soar um tambor, e os primeiros olhos que se dirigiram pela augusta rua dos Mercadores, viram descer pausadamente o bando da camara. A multidão, que voltara as costas para a cidade, girou sobre os calcanhares e parou indecisa. Meio quarto de hora antes, quando ainda não tinha tornado a sua furia contra a ordeira creatura do senhor Bartholomeu, o bando não chegaria a meio da rua; agora olhava estupidamente para elle, e a vista de seis ou sete alabardas fazia subir pelo thermometro do medo, a espinha dorsal, um frio desagradavel. A multidão ladeou pouco a pouco, e dispersou lentamente ao chegar um homem, que assentou no meio da praça um enorme banco de carvalho, de cima do qual se devia lançar o pregão. A primeira syllaba do edicto municipal eccoou já em bem poucos ouvidos mais que os do senhor Bartholomeu, que como uma estátua tinha ficado no logar em que os braços musculosos da chusma da Ribeira o deixaram.

O pregão, lançando um tributo sobre as maçarocas, era o resultado dos bilhetes que D. Francisco de Lucena escrevera, na manhã do dia 6 logo á sua chegada. O secretario do real conselho, portuguez de nascença, escurecêra esta nódoa aos olhos do duque de Olivares, rei em nome de Filippe IV, e propuzera-se a fazer como Cezar: *chegar*, *ver* e, em vez de *vencer*, arranjar dinheiro. Isto porém era mais difficil que debellar os gaulezes, podem acreditar os pios leitores. A grande sanguesuga, chamada côrte tinha debilitado muito esse grande corpo chamado Hispanha, e muito mais Portugal. Os cofres havia tempos que abrigavam aranhas como caranguejos, e a festa da camara, posta de prazer lançada ao povo inquieto pelo tacto politico dos edis portucalenses, mais tinha sido feita á custa destes, que dos redditos publicos. As corporações chamadas para carregarem com a responsabilidade de uma nova derrama, tinham lançado de hombro em hombro o fardo da contribuição até recahir em um genero que affectava a classe mais pobre da sociedade. Sobre este tributo, que devia ser começado a receber passados tempos, levantou o secretario uma somma consideravel, abonada — com que vontade podem fazer ideia — pelas irmandades e pelo commercio, somma que devia juntar aos *donativos* dos notaveis da terra e da nobreza de Entre-Douro e Minho.

— Viva o grande rei, S. M. Filippe III de Portugal! — gritou finda a leitura o pasteleiro, sahin-

do do seu turpor e como para se desforrar da coacção em que tinha sido posto pelas corpulentas nayades do Douro, como havia pouco chamara um poeta ás regateiras e peixeiras da Ribeira.

— Viva! — gritaram alguns garotos, sustentando ainda as arregaçadas de pedras com uma das mãos, em quanto com a outra lançavam os barretes ao ar — Viva Filippe III!

As iras populares ficavam adiadas.

VI.

OS ESTOUVADOS.

Clerig — Caza mata el porfiar,
  Como dice el refran viejo.
....
Moço — Quando ella bem vos quizer
  Que me pinguem na barriga.
    (GIL VICENTE. *Os Fysicos.*)

Ao som do sino corrido das freiras de Santa Clara, que um sudoeste frigidissimo tornava bem distincto, casavam-se as risadas estrepitosas de meia duzia de mancebos assentados á volta d'uma meza, na sala principal da casa do senhor Bartholomeu de Basto. A noite cahira invernosa, e quando se calavam os galhofeiros hospedes percebia-se o chapejar da chuva nas lages e charcos da rua e o bater das gelozias, contrastando com o tinir dos copos e com as trovas e motetes dos mais ele-

gantes fidalgos do Porto, reunidos n'uma ceia de rapazes.

N'uma das cabeceiras estava Filippe de Lucena, o heroe da noite, como o era em tudo desde a sua chegada; ao fundo da sala, encostado a uma secretária, baloiçava-se sobre uma perna com um gesto de alegria, já refeito do susto que tivera dois dias antes, o pasteleiro, que com um olhar expressivo guiava o creado do serviço, para que elle não faltasse com a minima coisa aos seus excellentes hospedes. Todos, desde o morgado de Ferreira até ao pequeno Cernache, contemplavam com admiração a Filippe, archi-typo, para elles, de elegancia, de bom gosto; uma superioridade, em fim, no seu genero.

A ceia começára ao cahir da noite, e os convivas tinham feito honra aos guizados do pasteleiro com um appetite homerico. Agora apenas o summo da parra e a cidra tinham extracção e, por complemento, algumas mãos-cheias de figos-passos, amendoas, confeitos e mais doçaria.

Lucena tinha maravilhado os moços fidalgos do Porto com as suas boas fortunas, com a chronica escandalosa da côrte, e acabava de alludir de uma maneira irreverente a um facto que bastante dinheiro custou a Hispanha e deu a Roma. Os estouvados do Porto estavam muito áquem do sobrinho do secretario do conselho real de Castella em materia de preconceitos. Apenas Cernache soltou uma gargalhada; os outros ficaram sizudos,

deixando pela primeira vez de applaudir os ditos hyperbolicos do moço Filippe, apezar de não serem das mais beatas creaturas da terra.

— Oh! oh! isso é demais... uma irreverencia — murmurou o morgado de Ferreira depois de um pequeno silencio.

— Irreverencia! Estás para clerigo? — tornou Filippe, olhando maliciosamente para todos.

— São hispanholadas! — gritou o pequeno Cernache, com a bôcca cheia — Filippe, por ter estado na côrte, quer-nos fazer passar o sino grande da Sé pelas guélas, como se foramos escudeiros do Minho! Não cabe!

Os dous morgados fizeram uma careta, de feridos que estavam na sua prosapia.

— Não: é perguntar por isso a quem quizeres, meu *pollo*. Tão pouco barulho fez! Era na Encarnação Benita, ao-pé mesmo da casa do protonotario, D. Jeronymo de Villanueva. Este foi quem arranjou tudo. El-rei foi por uma cova dar á carvoeira do convento. A parvoínha tinha dado parte á abbadessa, e a velhota fêl-a deitar n'um esquife, com luzes acezas e uma devota imagem á cabeceira...

— E El-rei assim mesmo atreveu-se? — interrompeu um dos outros.

— Quem deu com este arranjo, foi o protonotario, que fôra adiante, e nessa noite dissuadiu Sua Magestade. *Pero, cruzados hacen cruzados y escudos pintan escudos.* A abbadessa consentiu e ajudou á festa. Como não havia no convento galas

á mão, vestiram á linda freira o vestido e o manto da Virgem da Conceição, e estava guapa como pintada. D. Jeronymo e o duque de Olivares foram buscar á sacristia dous thuribulos, e incensaram-na *por un rato*, retirando-se a esperar o rei, que... sahiu pela manhã.

— Muito nos contas, Filippe! — tornou Luiz Cernache. — Á saude da linda freira da Encarnação — ajuntou despejando um copo de vinho. — Os diabos me levem se eu tambem não passava por uma carvoeira para ir ver minha prima Luiza, á Madre-de-Deus...

— Olé! andas apaixonado por uma prima? Bem se vê que deixaste a casca ha pouco. O capellão ainda te devia acompanhar — atalhou Pedro Cerveira, retorcendo o bigode e soltando uma rizada. — O vinho sempre tem o privilegio de obrigar a fazer confissões bem singulares!

— Em Madrid e Valhadolid devem de haver boas raparigas, não, Filippe? — perguntou o quarto dos convivas, o morgado de Mesquita.

— *Morenas! morenas!* — cantarolou o estouvado Filippe, que, assim como os galliceparlas de agora entremeiam de francez e retalhos de operas italianas a conversa, a enchia elle, á moda do seu tempo, de hispanhol e com quantas coplas se cantavam desde a Navarra á Galliza. — São deliciosas e com um *salero*, um donaire como por cá não ha. Conheci uma loira... fios d'oiro se podiam dizer os cabellos; a bôcca um cravo; as faces onde as

rozas faziam guerra aos jasmins; os olhos dous céos, como nunca Quevedo, Garcez, Montalvo ou qualquer outro poeta descreveram, que teve a habilidade de me prender... por um mez...

— Sem fructo — atalhou Cerveira.

Filippe de Lucena sorriu-se, e encheu um copo. Este sorriso foi perfeitamente avaliado pelos convivas, e o mais joven, o que mais estouvado se pertendia mostrar neste ajuntamento de estouvados, exclamou:

— Mestre Bartholomeu, mais vinho e do melhor! Queremos fazer uma saude á Philis do nosso amigo. Vamos, Filippe: como se chamava a pérola das Hispanhas?

— Que importa o nome?

— Oh! oh! — replicou Cernache — era alguma filha de fanqueiro ou cousa que o valha?

Lucena começou a cantarolar por entre-dentes, esta canção, como resposta á exigencia do joven fidalgo:

Que senora se te tapa?
Que hidalga se te vá?
Que mora no se te dá?
Que judia se te escapa?
Que pobre...

—Basta! basta! — exclamou o estouvado, atalhando-o. — Sabemos isso. Vá, cavalheiros, á saude da fanqueira do nosso amigo. Eu cá bebo á saude de todas as mulheres, de todas as nossas amantes, passadas, presentes e futuras.

— Á saude de D. Isabel de Rojas! — disse Lucena, levantando o copo — Ahi vai o nome da fanqueira; mas fanqueira de bem boa linhagem — continuou elle. — Já que bebes á saude de todas, vamos fazendo a innumeração, que te quero ver juiz de S. Martinho.

— Fica debaixo da meza! — exclamou Henrique de Mesquita.

— Para isso não é preciso muito — ajuntou Cerveira.

— Veremos! — gritou o moço estouvado levantando-se. — Á saude de D. Isabel de Rojas!

E todòs, levantando-se, esgotaram os copos, em quanto que o pasteleiro gritava ao criado que fosse á adega buscar mais vinho, ao ver exhaustas as garrafas que depositara na meza.

— Agora a tua vez, Cernache. Á saude da priminha!

— Já lá vai.

— É o mesmo: bebe.

— Eu não arreio.

— Á saude da prima de Luiz Cernache! — gritaram todos, virando de novo os copos.

— Em seguida — tornou Lucena — uma confissão geral.

— Nada, Filippe — redarguiu um dos convivas — primeiro a tua, depois nós faremos as nossas.

— Sim, sim — gritaram os outros.

— *Fuego de Dios!* que é para ficar aqui até á resurreição — exclamou Filippe.

— Bravo! bravo!

— Pois sim — titubiou Luiz Cernache, meneando-se na cadeira com os olhos já turvos — eu beberei até lá: começa.

E com a mão tremula despejou da caneca de cidra uma boa porção de liquido na meza e outra no copo.

— *Vita sine vino... mors est* — continuou elle, piscando os olhos — assim diz o capellão de meu pai... e o tonsurado tem razão.

— O teu mestre Luiz — exclamou o morgado de Mesquita — ensinou-te excellentes aphorismos; mas não me pareces tão practico como elle.

— Começa, Filippe, ou D. Filippe — insistiu o joven Cernache — Vá á primeira. Como se chamava?

— Não me lembra.

— Como não te lembra?

— *Por Dios*, que não.

— Era casada ou solteira?

— Se era da côrte — atalhou Henrique de Mesquita, — escusas de fazer essa pergunta; que lá tem-se por cousa de noviço os amores com donzellas.

— Bonita moda — gritou o estouvado. — Vá, Filippe: era da côrte?

— Não me lembro; não as tomei a rol...

— É o mesmo: á saude da primeira!

— Bebe á saude das cinco primeiras, que me parece será mais exacto.

— O nome da ultima tambem te não recorda?

— O da ultima não o sei.

— Como?

— Talvez aqui o mestre o saiba — redarguiu Filippe de Lucena, voltando-se para o senhor Bartholomeu de Basto, que lhe ficava por detraz.

— Eu? meu fidalgo!

— E que duvida?

— O fidalgo quer rir?

— Não, *por los santos!* é uma visinha sua.

— Visinha? — murmurou o pasteleiro, fazendo-se tão pallido como o não estivera nas mãos das regateiras.

— Ou visinhas.

— Se o fidalgo me disser onde moram, póde ser — tornou o senhor Bartholomeu um pouco refeito da commoção que sentira.

Sem saber pelo que, por um presentimento, lembrou-se logo da sobrinha da senhora Perpetua, e, como vulgarmente se diz, o coração cahira-lhe aos pés. Voltado da primeira impressão, na pergunta que dirigira ao sobrinho de Francisco de Lucena notàva-se uma tal anciedade, que o moço fidalgo fitou-o meio-espantado. As libações, porém, que fizera, não o deixavam avaliar bem as mutações de colorido que soffria o rosto do honrado burguez. Filippe redarguiu com o estouvamento de um rapaz que queria mostrar aos seus amigos que tudo lhe era indifferente, como um rapaz gasto:

— Uma pequena que mora na rua de S. Sebastião... a segunda casa da esquerda depois do arco.

— Ah! — exclamou o pasteleiro, como se lhe tirassem um enorme pezo de sobre o peito — a pequena Beatriz do Arco!

— Á saude da tal Beatriz do Arco! — balbuciou Luiz de Cernache, bebendo alguns golles, e encostando a cabeça á meza resmungou:

— Vá... Filippe... ou... ou... tra! Tens amantes co... co... mo o diabo...

— Apage! — ajuntou o morgado de Ferreira — que nos não deixas uma rapariga... até as do povo te fazem conta...

— *Á la fé* — redarguiu Filippe estirando-se na cadeira, e começando a sacudir a renda de walona — que a outra vale bem a mais pintada das vossas fidalgas e quantas tenho visto.

— Mesmo a tua Belisa? — interrompeu sorrindo o morgado de Ferreira.

— Mesmo essa. O louro ha muito que é genero em que a gente se não póde fiar: na côrte tudo é louro... á força de enxofre e polvilho d'ouro; tudo é arrebique. Estou farto de confeitos; gosto mais de *gaspacho*. Esta minha burgueza vale por todas.

— Menos por minha prima Luiza — tartamudeou o pequeno Cernache, piscando os olhos para a luz. — Taberneiro do inferno! as tuas luzes parecem fogareos; fazem-me mal á vista, e preciso d'ella para estudar. Meu pae quer fazer-me bispo.

— Venha o nome da tal phenix! — gritaram os outros sem fazer caso da vergontea de uma das mais antigas casas do Porto.

— Já disse que ainda o não sei tambem.

— Onde mora?

— Alli na esquina, ao descer das escadas da Sé.

O pasteleiro deu um passo para a frente e levou a mão á cabeça; depois ficou immovel, como estupido. Um dos mancebos continuou:

— Oh! já sei! a pequena das escadas da Sé, a que o Montenegro tanto forcejou por conquistar sem proveito. Nada feito, meu amigo: por destro que sejas, não enfias essa argola tão facilmente.

— Veremos.

— Estava capaz de apostar, — proseguiu o moço fidalgo — em como não fazes nada!

— Aposta.

— A uma ceia! — gritou um.

— Cincoenta cruzados — disse outro.

— *Por la corte celestial!* — exclamou Filippe — que sois os paladinos de mais boa fé que tenho encontrado.

— Eu aposto... porque, se o Montenegro a não conquistou, menos Filippe.

— Eu por apostar — gritou o da ceia — que uma ceia nunca se perde, mesmo quando se não ganha.

— Não tenho feito todas as diligencias, mas dentro em quinze dias hei-de estar senhor da praça — replicou Filippe retorcendo o bigode.

— Dou-te um mez.

Bartholomeu de Basto esqueceu o seu natural

servilismo. Approximou-se de Lucena e batendo-lhe no hombro, disse com uma voz surda e trémula:

— Eu dou a ceia de graça, senhor cavalheiro, quando ganhar a aposta.

Filippe voltou o rosto e encolheu os hombros com um ar de desdem. Depois, soltando uma gargalhada, exclamou:

— Seja; acceito o repto de todos! até o seu, mestre: pago a ceia pelo dobro, se perder. O vosso Montenegro é um parvo!

— Eu cá — resmungou Cernache — digo que Filippe vence.

— Veremos!

— D'aqui a quinze dias.

— A um mez; nós somos generosos. Cuidavas que vinhas de Madrid fazer essa descoberta? É matta batida: bons lebreos lhe têem andado na pista ha seis mezes; mas a pequena nem sequer os olhos lhes deita; e bem sabes que com quem nem ao menos mostra desprezo, nada feito.

Pedro Cerveira defendia por um capricho a virtude de Maria Aldoar. Não só tinha, ha tempos, sido um dos pertendentes desapontados de que a sobrinha da senhora Perpetua nem sequer dera fé; mas o vinho irritara-lhe o orgulho patrio, e estava resolvido a fazer face ás bravatas de Filippe de Lucena.

A assemblea calou-se por largo tempo. Á irritação produzida pelo vinho seguia-se a prostração e o cançasso.

— D'aqui a um mez hei-de-vos dar provas — disse Filippe, rompendo este silencio. E continuou, voltando-se para o senhor Bartholomeu: — Fazei accender a minha lanterna, que as ruas estão escuras como prego.

O pasteleiro nem se meneou. Sentado n'um escabello, no fundo da sala, estava como petrificado.

— Upa! Cernache — gritou um dos convivas, batendo nos hombros do joven fidalgo, que tinha adormecido encostado á meza.

— Que é lá? — balbuciou este.

— A pé!

— Mais outra saude?

— Vamo-nos.

— Hein? Quem me de... ra ser freira da Conceição... ou Encarnação; não... quem me dera ser rei de Hispa... pa... nha e minha... pri... prima a tal freira... que pelas barbas de meu tio conego... ha... via de lhe dar um beijo! — resmungou o estouvado, sahindo, cambaleando pelo braço de dous dos convivas, que se achavam em pouco melhor estado.

Quando as dez horas cahiram, na sala não restava mais que o pasteleiro. A chuva tinha cessado, e ao sibilar do vento pelas frestas das portas e janellas, juntava-se uma voz longinqua e trémula á que outras faziam coro, entoando estas coplas:

Passe a media noche el mar
Y arda en amorosa llama
Leandro por ver su dama,

Que yo mas quiero pasar
De Yepes à Madrigal
La regalada corriente :
Y ria-se la gente!

Pues amor es tan cruel
Que de Piramo y su amada
Hace tàlamo una espada
Do se juntem ella y el,
Sea mi Tisbe un pastel
Y la espada sea mi diente.
Y ria-se la gente!

Eram os estouvados fidalgos que se dirigiam a acompanhar o moço Filippe á casa do Patim, onde se achava hospedado. Quando a ultima nota chegou aos ouvidos do senhor Bartholomeu, levantou-se elle do seu lethargo, e exclamou, estendendo o braço na direcção d'onde lhe vinham aquellas vozes:

— Tragado sejas tu por Belzebuth, coruja de mau agouro!

VI.

OS GERIFALTES.

Ide-lhe, rogo-vol-o, fallar
E fazei com que me queira.
(Gil Vicente. *O Velho da Horta.*)

A praga do senhor Bartholomeu não impeceu ao moço fidalgo, que dormiu a somno solto nessa noite, como dorme um mancebo aos vinte e cinco annos, por grandes que sejam os seus cuidados; e os d'elle, cifrados todos em conquistas e galanteios, eram de bem leve pezo. Eram quasi horas de jantar, pois que o sol começava a penetrar no dédalo das ruas do coração da cidade, o que não faz senão ao meio-dia, quando se sentiu despertar e viu diante de si um dos seus companheiros da vespera, o estouvado Luiz Cernache. Filippe rezou

uma longa ladaínha de pragas, na lingua d'ellas mais fertil, a castelhana, e, esfregando os olhos, inquiriu a causa da extemporanea visita de Luiz.

— Achas cedo? — redarguiu este, atirando com o seu chapeu para cima de uma cadeira, e perfilando-se diante de um espelho de Veneza que adornava o quarto do seu companheiro, e é por isso que rezas matinas com esse desembaraço? Pois fôra quasi melhor esperar mais um bocado, e guardar essa devota ladaínha para o meio-dia, que está a cahir. A dormir não se caçam lebres.

— Não percebo.

— A tua aposta de hontem á noite...

— Ah! — bocejou Filippe — tenho tempo de sobejo para essas lebres.

— Terás tempo e geito; mas falta-te o essencial.

— O que?

— Um galgo, ou melhor um gerifalte; que é uma pomba e não lebre o que tens de sacrificar no altar de Venus — replicou o pequeno Cernache, piscando os olhos maliciosamente.

— E és tu que te offereces? — exclamou Lucena — tu, pardal desasado!...

— Altò! meu cavalheiro — tornou Luiz, voltando-se, e pondo-se n'uma posição, que desejaria fazer passar por sisuda e imponente, mas que era soberbamente comica — não tenho a condescendencia de querer ser o teu Sozias para com essa Alcmena: sou teu amigo, e por isso queria-te indicar um

gerifalte roxaz do meu conhecimento, que te trará a preza á mão n'um abrir e fechar d'olhos. Não cuides que estás em terra de serenatas e descantes, onde se possa caçar ao reclamo: apenas uma ou duas das nossas damas comprehenderão um bocado de Quevedo, e se levarão por frases delicadas e conceituosas. Tenho d'isso experiencia — accrescentou com um ar de mysterio. — Demais, não é em tapada de nobre que caças, mas em maninho, e a caça que em taes sitios abunda é arisca.

E Luiz Cernache deixou-se cahir, acabado o seu sermão, sobre uma enorme poltrona forrada de damasco vermelho, onde ficou perfeitamente enterrado.

O que os dous mancebos continuaram a dizer não o escreveremos nós aqui, que não queremos relatar senão o inteiramente necessario para o desinvolvimento desta veridica historia. Tão pouco descreveremos o levantar de Filippe, e a longa operação de toucador a que se submettia um peralvilho de então: a mais presumida das damas de hoje não soffreria, nem que cuidara em humilhar uma rival, as torturas que naquellas epochas supportava um francelho, quando descia ao terreiro a fazer caracolar o seu cavallo em exposição ás bellas, ou ia a algum sarau. Deixemos tudo isso. O que podemos asseverar é que o gerifalte de Luiz Cernache foi acceite, e poucos dias depois baixava sobre a casa da senhora Perpetua Freire, ao mesmo tempo que outro do mestre pasteleiro.

O de Filippe de Lucena era uma creatura que, a não ser o traje, difficil fôra dizer o sexo a que pertencia. Em um rosto de pergaminho amarello abriam-se dous olhos de peixe, redondos, mortos, espelhos oxydados onde nada se reflectia, e uma bôca, que similhava um gilvaz transversal, feito para deixar gozar a perspectiva de umas ameias derrocadas e amarellas, a que alguem chamaria dentes, adornada nos cantos com um pello emmaranhado, a hera que attestava a antiguidade daquelle edificio osseo. O outro era uma bojuda creatura, especie de mandarim chinez pelo cahido das carnes, rapada a cabeça na ordem inversa e desaffrontados os lábios e queixos. Um chamava-se Briolanja, ou antes a tia Briolanja: o outro frei João de Santa Ursula, nome que já ficou archivado ahi por algures neste romance.

A presença do frade franciscano era o resultado da intercessão de dous pensamentos na cabeça do senhor Bartholomeu — o do oiro e o da paixão que sentia por Maria Aldoar, e que, ao encontrarem-se, lhe fizeram irradiar o rosto de alegria. Frei João tinha-se abaixado a fazer de Mercurio áquelle Jupiter culinario por amizade e mesmo, digamol-o em abono da verdade, porque na sua consciencia julgava fazer uma boa obra, pondo debaixo da protecção do seu velho amigo a sobrinha da senhora Perpetua, menina de quem apreciava, apezar do acanhado da sua intelligencia, as bôas qualidades. A tia Briolanja entrava em todas as casas

da burguezia grauda e miuda debaixo do salvo-conducto de uns longos escapularios, um cordão franciscano, uma mantilha de uma severidade de pregas espantosa, uma saia de baeta preta, uma touca, que não deixava ver as poucas repas que lhe restavam, umas contas enormes, que quasi arrastavam pelo chão uma enormissima cruz, uma falla como o miar de um gato, quando fareja acepipe de gosto, e uma erudição pasmosa em orações, ladaínhas, magnificas, responsos e outras miudezas, taboleta de ganhar o céo com que ganhava a vida.

Maria Aldoar estava na sala em que pela primeira vez a vimos, costurando, sentada n'uma esteira da India cheia de arabescos; a senhora Perpetua, n'uma cadeira de braços, com as mãos cruzadas debaixo de um escapulario monastico e ciciando *padre-nossos;* Thereza, a escrava, fiando a um canto, e as duas visitas sentadas ao-pé de uma mezinha torneada, sobre a qual luzía uma garrafa de vinho e uns quartos de toucinho do céo, manjar que iam saboreando as duas bemaventuradas creaturas com todo o fervor digno do nome com que era baptisado.

— Tem uma linda sobrinha, benza a Deus, senhora Perpetua — disse frei João para dar uma entrada á sua commissão: está uma moçoila, e ha-de-lhe dar cuidados, que tem um rostinho capaz de tentar um santo. — E bebeu um golle para afinar a musa.

— *Amen* — respondeu por costume a sua commensal.— Tem um rostinho de santa capaz de fazer inveja ás mais pintadas.

— Boa fortuna lhe deparou Deus na formosura, que nella leva um bom dote — continuou o frade, vendo que a senhora Perpetua nada respondia, e apanhando com dous dedos mais uma talhada de toucinho do céo. — É digna de encontrar um marido que a estime.

— Pois não ha-de encontrar?! — atalhou a tia Briolanja. — Merecedora é ella de tudo: até d'um rei.

— Já não estamos no tempo em que os reis requestavam pastoras por esse mundo de Christo, que, se estiveramos, nenhum milagre era esse: formosura tem ella bastante para pleitear com as que a tem.

— Nem tão longe vae isso, senhor frei João — redarguiu Briolanja — que a minha mãe ouvi fallar, porque a conheceu como as palmas das mãos, pois era rapariga do seu tempo, de uma tal Maria ahi dos Pelames, que foi rainha de Maldiva, que dizem, é um bom reino lá pelas Indias.

— Tambem ouvi fallar nella muitas vezes — disse a senhora Perpetua, que acabara a oração que de costume á tarde rezava — era sobrinha de um conego evangelista; mas pobre, coitadinha, a mais não ser...

— O nome de Maria traz felicidade — atalhou frei João com a bôcca cheia — e a nossa Mariqui-

nhas tambem ha-de achar uma boa fortuna. Para esses reinos de gentios não a queremos nós; mas, sem ser rei nem fidalgo, boas fortunas póde alcançar. Os fidalgos querem fidalguia.

— Alguem conheço eu, fidalgo como o senhor duque de Bragança, ouvi dizer em casa do senhor chanceller, onde me dá de jantar ás sextas-feiras a senhora D. Antonia, que morre por uma certa menina; e não se lhe daria de a levar á egreja.

Os olhos embaciados da beata brilharam levemente ao encontrar os de Maria Aldoar, que por acaso levantara a cabeça, e olhara para ella. A velha fez um gesto malicioso, como de quem dizia : A moça querida sois vós ; e Maria corou extremamente; baixou de repente a cabeça sobre a costura e continuou o seu lavor com uma pressa inusitada. A linda menina cuidava reprimir com o seu affan o pensamento que a beata lhe despertara.

— Um homem maduro temente a Deus e de cabedal é que convinha para a nossa menina, e não algum desbarbado, que lhe dê depois má vida. D'esses fidalguinhos, que apregôam nobreza, mas que nunca viram os cunhos ao dinheiro, escudeiros, que apenas possuem uma guitarra para os seus descantes, e um faim, que por enferrujado, já não sahe da baínha, e que andam atraz de moças que lhes dêem fortuna, d'esses *libera nós, Domine*.

— *Amen* — grunhiu a senhora Briolanja — mas ninguem ha-de dizer que o sobrinho do secretario do conselho real de Castella, o senhor D. Filippe

de Lucena, esse moço tão guapo, que chegou no dia de Reis, é um d'esses.

Maria córou, e de repente se tornou pallida como cera. Sentira uma forte commoção, e, levantando os olhos, fitou-os nos da beata, para ver se lia nelles a verdade do que avançara.

Desde o dia em que pela primeira vez vira o moço fidalgo, desde essa noite em que a deixamos em lucta com os seus pensamentos, a paixão indefinida que no peito lhe existia, começara a tomar vulto e com elle um norte. Levada pelo brilho, pela louçania de Filippe de Lucena, acreditáva que fôra elle que no peito lhe ateara aquelle fogo, e a imagem de Phebo, com a qual por tempos a do fidalgo tinha luctado, fôra-se-lhe pouco e pouco desvanecendo n'alma.

A tia Briolanja viu naquelle rubor uma victoria, e sonhou a desejada juncção a um meio *S. Vicente*, que n'um pé de meia cozêra no enxergão, de uma egual quantia, promessa de Filippe de Lucena, se ella lhe trouxesse, cortados os vôos, a pomba sobre que a soltara. No fervor da sua alegria, em acção de graças, começou uma *salve-rainha* com toda a afinação de que era capaz uma voz de canna-rachada.

A senhora Perpetua e frei João de Santa Ursula tomaram aquella oração como graças dadas pela refeição que acabava de ter, o que muito desconcertou o bom do franciscano, que tencionava dar cabo de mais uma talhada de toucinho do céo e

beber mais um golle, mas que á vista da parcimonia da sua companheira não queria ser taxado de guloso.

— Não é servido de mais, senhor frei João? — disse a senhora Perpetua, vendo que o frade se erguia — É de boa vontade que offereço, e desculpará, se não é como merece, mas...

— Excellente, excellente! — redarguiu o amigo do senhor Bartholomeu, sentando-se e correndo com os olhos do prato para a garrafa, e desta para a veneravel senhora Perpetua com um modo que causaria dó á idosa senhora, se a sua vista lhe deixasse perceber a expressão comica que na do frade se notava. Frei João perderia a causa do seu amigo, ainda que não estivesse, como estava, de antemão decidida no peito da linda moça, nas delicias daquella mesinha torneada, que para elle era uma verdadeira Capua. A escrava, porém, arrumava os restos da merenda por ordem de sua ama, e a recordação dos pasteis e da marmelada de arrobe do seu amigo vieram lembrar-lhe a missão de que se encarregara. A ideia que lh'a suscitara servia mesmo para atar o discurso.

— Como este toucinho nunca eu saboreei — disse elle approximando a cadeira da da senhora Perpetua — nem mesmo em casa do senhor Bartholomeu, meu penitente, que é quem mais mestre se mostra nestas guloseimas. A proposito, senhora Perpetua: ahi está o senhor Bartholomeu, que parece mesmo ao pintar para a nossa Mariquinhas.

— O senhor Bartholomeu? — interrogou admirada a viuva do senhor Pantaleão Freire.

— Elle mesmo; é um bom arranjo. A senhora Perpetua ainda está vividoira, graças a nossa Senhora e ao nosso padre S. Francisco; mas na vida não devemos cuidar senão na morte, que não nascemos senão para morrer, e não approveitamos senão o bem que no mundo fazemos e as boas disposições que deixamos. É tempo de cuidar na sorte da filha de seu irmão — Deus lhe tenha a alma na sua presença! — e estou certo de que o senhor Bartholomeu não se deita fóra do arranjo.

— Mas, senhor frei João, a minha Maricas ainda está muito moça, e...

— Moça!... moça! Está na edade de tomar estado — atalhou o franciscano, fallando mais baixinho — e o nosso visinho, sei-o com certeza, tem bem os seus dez mil cruzados.

Aqui mentia o senhor frei João de Santa Ursula; mas um augmento no capital do senhor Bartholomeu, que para aquelles tempos, possuindo menos alguma cousa, possuia uma fortuna, na opinião do bom frade não deitaria o negocio a perder.

— Era boa fortuna para a minha sobrinha! — exclamou a senhora Perpetua, que no amor que consagrava á filha de Roque Aldoar, sorria interiormente á ideia do franciscano — mas... ainda está muito moça, e... a seu tempo fallaremos.

Frei João deu expansão a todo o ar que tinha nos pulmões. Aquelle *«a seu tempo fallaremos»*

lisongeava sobremaneira a sua vaidade diplomatica, e pensou com o seu cordão que podia hombrear com o padre Leonardo do Collegio, tido e havido pela mais esperta creatura da cidade. Julgou pois não dever insistir mais na conversa por aquelle dia, e começou a fallar nas esmolas que tinha recebido a ordem, legados, doença do prior e outras miudezas taes com que costumava entreter a boa da velha. Durante este colloquio a tia Briolanja levantara-se, e fôra para junto da sobrinha da senhora Perpetua.

Maria Aldoar continuava a costurar, sem dar attenção á beata, que tossia, assoava-se, procurava emfim uma palavra com que podesse encetar conversa. Maria estava tão preoccupada, que por bom tempo a deixou a resolver na mente o seu plano de ataque.

A beata decidiu-se.

— Que lindo bordado a menina está aqui a fazer! — disse ella em voz alta, tomando uma toalha que a moça bordava, encommenda para uma capella particular. — Abençoadas as mãos que tal fazem! Mereciam ser encastoadas em ouro.

Maria olhou para a beata, sorriu-se; e para mudar de conversa, pois que a embaraçavam os elogios da velha, disse sem ligar importancia alguma ás suas palavras:

— Dizem que a festa de S. Vicente ha-de ser muito bonita este anno.

— É verdade. A menina vai lá?

— Não sei : como fica perto, e minha tia tem devoção com o santo, talvez.

— Pois — replicou a velha baixinho ao ouvido da moça, e fingindo que examinava o bordado para encobrir este movimento — ha-de lá encontrar alguem que muito lhe quer.

Maria affastou o corpo para traz, mas não tanto a tempo que a beata lhe não repetisse o nome de Filippe. Levantou-se, sem responder a Briolanja, e foi para a commoda, onde, para dissimular a sua turbação e mesmo a indignação, que o procedimento da beata lhe causara, começou a mexer nas gavetas, como quem procurava alguma coisa. A beata continuou a examinar o bordado, fazendo-lhe mil elogios, dobrando-o a final, e pondo-o na cesta, que ficara no chão.

— Senhora Perpetua — disse ella, voltando-se para a tia de Maria — vou rezar as minhas devoções á Sé, que são horas. Não tarda a anoitecer... e então... desculpe o incommodo.

— Recommende-me ao Senhor, santinha — replicou a senhora Perpetua.

Frei João depois de alguns cumprimentos tambem sahiu.

Ambos os gerifaltes julgavam ter empolgado a pomba. Um estava convencido de que a victoria era sua, pois ganhara o animo da velha senhora; o outro que vencera, pois vira no rubor de Maria Aldoar o clarão de um fogo, que julgava ter ateado.

Maria, quando á noitinha foi guardar o seu

lavor, em que desde a sahida da beata não tornara a pegar, encontrou uma carta nas dobras da toalha. A lucta que se travou no seu coração não a imaginareis vós, leitoras, talvez. A linda moça amava; mas ainda era muito candida; respeitava sua tia e todos os conselhos recebidos; respeitava o que chamareis preconceitos. Mirou a missiva de um lado e do outro; vinte vezes a esteve para entregar á que lhe servia de mãe, vinte para a queimar. Uma força irresistivel a fez levar a mão á obreia que a fechava: abriu-a, e deixou-a cahir, estremecendo. A voz da sereia devia porém fazer-se ouvir. Pediu mentalmente perdão á Virgem da acção que ia commetter, como se fôra um grande peccado, e leu-a. A linguagem de que o moço usava não a comprehendeu ella bem; mas nessa noite tambem quasi não dormiu, e suspirou... suspirou até horas mortas.

O gerifalte voraz tinha arrancado uma penna dos vôos da candida pomba. Mais algumas, e ella não poderia fugir ao caçador.

———

VIII.

PHEBO LEVER.

Qui itaque amare te neges, siquidem, testes sunt
In te veri pallor ac lachrymarum effusio?
(Bordah, *trad. G. J.*).

E Phébo?

Deixamol-o na contemplação da sua obra, embebido nos seus sonhos de amor, sonhos agridoces, que um poeta poderia fingir os pais da saudade, essa divindade portugueza que esparge na sua senda mãos-cheias de rozas e de espinhos, cingida a fronte de violetas, olhares pensativos, melancholicos e profundos; d'esses olhares que, quando por noite serena se fixam nos astros, parecem penetrar no seio d'esses mundos luminosos. Quando se trilha a alcatifa que deixou a saudade após de si,

sente-se uma leve dor; mas o seu perfume adormenta-a, e quanto mais longe elle vai, mais suave e grato se mostra.

O esculptor, primeiro que ninguem, primeiro mesmo que Aldoar, tomara por amor o enleio em que a trazia o moço fidalgo. Vira cruzar um d'esses olhares em que julgou ia a alma, notara o sorriso da vaidade debuxado no rosto de Filippe, e o coração apertar-se-lhe; porém o amor mais vivo se lhe tornou no peito, e junto com elle sentia uma especie de compaixão pela linda moça. Ao coração magoavam os zelos nascidos das apparencias; a compaixão trazia o instincto. Este não o enganava, como o enganavam os olhos: o que Lucena sentia não era amor: era um capricho de mancebo da moda que desejava contar o numero das suas conquistas pelos dias do anno. Vira a sobrinha da senhora Perpetua Freire e dissera comsigo: — É a moça mais linda da terra; quero possuil-a; — como desejaria a outra que fôra mais nobre; a uma que se dissesse a mais inconstante, ou a mais prendada. O seu tyrocinio nesta arte de enganar tão mestre o tornara, que a paixão parecia aos olhos inexperientes fallar nas suas fallas, transluzir nos seus olhares e acções.

Phebo desde que notara esses olhares, mais melancholico se tornara. A velha mãe do esculptor começava a magoar-se pelo desleixo de seu filho. A officina, ou estudo do artista estava n'uma completa desordem, e, se uma vez por outra tomava o

scopro, a palheta ou o formão para desbastar um tronco ou aperfeiçoar uma estátua já começada, logo a deixava para se entregar aos seus pensamentos.

— Phebo, que tens? o que assim te traz pezaroso? — perguntava a viuva de Thomaz Lever.

— Nada, minha mãe — respondia sempre o mancebo.

E a excellente velha começava a acreditar que seu filho andava doente, e a amimal-o com todos os pequenos nadas domesticos, tão agradaveis, de que uma boa mãe só é capaz, trazendo-o nas palmas das mãos. Só de vez em quando o reprehendia brandamente. É que Phebo sahia quasi todas as tardes, e voltava depois de noite fechada, e ás vezes bem tarde.

— O frio da tarde faz-te mal, filho: isto não tem geito! Adoentado como andas devias de te recolher cedo.

— Não estou doente, minha mãe; isso são scismas suas.

— Não; eu não vejo? Não comes quasi nada, e andas sempre cabisbaixo. Dóe-te a cabeça?

— Não me dóe nada. A mãe é muito boa para comigo: o querer-me tanto é que lhe faz ver essas cousas.

— E porque te não hei-de eu querer, se sempre foste bom filho, temente a Deus e obediente a tua mãe.

— Ora! — redarguia Phebo, sorrindo — sou

como os outros; não se amofine com as minhas doenças que nada são; isto deprêssa se irá.

E proseguia nos seus passeios, nas suas absorpções como até ahi.

É n'um d'estes passeios que o vamos de novo encontrar.

O paço episcopal agora existente é obra do seculo passado. A residencia dos bispos então era mais acanhada e mesquinha. O palacio — dêmos-lhe este nome — era um mixto de construcções de differentes épochas, onde a architectura gothica se casava a umas pequenas amostras e remendos do renascimento e d'esse estylo pezado, monastico, a que chamaram jesuitico. As fortificações que o cingiam, que por vezes os fieis subditos da mitra tinham vindo sitiar, e que de tantos seculos que estiveram de pé, não havia passado um anno sem, pelo menos, ouvirem as pragas dos honrados burguezes, tinham desabado parte pelo ariete popular, parte pela bem mais possante mão do tempo, deixando devoluto em frente um terreiro escabroso, d'onde se gozava um soberbo panorama. Apenas do lado do sudoeste existia um pequeno torreão, fendido de cima a baixo, desmantelado completamente, sem portas já, e pendentes os varões de ferro das ogivas que davam para o lado do paço. Este torreão tinha sido pelos bispos cedido como propriedade a uma nuvem de corujas, morcegos e outras variedades da especie, cessão feita talvez para se equipararem ao arcebispo de Lisboa, que

conservava em santa memoria um bello cazal de corvos. O Porto levava as lampas á capital na quantidade e na qualidade, que as aves de cá eram mais crescidas e agoureiras. D. João de Valladares, que era um santo varão, preferia aquella visinhança e gostava mais dos cantos soturnos que d'alli sahiam, que se fossem os balidos de algumas boas ovelhas, como João Alvo, Mendo Guilherme, Affonso das Eiras, João Vaivai, Fernando Munio, João Surdo, Miguel Meigeija, Pedro Feio, e outros, cujos nómes lêra com respeito em uma sentença dada pelos legados do papa Innocencio III. D. João tinha razão. Era preferivel o canto de mil môchos e corujas a estar cinco mezes nas mãos daquelles *judeus*, como um seu antecessor, D. Martinho Rodrigues.

A visinhança deste torreão para o lado da encosta estava quasi sempre erma. O povo acreditava, o que não fazia muita honra aos bispos, que a alma de algum delles andava alli pairando, ou, segundo uma versão de alguns padres ladinos e dos recebedores da Casa da Colher, as almas dos revoltosos, que em tempos a tinham incendiado. Fosse como fosse, ao cahir da tarde ninguem se approximava da torre, e os mais destemidos, que ás Ave-Marias d'alli se tinham approximado, contavam com os cabellos estacados e o rosto como cera, que de dentro se ouviam vozes lastimosas, rastejar de passos, ais e outras muitas coisas que iam augmentando de bôcca em bôcca.

Phebo sahira de casa á tardinha, e, debruçado no paredão da Sé que olha para o norte, estivera por largo tempo contemplando a varanda de rotulos, onde ás vezes assomava um rosto que sempre trazia gravado na imaginação, o de Maria Aldoar. A moça, porém, havia dias que alli não apparecia, e o rosto do mancebo a cada minuto que passava mais se annuviava, e escurecia como o céo que dominava aquella paisagem. Cheio de tristeza deixou aquelle logar, e dirigiu-se para ao-pé do palacio do bispo. As mãos mettidas no cinto de anta que lhe apertava o gibão, começou a passear d'um para outro lado, parando ás vezes para fitar ora as embarcações no rio ancoradas, ora os montes d'além. Os labios moviam-se-lhe, como se fallasse a sós comsigo, e de tempos a tempos um suspiro lhe fazia sublevar o peito. Quando um raio do sol moribundo veio incendiar o florão colorido da cathedral e as vidraças do paço, sentado n'uma pedra, com as mãos apertadas nos joelhos fitava o occidente. Aquella luz que se apagava, aquelles rumores que morriam lá em baixo na cidade, como se a vida faltasse com a luz ao gigante de pedra, mais lhe apertaram o coração. Abaixou a cabeça, e algumas lagrimas lhe cahiram nas mãos.

O esculptor na sua meditação assentara-se em um sitio, que, apezar de não ser elle dos mais crendeiros da terra, não fôra procurar com consciencia. O cahir da noite ahi o veio encontrar.

Se alguem podesse ter bem fundados terrores, seria o filho de Thomaz Lever nessa occasião. Na torre, pouco depois do pôr do sol, um bando d'aves agoureiras esvoaçára; sentira-se um rumor estranho, que fôra crescendo gradualmente; depois ouviram-se pios tristissimos e lamentos, como de creança que chorasse.

Quando a nossa imaginação está absorvida por um pensamento qualquer, não tomamos conhecimento dos sons que nos ferem os ouvidos senão muitos segundos e ás vezes minutos depois. Foi o que succedeu a Phebo.

Quando ia a voltar a cabeça para ver qual a causa d'aquelles lamentos sentiu uma mão que brandamente lhe poisava nas costas. Voltou-se completamente, e um calafrio lhe correu pelos membros.

Em pé, diante delle estava um vulto negro. O rosto parecia o de uma mumia.

— Para que esse choro? — foram as palavras que soltou o vulto sem tirar as mãos das costas do mancebo.

Este ergueu-se de um salto, e recuou sem responder. A lingua estava-lhe collada ao paladar.

— Nada temas! Não me conheces? — tornou o vulto negro, fazendo por dar á voz uma inflexão carinhosa — Esquecido!

— Eu?... — murmurou a custo o esculptor, mal tornado a si daquella desagradavel surpreza.

— Esqueceste o bem que fizeste, mancebo,

mas não eu que o recebi... eu por todos escorraçada como um leproso ou damnado. Metto-te mêdo, Phebo?

— A mim!... — tornou o moço ainda embaraçado.

— Recordas-te da festa dos Reis?

— Da festa dos Reis?

— Sim, da bruxa — e o vulto estendeu as syllabas destas palavras com intenção.

— Ah! sim — tornou Phebo Lever, mais desassombrado.

— Bom; mas porque choras, Phebo? Eu sei o teu nome, como o de toda a gente!

— Eu não choro — redarguiu o mancebo, levantando a cabeça.

— Para que negar? Espera: vou eu dizer-te porque choras. É porque viste uns olhos cruzarem com outros em que puzeste a tua vida; é porque acreditas que alguem, que mora ahi perto, já te não ama.

O esculptor não respondeu. Abaixou de novo a cabeça, e deixou cahir os braços.

— Adivinhei, Phebo; eu adivinho sempre — accrescentou com um sorriso imperceptivel. — Pois bem — proseguiu — quero pagar-te serviço com serviço: hei-de fazer com que esses olhos fujam para os teus; hei-de levar-te a fallar com ella. Acceitas?

— Os teus feitiços, os teus esconjuros?! nunca — exclamou Phebo. Não adivinhaste, feiticeira!

E voltou as costas para se ir embora.

— Espera — tornou a bruxa, pondo-lhe de novo as mãos nos hombros. — Adivinhei as tuas vistas; as tuas lagrimas trahiram-te. Mas para ti, que não te importaste se eu era uma feiticeira, quando me viste perseguida, não quero ser feiticeira; para ti chamar-me-hei Beatriz. Foi um dos meus nomes... — murmurou soltando um suspiro.

O mancebo tornou a fital-a desde os pés até á cabeça. As palavras da bruxa, o seu modo carinhoso tinham-lhe feito impressão. O rosto daquella mulher não se lhe figurou tão repellente, o olhar tão sinistro como até ahi. Pelo contrario parecia-lhe que era muito mais moça do que representava, apezar dos cabellos estarem côr de linho, os olhos circulados de azul, as faces cavadas. Se reparasse mais, veria que havia de ter sido uma linda mulher.

Na fronte da feiticeira havia tambem agora uma nuvem de tristeza.

— Então, acceitas? — insistiu ella, com modo cada vez mais carinhoso.

— Não... isso não... ias fazer-lhe mal.

— A elle?

— Nem a elle, nem a...

— Nem a ella — atalhou a bruxa — Não lhes farei mal nenhum, já t'o disse.

—Não, não!—replicou o esculptor, arredando-se; pois que, apezar de tudo, desejava não estar

em contacto com aquella mulher. Naquelles tempos não haveria muitos que fizessem o contrario. Não — repetiu; e affastou-se lentamente para o lado de cima.

A feiticeira não tentou segural-o.

— Meu Deus, meu Deus! — murmurou baixinho. — Todos me repellem. Foste bem cruel para comigo, Senhor!

A noite era completa, havia boa meia hora, e as passadas de um ou outro mesteiral, que mais tarde a casa se recolhia, eccoavam pelas ruas circumvisinhas como em cryta mortuaria. Então o cahir da noite era hora de recolher geral, e as ruas da cidade não davam gosto a prolongar muito os passeios fóra de horas, pelas trevas que as tornavam um precipicio, os archeiros do municipio, encarregados de manterem o socego, que a cada passo promòviam uma desordem, e os poucos estouvados da terra, que de vez em quando faziam das suas. Uma hora depois de anoitecer só os amadores de Baccho, de Venus, ou do senhor seu filho, é que vagueavam pelas ruas da muito nobre cidade, e o toque de recolher, ou cobre fogo era uma mera formalidade, pois que uns por elle não esperavam, os outros delle nenhum caso faziam. Quando Phebo ia a chegar ao-pé da cathedral cruzou-se por diante d'elle um homem embuçado n'uma longa capa, um chapeu desabado sobre os olhos, e tão distrahido, que não fez caso do seu encontro. Ia cantarolando esta trova:

Siempre alcanza lo que quiere
Con damas el atrevido,
Y el que no es entremetido
De necio y cobarde muere.

— Phebo — exclamou a bruxa, que seguira o esculptor — escuta!

— Deixa-me!...

A voz seguia:

Se honestidad en las damas
Es un velo que las fuerza,
Cuando amor tiene mas fuerza
A no descubrir sus lhamas...

— Escuta-me, Phebo — insistiu a feiticeira — nada receies!

O moço nada respondeu. Parara junto da porta lateral da Sé. O vulto que ia adiante, mudara de repente de trova, e ao chegar alli começara uma outra, de que o leitor se recordará, com um tom mais sentimental e affectado, descendo a escada devagar, e arrastando a espada pelos degraus:

Niña, si a la huerta vas,
Coge las flores mas bellas;
Aunque se tu estás entre ellas
A ti mesma escogeras.

Era Filippe de Lucena. D'ahi a um instante uma luz assomara á janella. Phebo fechou os olhos. A feiticeira fitava-o com ar de compaixão.

— Meu Deus! — murmurou elle, encostando a cabeça ás lages do templo.

Ao mesmo tempo a luz desappareceu, e com ella o pezo do coração de Phebo.

Em baixo Filippe resmungava, torcendo o bigode e com riso de escarneo:

— *Abur, niña; nos veremos!* trinta dias tem o mez, e cá virás ás mãos, por S. Filippe. Depois, dando costas, soprou aos dedos, fêl-os estalar, e exclamou, rindo: Não se matam dous coelhos de uma cacheirada!

— Hei-de-te pagar a minha divida, Phebo! — exclamou a bruxa, seguindo para as escadas.

E o esculptor murmurava, estendendo os braços para a janella, que de novo ficara em trevas.

— Oh Maria, Maria!

IX.

UM JORNAL DA OPPOSIÇÃO EM 1628.

OPIMIO — Tribuno, hai pronti i tuoi colleghi?
DRUSO — Tutti.
De te pendiamo.
OPIMIO — Riposar poss'io.
Sulla lor fede?
DRUSO — Ella t' é sacra.
(VICENZIO MONTI, *Cajo Gracco.*)

O LEITOR ha-de estar lembrado da maneira como no pronunciamento da Ribeira a senhora Crispina appellara, a fim de dar valor e credito ás suas palavras, para a authoridade de mestre Barradas, o barbeiro d'ao-pé de S. Domingos. O illustre rapador, no artigo novidades, era citado seguramente por tres quartos da população da cidade, com direito ou sem elle, e tinha um auditorio pasmoso. Em novidades politicas, sobretudo, era um oraculo. Quando se espalhava a nova de um desastre em Flandres, de um ataque na Bahia,

de um disturbio qualquer no reino, cujo valor era sempre exaggerado, todos diziam, se a noticia soffria alguma duvida: — É verdade! contou-me mestre Barradas, ou cicrano a ouviu da propria bôcca de mestre Barradas. Era a verdadeira gazeta da terra, e gazeta da opposição. Como quasi todas as pregoeiras de cem bôccas de Guttemberg, o honrado rapador mentia ás vezes sem dó nem consciencia; mas sempre para interesse do partido de que era orgão. Se os navios das Provincias-Unidas mettiam a pique alguma náu da India, ou aprisionavam um comboy, o senhor Barradas, com um gesto de lamuria em que não seria facil descortinar o fingimento, pois que todos os males eram bem vindos, comtanto que servissem de armas contra Castella, narrava o horrivel desastre, pintando-o com vivissimas côres, centuplicando o valor da carga, triplicando o numero dos mortos, e ajuntando que uma náu de Castella, que navegava de conserva, abandonara expressamente o navio ou comboy. Se o mar arrojava á praia um affogado, era uma victima dos governadores em nome de Filippe III; e até as chuvas e as más colheitas recahiam na responsabilidade do monarcha, que, desleixado, não fazia nem bem, nem muito mal, e do duque de Olivares e seus acolytos, que faziam, verdade seja, ás vezes, cousas muito peiores. Eram estes os artigos de fundo do genero *«irritantes»*. Na classe dos *«excitantes animadores»* narrava elle aos mais entendidos certas historias da côrte de França,

de armadas promettidas no caso de revolta, e exaggerava, como um verdadeiro castelhano, o numero dos mortos nas guerras dos Paizes-Baixos, dando por perdidas quantas batalhas se tinham pelejado, como sem forças e desorganisados os exercitos de Filippe, o que, se não era verdade, era um prognostico, que devia começar-se a realisar nesse mesmo anno.

Não acreditem, porém, que tudo isso fosse parto da estupenda cabeça de mestre Barradas; não, senhores. O escanhoador das respeitaveis barbas portuenses era experto, e tinha um tino politico que, por estes felizes tempos nossos, o teria feito subir de cabo de policia a regedor, a administrador do concelho, e quem sabe se morreria barão ou visconde com varias cruzes ganhas á custa do suor do seu rosto nas lides eleitoraes. Mas, como se disse, nem tudo era da sua lavra. Tinha dous redactores principaes, o que ás vezes embaralhava o seu curso de politica a mais não ser, por estarem elles concordes em parte e não no todo. O padre Leonardo das Aldas, ou, melhor, do Collegio acariciava mais a burguezia, taxava os Braganças de pouco energicos, e mesmo covardes, e cada derrota nos mares das Indias era um argumento para provar que o systema republicano das Provincias-Unidas era o melhor, o mais energico e util para uma nação, que, dizia elle, devia ser de commerciantes; o doutor Fernando de Andrade era todo da nobreza descontente, e appresentava a casa de

Bragança como a que mais direitos tinha ao throno, tratando de adiar a explosão da mina, que seu companheiro queria apressar. O barbeiro não dissolvia bem na torrente da sua verbosidade estas opiniões divergentes, nem era possivel; que bem diz o rifão: Sómente a um senhor se serve bem. Ao governo de Castella era que elle prestava melhores serviços, como os partidos de que era orgão. Os influentes das duas opposições e ainda outros dissidentes, discutindo as formas de governo, e sempre luctando entre si, não tractavam de guiar a campo o povo, — a ralé lhes chamavam elles — os unicos homens que estavam promptos e decididos patrioticamente a esmagar o poder de Castella. Salve-se, porém, a honra patriotica de mestre Barradas: com consciencia não concorria elle para estas delongas. Tinha nascido anti-iberico decidido. Demais, tendo em pequeno servido a D. Luiz da Silva, recordava-se desagradavelmente de uns pontapés diarios com que o bom do fidalgo lhe quebrava o jejum, e acompanhava todos os recados e ordens. Mestre Barradas começara por odiar o governador das justiças em nome de Filippe II, e acabara por odiar todos os Filippes por causa do governador das justiças. Os pontapés affiguravam-se-lhe o resultado da tyrannia de Castella, e se nessas eras já se tivessem popularisado as victimas politicas, o escanhoador apregoar-se-ia como a primeira d'entre as primeiras.

A casa do barbeiro era um brinco, como di-

ziam os freguezes das ruas dos Mercadores, Bainharia e outras, assignantes das noticias do orgão da opposição, no Porto, no anno do Senhor de 1628.

Á porta pendia o classico elmo de Mambrino, pintado de vermelho, oscilando em ar de pendulo, em quanto um rato dava movimento de rotação a uma gaiola, fazendo tregeitar dous pequenos manequins. Dentro completavam o muzeu zoologico um canario, um periquito, um gato e um cão, animaes todos de grandes habilidades. A um canto descançava uma guitarra; sobre uma meza a *Chronica do imperador Clarimundo* e alguns outros folhetos, que ainda hoje matam as horas de ocio a muitos Barradas da épocha desde Riba-d'Ancora a Santo-Antonio-d'El-Rei.

Se o leitor pôde fazer um pequeno juizo da casa, talvez não desgoste de ver o inquilino. Barradas, quanto ao physico, nada tinha de notavel senão o nariz. Se não fosse possivel distinguir-se por outra cousa, o barbeiro distinguir-se-ia por ahi. Era uma verdadeira proeminencia, uma saliencia rubra, globulosa na extremidade, um promontorio que lhe assombrava o rosto, o ponteiro mal affeiçoado de um relogio de sol. Os olhos do mestre, que eram regulares, de um verde deslavado, nunca viam objecto algum que não fosse acompanhado de nariz, o que o fazia tomar em aversão aquella parte do seu rosto, debique dos garotos. Os gaiatos de então tinham já descoberto a arma que os jornalistas deste seculo manejam com tanta valentia,

e, cahida ella nas mãos dos seus adversarios politicos, servia ás mil maravilhas em casos intrincados. O nariz do barbeiro era como o calcanhar de Achilles para os seus contrarios, e elle mostrava bem que se doía, quando nelle lhe tocavam e provara a mais de um garoto que não era bom de assoar.

Mestre Barradas, dias depois da scena descripta no capitulo antecedente, um sabbado á tarde, occupava-se em alindar as faces de um rotundo negociante de pannos, em quanto o seu aprendiz marcava uma escada e largas thesouradas na cabeça de um lavrador de Rio-Tinto. A navalha do mestre trabalhava com velocidade, porém a lingua excedia-a.

— Tal e qual, como lhe conto, senhor Thomé; vai-se fazer uma nova leva pelas terras do partido do Porto; levam a gente todad a lavoira para esses matadouros de Flandres, e os campos ficarão ao Deus dará.

Mestre Barradas, dizendo isto ao freguez que tinha entre-mãos, fitava á socapa os olhos no lavrador a quem o aprendiz torturava.

— Que me diz — exclamou o camponez muito espantado, e libertando a cabeça das mãos do seu algoz; — vão recrutar a gente para a levar lá para essas terras?

— Nem mais nem menos.

— Mas já o anno passado fizeram uma leva! — disse o mercador.

— E este anno farão duas, ou tres, ou... sabe Deus quantas.

— Mas a gente não póde com tanto! — murmurou o rustico, pondo-se a pé.

Mestre Barradas dobrou a môxa.

— E diz-se tambem pela bôcca pequena que o governador vai lançar mais não sei que finta.

— Mas isso é esfollar o povo! — atalhou o lavrador com uma cara de metter dó.

— Sua magestade manda; — tornou o barbeiro accentuando expressamente as palavras, como se professasse uma grande veneração ás ordens da magestade.

O rustico não replicou. Atirando uma moeda de cobre para cima de uma meza, resmungou: — Deus fique na sua guarda — e com o sobrecenho carregado, enterrando com um murro o chapeu na cabeça, partiu fallando entre-dentes.

Mestre Barradas sorriu-se com ar de vaidade.

— É verdade — tornou dirigindo-se ao seu paciente: — não sabe, senhor Thomé, ahi mesmo ao-pé da Figueira metteram os excommungados hereges dos flamengos, ou hollandezes, uma náu de especiarias a pique.

— Ha poucos dias? — interrogou o rotundo freguez.

— Ha poucos; e dizem que nella vinha grandes valores para... para... nem me lembra agora o nome... um fulano de Lisboa, que, ouvi dizer, fica pobre como Job.

— D'antes não acontecia isto, — redarguiu o negociante : — não é do meu tempo... mas...

— Mas — atalhou o barbeiro — isso era quando tinhamos rei portuguez, que mandava as náus do estado comboiar os navios do commercio. E, dizendo isto, abaixava a voz.

— Oh! — exclamou o senhor Thomé, do mesmo modo, e abanando com a cabeça em risco de soffrer um gilvaz na queixada — isso era tempo!

— Que póde voltar.

— Ai, estamos muito espesinhados!

— E mais ficaremos. Ouvi dizer ao senhor intendente da alfandega que se ia prohibir no Porto a entrada e sahida da maior parte das fazendas vindas dessas terras de Christo, para augmentar o commercio de Cadiz.

No labio inferior do senhor Thomé appareceu brilhando pelo vivo escarlate do seu sangue a prova da impressão da môxa que o barbeiro lhe applicara com aquella novidade, que pertencia ao genero dos boatos irritantes. Levantando de repente a cabeça levara um bom golpe.

— Isto é de fazer perder a paciencia! — exclamou elle fóra de si...

—Não tem duvida: — replicou mestre Barradas, fazendo-se de novas, e alludindo ao golpe — uma pouca de farinha de trigo, que lhe vou buscar, cura isso n'um ai.

E o rapador, que tambem tinha fama de perito na sciencia dos Hyppocrates e Zacutos, desappareceu

pela porta do fundo. Apenas elle tinha voltado costas, assomou á porta o senhor Bartholomeu de Basto.

A fronte do pasteleiro estava sombria, carregada, e desde que o appresentamos ao leitor tinham-lhe as carnes diminuido sensivelmemte. Entrou abstracto e sentou-se, sem dar bons dias, n'um escabello, deixando os braços pendentes, como desacoroçoado. O senhor Thomé ficou admirado da descortezia do recem-chegado, que era seu conhecido, e com razão, pois não tinha obrigação de saber que elle via passar todos os dias Filippe de Lucena pela sua porta, e, se lh'o dissessem, assentaria que isso não era motivo sufficiente para negar um *«louvado seja Deus»* a um seu amigo, e carregar tanto o sobrecenho. Resolveu-se comtudo a cumprir da sua parte com as regras da civilidade, e narrar-lhe a estupenda noticia que mestre Barradas acabava de lhe contar. O seu espanto porém redobrou. O senhor Bartholomeu, o acastelhanado, como já se rosnava pelo bairro, recebeu a noticia com uma praga, que serviu de introito a uma catilinaria tremenda contra o governo estabelecido.

Mestre Barradas, que voltava com uma caixinha de farinha, a agua de Lavande, ou *Coald-Cream* que o illustre rapador applicava á ardencia de pelle e cortaduras, que algum descuido lhe fazia abrir na cara dos freguezes, ficou como D. Bartholo; de bôcca aberta, em uma perfeita posição academico-burlesca de espanto profundo.

— Cães que nos esfollam e ainda por cima se riem do pobre povo! O que elles querem é o nosso ultimo real e, como os perros infieis, as nossas filhas e mulheres! E havemos de lhes aturar tudo isto! —Paciencia, paciencia! chegará a hora — dizem todos; mas quando ella chegar já não nos restará mais que pelle e ossos, e nem um ceitil para polvora. Eu andava com os olhos fechados; mas abri-os. São uns cães, repito, uns ladrões, uns excommungados!

O senhor Thomé fechou as mãos na cabeça, murmurando assustado:

— Senhor Bartholomeu alguem nos póde escutar; e pelos tempos que vão...

— Que me podem fazer? Lançar-me ao Douro dentro de um sacco, como têem feito a todos os leaes portuguezes: mais vale isso; nem assim deixarei de gritar — guerra aos castelhanos!

O senhor Thomé não esperou pelo medicamento do mestre Barradas. Deitou a correr, como se visse já a mão mysteriosa de algum quadrilheiro que tentasse enfiar-lhe pela cabeça o fatal sacco, parodia turca de Filippe I, que tinha cahido em desuso.

— Mais baixo, senhor Bartholomeu — lhe disse o barbeiro, com um ar de satisfação e importancia, e fazendo um signal ao aprendiz para que se fosse pôr da parte de fóra; — podem ouvir-nos. Bem vos dizia eu — continuou, preparando uma toalha e mais aprestes de barbear — que havieis, como

homem de tino que sois, de chegar-vos ao rego. Quereis fazer a barba?

— Não, mestre.

— O senhor doutor muitas vezes me tinha dito: Admiro como o senhor Bartholomeu, que é homem honrado, e de grande tino, é pelos castelhanos, inda mesmo contra os seus interesses. Ainda hontem me disse elle que se fosseis dos nossos, podieis fazer grande serviço a Portugal.

— Que serviço? — interpellou o senhor Bartholomeu ainda não inteiramente desarmado da sua cholera — Esperam por não sei o que...

— Espera-se — atalhou o orgão da opposição — que as cousas estejam maduras...

— E não o estão ellas?! O que eu vejo por ahi é deitar agua na fervura ao povo: boa occasião havia agora pela cobrança dos novos tributos; mas não querem. Havia de jurar que andam conloiados.

— Pois jurava falso, senhor Bartholomeu! O senhor parece-me que decididamente é dos nossos.

O pasteleiro olhou para mestre Barradas com uma expressão tal, que lhe tirou toda a duvida.

— Ha grandes cousas! — tornou o barbeiro muito baixo.

— Então? — ía a interrogar o senhor Bartholomeu.

— Calluda — disse o barbeiro do mesmo modo, pondo o indice sobre os labios; — são cousas de grande importancia.

— Mas...

— Decididamente sois dos nossos?

— Mestre — exclamou o Vatel portuense com dignidade — já me perguntou isso uma outra vez.

— E está prompto a fazer todos os sacrificios?

Neste meio tempo ouviu-se uma voz de dentro que dizia:

— Mestre, está aqui um freguez.

Um freguez que entrava pelo lado dos moínhos, que ficavam no sitio aonde hoje está a rua de S. João, devia ser forçosamente conhecido do mestre, pois que o logar não era de muito transito. Com effeito, mestre Barradas adivinhou quem fosse, e resmungou por entre-dentes:

— Veio mesmo ao nó.

— Então? — tornou a interrogar impaciente o pasteleiro da rua Escura.

— Um momento, que já volto — foi a replica do barbeiro.

— Está pois decidido a tudo — voltou este a perguntar tornando a entrar na saleta da rua, fitando attentamente os olhos do interrogado.

— Mestre! — exclamou meio-cholerico o senhor Bartholomeu.

— Pense no que diz; porque depois...

Pela espinha do senhor Bartholomeu deslizou-se esse frio que denota irresolução, e o sangue girou-lhe por um bocado mais lentamente nas veias. O honrado burguez bem sabia no que se ia metter. Para elle, se lhe dissessem que ás vezes na sala do lado das azenhas se reuniam á noitinha

certos figurões, que lá ficavam até tarde, não era grande novidade, e aquellas palavras faziam-lhe o effeito que a um merceeiro acanhado dos nossos dias fazem as perguntas mysteriosas dos continuadores da confraria do Templo. Depressa, porém, o fogo lhe brilhou de novo nos olhos, e a mão foi parar sobre o cabo do seu punhal, meio-occulto nas pregas das enormes bragas.

— Estou por tudo.

— Então, entre, que alguem lhe explicará melhor do que eu, o que ha de novo.

E mestre Barradas conduzindo o pasteleiro adiante de si, sumiu-se por uma das duas portas do fundo, coberta por duas cortinas, ou melhor, reposteiros de panno listrado de branco e vermelho, que pela apparencia mostravam que tinham já conhecido melhores tempos.

O barbeiro voltou para a loja esfregando as mãos com um ar de contentamento indizivel, e murmurando:

— Bom, bom... se as cousas em Evora não desandarem, mestre Barradas, o filho de meu pae... ainda ha-de vir a ser... a ser...

E ruminando a sua posição futura, começou a fazer girar n'uma dobadoura, o couro de amolar as navalhas, as bacias de cobre, as toalhas, as cadeiras e tudo quanto via diante de si.

— Syndico dos officios... hum! hum! — continuou resmungando — recebedor da portagem?... isso é que me quadrava.

Alguns freguezes vieram tirar desta preoccupação a mestre Barradas, que já começava a indireitar o pescoço e as pontas da sua walona liza, transportado nas azas da imaginação e do desejo a uma brilhante posição social.

Os freguezes que entraram eram nada menos que mestre Duarte Mondim, o latoeiro, e Pedro Braço-Forte; duas entidades muito conhecidas da casa, e que eram tractadas com toda a familiaridade.

Mestre Pedro, não fazia a barba; vinha ás novidades e em quanto o seu companheiro era escanhoado, a conversa versou sobre a grande conquista feita pela habilidade do mestre Barradás, que tinha esgotado todos os recursos da dialectica para atrahir á boa causa o respeitavel chefe da corporação dos taberneiros e estalajadeiros, personagem que podia dispôr de grandes recursos e influencia.

Mestre Pedro estava de bôcca aberta e olhava para o barbeiro com admiração e respeito. Notava-lhe até uns longes de distincção, e havia de jurar que se parecia na testa com o doutor Andrade, homem que tinha por um sabio como Salomão, sem fazer offensa ao padre Leonardo, ao defuncto padre Christovão de Gouvêa, ou a Duarte Dias.

A conversa foi longa, porém não menos o foi a do mestre Bartholomeu com o mysterioso freguez da sala do lado das azenhas. Quando sahiu era noite cerrada.

Do que se passou nessa conferencia apenas

podemos rolatar as ultimas palavras, que se ouviram por detraz da cortina listrada da porta por onde mestre Bartholomeu entrou.

— Dizei isto a todos. Na corporação podeis fazer-nos grandes serviços, arranjando-nos gente decidida e de acção.

— Já vos fallei, reverendo — dizia o senhor Bartholomeu — no meu compadre Manuel e em Braz Leituga, que tem uma estalagem fóra da Porta de Carros; é homem seguro e todo meu...

— Não queremos traidores; lembrai-vos do que vos disse. — Nem tudo o que leva o rio é justiça de El-rei.

— Fico por toda a minha corporação.

E podia ficar: era uma das mais revolucionarias e patrioticas da terra.

— Posso ir descançado?

— Podeis, reverendo.

A cortina levantou-se. Á luz de um candil que o barbeiro accendêra na sala via-se destacar no escuro do corredor uma figura ossea, angulosa, de beiços sumidos, cujo traje era a roupeta da companhia de Jesus. O senhor Bartholomeu fez uma profunda genuflexão ao despedir-se, e o padre levantou a mão como para abençoal-o.

— Vá, meu filho — disse elle — e trabalhe, que para Deus trabalha.

A cortina tornou a cahir.

O jesuita achava um homem e um homem de acção para os seus planos, e dava mentalmente

graças a Deus por se achar doente havia dias o doutor Fernando de Andrade.

O reverendo, como já demos a entender, tinha os seus motivos.

Mestre Bartholomeu, que se lançara de cabeça baixa e olhos fechados na conspiração, pelo odio violento que creara ao governo de Castella, achava tambem o seu homem.

D'ahi a pouco entraram para dentro mais alguns embuçados, e a porta da loja fechou-se.

X.

AS DUAS AMIGAS.

Desengano, quem vos quer
Esse não vos póde achar,
E quem vos não ha mister
Buscae-lo para o matar.

(Francisco de Moraes,
Desculpa de uns amores.)

Em quanto de olhos fechados o honrado pasteleiro da rua Escura saltava das fileiras da ordem para a opposição, e se mettia a conspirar, levado pelo odio que ao governo existente votava na pessoa do sobrinho do conselheiro, um outro rival se approximava d'aquella que o induzira, innocentemente, a um tal passo. Este rival era Phebo.

O que o pobre mancebo fazia era menos que nada, e, na apparencia, no coração da linda moça não conquistara nem a minima porção de amor. Acanhado, tinha sido impellido a travar relações com Maria Aldoar, sem ter dado um unico passo

para o que elle julgava ser o cúmulo da felicidade, de que não se atrevia a gozar. Mal imaginava elle que andara alli o dedo da bruxa. Fôra um dia encarregado de dar um desenho para uma toalha de egreja, que bordava a filha do senhor Roque, por intervenção de Beatriz, a quem tinha feito eguaes serviços, e desde então, como não quizesse receber paga, travara-se entre os dous uma lucta de pequenos obsequios, de presentes, de agradecimentos e escusas, que outro teria muito bem approveitado.

O esculptor fazia mil projectos, mil castellos no ar, quando a sós em casa; porém, se encontrava de frente a linda moça, titubiava, esquecia-lhe o seu plano de batalha, e, se não fosse a mudança que no rosto se lhe notava, dir-se-ia que Maria Aldoar era para elle a mais indifferente das creaturas.

Maria, da sua parte não suspeitava que lhe tivesse sequer uma sombra de affecto. Se alguem com um pouco de estudo do amor ou experiencia, que mais vale, os visse approximar um do outro, conheceria que á forte lavareda que se ateava no peito do moço artista, correspondia uma luz vága no peito da donzella. Não ousava encontrar com os delle os seus olhos pensadores e meigos; córava, se o acaso a fazia encarar com Phebo, e diziam tanta banalidade um ao outro, que era impossivel que não quizessem ambos occultar alguma cousa.

Podem-me acreditar (é com as senhoras que

fallo): desconfiem do bom quilate do amor que á queima-roupa lhes fôr pintado com uma torrente de palavras, cada qual a mais expressiva. A creatura que junto da pessoa amada tem vagar para fazer flores de estylo e requintes de trocadilho não tem a imaginação bastante preza. O amor subjuga a imaginação, fazendo-a girar sómente em torno do objecto amado; tem fallas ás vezes grandiosas e infloradas, mas de um grandioso extravagante; na generalidade é quasi mudo. Nas grandes paixões, só a intimidade traz essa interminavel enfiada de nadas com que gastam o tempo duas creaturas que se querem; mas, ainda assim, não ha ahi o que se chama jogo de espirito: nem um nem outro têem muito que dizer. Fallam para não estar callados. A volupia, que sentem n'alma, lhes prende a imaginação, para a deixar depois mais arrebatada, quando a sós com as suas recordações.

Deixemos, porém, a physiologia do amor.

O que Maria sentia, ou, melhor, julgava sentir, depois que a imagem, o nome e a voz de Phebo mais se lhe appresentavam aos olhos e ouvidos, era um maior affecto por Filippe. Não havia tarde em que o não fosse ver passar, e, se á noite o cantar do estouvado mancebo chegava até ella, a janella do seu quarto via-se illuminada, e um vulto se debruçava, que por vezes alli ficava até alta noite. Não obstante nunca se atrevêra a fallar com o joven fidalgo, e todas as insinuações da tia Briolanja tinham sido mal acolhidas.

Este affecto de Maria Aldoar por Filippe, crescendo na proporção das relações que com Phebo ligava, é um desses mysterios de coração, que se dão, e custam a explicar. Não o tentamos pois. O que neste instante queremos, é fazer saltar o leitor até aos meados de fevereiro desse mesmo anno de 1628.

Era por um tempo soberbo. O céo estava sereno, sem nuvens e com esse azul limpido, que só em algum formoso dia de inverno appresenta. Os raios do sol dardejando sobre os campos enchiam tudo de luz e de alegria. Umas arvores elevavam aos ares os seus braços nus, como a implorar o seu adorno de fructo e de flores, outras ostentavam a sua folhagem verde-negra e luzidía; leiras de uma côr alvacenta e outras, a que a enxada dera uma tinta quasi negra, formavam um xadrez irregular, especie de tapete que se desdobrava sobre a campina, com os seus florões verdes desenhados a capricho aqui e alli, tornando pela irregularidade mais agradavel o panorama.

Desde a Torre da Marca e Cedofeita até ás portas das Virtudes e Olival; desde a de Carros e Santo Eloy até aonde hoje fica o campo de Santo Ovidio; desde Cima-de-Villa até ao Padrão, não havia horta deserta, casa que não enviasse uma columna de fumo branco direita a perder-se no azul do firmamento; não havia moita de que não sahisse um chilrear, não de pardaes, que por um lado e outro andavam espavoridos, mas de bons

burguezes e mesteiraes da cidade da Virgem, que tinham ido fazer as suas merendas a extra-muros.

O Porto foi sempre essencialmente gastronomo. Apezar do revolto que andavam os espiritos, não tinham seus filhos deixado perder uma occasião como a que se lhes appresentava para algumas horas de folga ao corpo e trabalho ao estomago, sendo o dia um domingo, e com sol que faria inveja a outros mezes de dias menos acanhados que os de fevereiro.

Todo o espaço de terreno que vai das Virtudes á Torre da Marca; todo o declive da Arrabida, que abre uma especie de bahia, em fórma de ferro de engommar, para dar abrigo ao pequeno bairro Armenio, era então um maninho coberto de pinheiros, castanheiros e carvalhos, que tinha por atalaias, distante, no alto, uma antiga torre feudal, com um dos pannos da muralha caiado a branco, para servir de baliza aos navios que demandassem a barra, e na baixa o convento de Monchique, com as suas ameias de tijollo, setteiras em fórma de cruz, troneiras rasgadas e outros adornos, que davam a entender que as esposas do Senhor tinham tido em tempos as suas veleidades guerreiras. Espalhadas aqui e alli, como cabrinhas brancas que pastassem o lichen dos rochedos ou a herva da encosta, viam-se algumas pequenas casas com os seus cercados de silvas ou pedra solta, ramadas e pomar; o embryão de um bairro futuro. A mais bonita destas casinhas ficava no extremo da sinuo-

sidade, no alto da encosta ao-pé de uma corrente de agua que de um pantano superior se escoava para ir espadanando, aos corcovos, de rochedo em rochedo, como uma serpe de prata, até se perder no fundo, em Miragaya. Ficava abrigada entre columnas de pinheiros e carvalhos corpulentos, como para se recatar a todas as vistas. A horta tinha uma ramada despida de parras, moitas de alecrim vulgar, hortaliça e algumas rozeiras, que, por assim dizer, serviam de enfeite aos supportes de um estendal, pois a vivenda era de uma lavadeira.

Encostados a um mirante natural, feito de alguns monolithes, vamos nós pelas 4 horas da tarde encontrar duas lindas meninas; uma que o leitor já conhece, outra, de que ouviu fallar, e cujo retrato tentaremos fazer.

Era da mesma edade que Maria Aldoar, a sua companheira, e da mesma altura. No perfil havia uma reminiscencia do typo judaico e do mouro. O nariz ligeiramente arcado; o queixo imperceptivelmente retrahido; os olhos um pouco descahidos para o lachrimal, rasgados e castanhos. As sobrancelhas e pestanas eram negras; o cabello d'um louro ardente, avermelhado. Conhecia-se á primeira vista ser aquella côr contrafeita. Com estas feições era bella, mas de uma belleza extranha.

— Olha, alli estão violetas, mana — disse uma das donzellas, apontando para um pequeno socalco inferior. — Vamos fazer um ramo?

— Vamos! vamos! Eu gosto tanto de viole-

tas! — exclamou a outra, batendo as mãos de contente.

— Verás como eu sei arranjar um ramo, Maricas, verás!

— Tens muito geito para essas cousas, Beatriz.

— Como tu para os fazer de hollanda fina e outras télas.

— Mana, ahi estás com os teus elogios, que não mereço. Os teus ramos são mais bonitos e naturaes. Não te quero fallar nas tuas flores de pennas... tenho-te inveja! — exclamou Maria, batendo com as pontas dos dedos nas faces rozadas da sua companheira.

— Lisongeira!

— É que fazes, na verdade, flores tão lindas como as que Deus creou...

— Vais-me fazer rir.

— Não; são verdadeiramente lindas... e de nova invenção.

— Oh! quanto a isso, são debuxos de Phebo — redarguiu Beatriz.

— De Phebo...

— Ah! é verdade: elle ficou de vir ter comigo, e ainda não veio.

Maria ergueu-se, como para respirar, e fitando os olhos no horisonte, assim permaneceu por muito tempo. Inteiramente embebida nas suas cogitações, em quanto sua amiga continuava a apanhar violetas, apertava ella as colhidas n'uma das mãos, e machinalmente as desfolhava.

— Olha! vês... tão bonito! — gritou Beatriz mostrando o seu ramo, arranjado artisticamente com verbena e outras florinhas que encontrára.

— Está bonito!

— Olha!

— Já vi.

— Não viste nada. Jesus! tu estás a estragar as tuas violetas! Que te faz distrahir assim?!

— Nada... O céo está tão lindo...

— E tu fazias das tuas violetas malmequeres.

— Eu!

— Não; eu, que as desfolhei todas, repetindo baixinho comigo: *bem-me-quer*, *mal-me-quer*, para nellas procurar a sina de certos amores!

— Não importa que me queiram bem ou mal.

— Ora vejam, como a mana falla! Pois a mim parece-me que a minha Maricas tem o quer que é que a faz responder torto, quando se lhe pergunta alguma cousa. Anda distrahida, a olhar para os ares, a soltar suspirinhos como as pastoras dos versos, e a desfolhar violetas de que até aqui gostava tanto.

— E ainda gosto.

— Não fuja, não fuja ao que se lhe diz; a minha namorada quer fugir!?

— Eu namorada, Beatriz?

— Sou eu.

— Tens lembranças!

— O que me admira é que nós, que nos amamos como irmãs, tenhamos segredos uma para

a outra — continuou Beatriz, passando o braço pela cintura da filha do senhor Roque, e obrigando-a a assentar sobre os rochedos, onde as fomos encontrar debruçadas.

— Se tens segredos para mim, não os tenho eu para ti, Beatriz; — redarguiu Maria, corando.

— Tu coras, Maricas; não fallas verdade!

— Eu? não.

— Ahi estás tu atrapalhada para me negares o que eu sei.

— Tu sabes? — exclamou a inexperta moça, estremecendo.

— Oh se sei... que lhe disseste que apparecesse por aqui!

— Sabes muito! — murmurou a sobrinha da senhora Perpetua — até o que não existe.

— Se lh'o não disseste, vem elle de seu voto proprio. Mas aposto que a minha amiguinha não deita a fugir; que ha-de gostar de o ver!

Maria Aldoar corou de novo, e depois, sorrindo, deu um abraço em Beatriz.

— Então, não o dizia eu? — exclamou esta.

— Não sabes nada, minha louquinha.

— Ainda negas?

— Se queres, confessarei o que for de teu gosto, mana.

— Ora vamos, confessa.

— Olha que lindo que está o rio...

— Deixa o rio. Não é assim que me foge a esquiva.

— Beatriz!...

— Enfadas-te?

— E se me enfadasse...

— Mais razão tinha eu que lhe conto tudo, como se deve fazer entre amigas. Tu és calada... não confias em mim.

— Nem tudo me contas.

— Pois bem: confesso, que te tenho occultado alguma cousa... e dir-t'o-hei, se me contares os teus amores... que eu já sei; mas quero uma confissão da minha reservada.

— Se sabes, para que precisas que t'o diga?

— Não dizes?

— Faze primeiro a tua confissão.

— Pois sim.

Beatriz tomou uma das mãos de Maria, e cravando os seus olhos nos della com um ar malicioso, disse com uma intonação affectada:

— Quero muito a Phebo...

— Tu? — murmurou Maria, com ar de indifferença.

Depois passou a mão pela testa, e começou a amarrotar o resto das violetas que ainda conservava na mão.

Beatriz tambem permaneceu calada por um pouco, fitando a sua amiga.

A moça havia dias que suspeitava de Maria Aldoar, porém como por um presentimento; pois que nada sabia quanto aos amores da filha do senhor Roque, senão que Phebo, o esculptor, lhe

queria como um louco, e que sua amiga tinha uma paixão. Se o que corria sobre a sua indifferença para com o moço esculptor era verdade, alguem devia ser o preferido. Se a voz publica era mentira, ou quem era esse alguem, é que ella desejava e receava saber. Quanto á primeira parte, já a desconfiada moça conhecêra, servindo-se de um extratagema vulgar, dizendo que amava Phebo, a ver se excitava um desabafo ciumento de Aldoar, que não era o filho do senhor Thomaz Lever que fazia scismar a linda moça.

Irresoluta, não sabia se devia ou não continuar a sua indagação.

Nem mais uma palavra tinham ainda trocado entre si, quando do lado superior começou distinctamente a ouvir-se rumor de passos e mesmo o galopar de um cavallo; este ruído, porém, não chegou aos ouvidos das duas moças, tal era o seu intertenimento. Ambas se tinham posto a pé. Maria olhava machinalmente para uma moita de arbustos do caminho que dava para a pequena vivenda em que estava. Beatriz, tendo poisado as mãos nos hombros da sua amiga, voltava o rosto para o lado da casa, á porta da qual se encontrava assentada a senhora Perpetua, a lavadeira e outra visinha.

— Vamos, Maricas, já fiz a minha confissão; agora a tua — murmurou Beatriz, interrompendo aquelle silencio.

Os ramos da moita mexeram-se, e ouviu-se distinctamente este canto:

Niña, si a la huerta vas,
Coge las flores mas bellas...

Beatriz voltou-se vivamente para aquelle lado. O rosto de Filippe de Lucena assomava por cima dos arbustos.

— O teu é aquelle — tornou baixinho, sorrindo, a costureira, lançando os olhos a furto sobre Filippe de Lucena.

Maria Aldoar corou; apertou-a nos braços e disse tambem baixo:

— É.

Beatriz buscou os olhos de Filippe.

O mancebo fitava a sobrinha da senhora Perpetua.

A costureira repelliu a sua amiga dos braços de uma maneira brusca; fez-se lívida e corada quasi de repente, e exclamou, depois de soltar um grito selvagem:

— Filippe!

Admirada, procurou Maria tomar-lhe uma das mãos, sem saber que dizer nem a que attribuir aquella perturbação, e murmurou:

— Filippe, sim... por que?...

— Oh!... — exclamou Beatriz, repellindo-a, e mordendo os beiços — nada! nada!...

— Que tem a menina? — perguntaram á uma a lavadeira e a senhora Perpetua, que, attrahidas pelo grito de Beatriz, correram para junto das duas amigas.

— Nada — disse a moça fitando as duas mulheres, com um olhar vago, um olhar como de louca — nada...

Filippe vira esta scena, reconhecêra Beatriz, e affastara-se da moita. D'ahi a momentos ouviam-se de novo soar as ferraduras de um cavallo pelo terreno escabroso da montanha.

— Vamos embora, minha tia — balbuciou Maria Aldoar — A senhora Beatriz não está boa, nem eu. Dóe-me a cabeça...

— Eu bem lhes disse que não andassem ao sol como umas doidinhas. O sol de inverno faz muito mal. Raparigas!... não fazem caso do que lhes diz a gente de edade — resmungou a senhora Perpetua, com o tom meio sério, meio carinhoso com que as avós ralham aos netos — depois tudo é queixar-se!

XI.

AS APPARENCIAS ENGANAM.

> Bagatelas leves como o ar, parecem ao ciumento provas tão fórtes, como as tiradas da Escriptura Santa.
>
> (Othello, *acto 3.°*)

O PASSEIO da senhora Perpetua não fôra sabido tão sómente pelo moço esculptor e pelo extravagante sobrinho de Francisco de Lucena. O pasteleiro da rua Escura não perdia de vista um passo, um gesto de Maria Aldoar, para a deixar uma tarde inteira, ficando elle entregue ao tormento, que aviva no coração do ciumento desprezado a ausencia, a incerteza das acções da mulher amada.

Era um inferno a vida do senhor Bartholomeu depois da chegada de Filippe. A Phebo nunca contara por causa alguma, com o desdem de um homem a quem davam importancia pelo dinheiro, e

que, portanto, julga nada os que não poderam arredondar uma tal ou qual somma. Era-lhe a vida um inferno, que o perpassar do moço Filippe não lhe deixava adormecer o ciume; de noite lh'o recordavam as suas canções hispanholas; de dia, a todos os momentos, o caracolar de um cavallo na rua, o tinir de esporas ou de espada pelo lagedo. O córte de uma capa parecido com o de alguma de Filippe lhe trazia á memoria a sua infelicidade; os companheiros do moço fidalgo lhe recordavam a aposta fatal da ceia a que fizemos assistir o leitor; certas côres produziam nelle o effeito de uma rémora. Odiava a nobreza da terra, porque Filippe era nobre; não podia ouvir uma cantiga hispanhola, cousa vulgar então, sem soltar uma praga, o que o fizera muito popular entre os mesteiraes e querido dos patriotas da burguezia, que o tinham em conta de homem mui sisudo para attribuirem a causa ao deus vendado.

Se encostado á sua porta, em casa, o tinham em sobresalto e desespero todos estes nadas, longe da sombria rua que habitava, ou longe della a filha de Roque Aldoar, o ciume lhe pintava a donzella sempre a sós com Filippe. Através do espaço julgava sentir o rumorejar de meigas confidencias, o ciciar de um beijo, quando a imaginação lhe não debuxava d'essas scenas que gostava de descrever Parny. O ciume do desejo é por isto mais terrivel que o do amor; pois este rarissimas vezes chega a pensar do objecto amado cousas que o rebaixariam,

tornando-o indigno de culto, de uma verdadeira paixão.

Através das adufas da sua vivenda vira sahir a senhora Perpetua e sua sobrinha, e a toda a pressa tratara de se ataviar para lhe seguir os passos. Como a *alma-do-mestre* acompanha no alto mar um navio, esvoaçando, de um lado para o outro, traçando circulos, affastando-se por vezes, porém sem perder de vista a vela na esteira da qual prevê que encontrará o cibo, seguia o pasteleiro a Maria Aldoar.

Esta imagem é exacta até certo ponto; em outro não. O voar d'essas avesinhas, os seus giros, são rasgados, elegantes, e a marcha do senhor Bartholomeu tinha pouco de uma e outra cousa. Desejoso de alcançar um gesto de agrado, temia um de desdem ; morto por poder gozar da companhia da linda moça, receava encontrar o seu rival e ver trocar entre os dous um d'esses sorrisos que tanto dizem e fazem sentir. Caminhava, pois, ora lenta, ora apressadamente, parando de tempos a tempos, indeciso, receioso, luctando-lhe no peito os fogos do desejo com os desalentos do ciume.

O ciume é o mais das vezes consciencioso e franco para com quem no peito o alenta, e lisongeiro para com o ente que o fez nascer. Appresentando-se espelho fiel dos defeitos physicos da sua victima, exalta a minima graça ou perfeição do rival, annullando todos os recursos de que se poderia lançar mão para o expellir.

O senhor Bartholomeu, seguindo o caminho que levava a donzella, fitando-a, pensava em Filippe de Lucena, e interiormente mordia-se de raiva. As reflexões que lhe assaltaram a mente, desde que sahira de casa até á Porta do Olival, foram cada qual mais desagradavel, e, se naquella occasião uma dessas fadas bemfazejas dos contos da lareira exigisse delle o maior sacrificio para o tornar tão guapo e moço como Filippe, o illustre mestre da corporação dos tendeiros, taberneiros e estalajadeiros daria.... um terço da sua fortuna, somma que, podem acreditar, não dera para salvar a vida. Aquella lucta desalentou-o, e, lançando-o em um pasmo estupido, o tornou immovel por bastante tempo. Insensivelmente sentou-se n'um tronco cahido, cravando os olhos no chão, e com a ponta do seu punhal começou a espicaçar a madeira. Foi nesta posição que alguns conhecidos seus o foram encontrar. A todos respondeu de um modo abstracto. Nem Duarte Mondim, nem pessoa alguma pôde obter delle mais que alguns monosyllabos tão disparatados, que não poucos duvidaram se sim ou não o homem estaria no gozo da sua intelligencia.

Estes monosyllabos e exclamações soltas contra Castella, fizeram acreditar a alguem que a patria dava muito cuidado ao senhor Bartholomeu, cousa que alguns conhecidos não podiam conceber pelo rapido da conversão. Mestre Mondim, tambem resmungava aos que tal lhe diziam que conhecia o visinho como as palmas das suas mãos, e que álli

naquella mudança andavam outros negocios. Que negocios fossem, é que elle não sabia, por não ter grandes fallas com a senhora Gertrudes, nem com a senhora Brazia, ou alguma outra das comadres da respeitavel donzellona.

Os que duvidavam do bom estado da cabeça do pasteleiro, não erravam muito, que a vontade e o pensamento lhe andavam alienados pelo ciume, e tanto, que desejando seguir a sobrinha da senhora Perpetua, a deixara perder de vista; gastara mais de duas horas em tergiversações, baralhando as ideias, que na cabeça se lhe cruzavam rapidas como a luz do relampago, e, como ella, deixando-o depois em maiores trevas, em maior confusão, n'um verdadeiro pezadello de que já tarde despertou.

A ausencia de Maria Aldoar fez-lhe de novo crear animo. Mal por ella deu, ergueu-se e pôz-se a caminho apressadamente. Desejoso de a encontrar, e revolvendo na mente as suas ideias de ciume, correu pelos campos irreflectidamente, ainda nesta operação desperdiçando uma boa hora. Quando se recordou da casa da lavadeira, onde vira já outras vezes a filha do senhor Roque Aldoar, e para lá se dirigiu, era quasi no fim da tarde.

O senhor Bartholomeu, para atalhar caminho, seguia por uns campos, do lado da Torre da Marca, onde fôra parar, quando, e já bem perto da vivenda onde o leitor viu as duas amigas no antecedente capitulo, chegou aos seus ouvidos a canção favorita do sobrinho de D. Francisco de Lucena, que lhe

soou como pregão de justiça aos ouvidos de um criminoso. Appressou o passo, e o acaso o veio trazer ao sitio onde Filippe deixara o cavallo atado. Algumas arvores occultavam o moço estouvado.

O pasteleiro parou irresoluto. Passara-lhe pela cabeça como uma nuvem que lhe offuscara a luz do entendimento. O grito de Beatriz lhe fez porém voltar o rosto e dar mais alguns passos, e a vista se lhe prendeu em um ponto. Filippe saltáva abaixo dos penedos, onde ha pouco o vimos, e, sorrindo maliciosamente da falsa posição em que deixara as duas donzellas, se dirigia para o sitio onde atara o seu cavallo. De um salto, machinalmente, mestre Bartholomeu estava tambem no caminho. Os olhos faiscavam-lhe como lume; a mão apertava convulsivamente o cabo do seu punhal. O chefe da corporação dos tendeiros perdêra, como vulgarmente se diz, a cabeça, e talvez não commettesse uma acção das mais innocentes, se uma outra pessoa não se lhe appresentasse ante os olhos. Esta pessoa era Phebo, que immovel no meio da estrada, do lado contrario ao que seguia Filippe, similhava uma estátua. O pasteleiro como que gelou com aquella apparição. A resolução que se lhe apossara da mente varreu-se tão rápida como viera; os braços penderam-lhe; os olhos cravaram-se na terra; a fronte anuveou-se-lhe, passando do gesto de raiva, para o de desalento, e permaneceu immovel, como se quizesse fazer a segunda ao seu visinho.

Uma ideia sinistra, conclusão por elle tirada do apparecimento de Filippe, saltando do lado do quintal onde se achava a filha do senhor Roque, delle se apoderára. O ciume naquelle facto dera-lhe as provas de uma cousa com que nem se quer tinha sonhado a linda moça; e procurando fugir daquelle pensamento, mais elle se avultava, confundindo-lhe a memoria a ponto de lhe trazer recordações vagas de pequenos incidentes, que não eram mais do que creações da mente allucinada.

Tambem a Phebo surprehendera, pelo imprevisto, o salto de Lucena; magoara-se em extremo, recordando o seu amor mallogrado; trazendo-lhe a ideia de que um rival feliz cada vez mais ganhava a affeição de Maria, affastando-o a elle; porém não manchou no pensamento o idolo do seu culto.

O amor temia pelo coração, pela alma; o desejo temêra pelo corpo.

A immobilidade dos dous rivaes não durou muito. Ambos, como para disfarçar, continuaram ousadamente o caminho até á porta da lavadeira da senhora Perpetua Freire. Ao encontrarem-se ambos soltaram um «*guarde-o Deus, visinho*» tão sumido, que mal se ouviu. O senhor Bartholomeu seguiu o caminho para o lado da Torre da Marca; Phebo lançou mão da tranqueta da porta da pequena vivenda; porém, antes de a abrir, conservou-se alguns minutos com a fronte encostada á padieira, como se no frio da pedra quizesse mitigar o seu grande calor. Por fim resolveu-se e entrou.

Phebo tinha sido convidado por Beatriz para a reconduzir a casa. Se até ahi o embaraçava a presença de Maria, nesse dia mais. Até voltarem para casa, durante todo o caminho não trocaram entre si palavra alguma. Beatriz tambem não abria os labios. Não parecia que vinham de um passeio, de uma merenda no campo, mas de um enterro. A senhora Perpetua ia tambem pezarosa, attribuindo á doença a causa daquella mudez.

A boa velha esquecêra-se inteiramente de certas mágoas dos seus verdes annos e da principal das causas, e revolvia na mente uma ceremonia burlesca com uns vasos d'agua, remedio efficaz, segundo ella, para tirar o sol da cabeça.

XII.

A REVOLTA.

.... Contava offese,
Libidini, rapine, ed ogni lutto
Delle vedove caze: era nel volgo
Mestissimo silenzio: or gli succede
Un'ira..................................
(NICOLINI, *Giovanni da Procida.*)

O DIA seguinte nasceu anuveado e sombrio. Apezar d'isto, ainda mal a luz penetrava nas estreitas ruas do coração da cidade, já o nosso pasteleiro, que passára a noite em claro, vagava de um lado para o outro, por bêccos e ruas, dando encontrões, de absorto que ia, nos lavradores que accorriám a trazer provisões, ou nos mesteiraes que de casa sahiam para as suas officinas ou obras. Pela volta das onze horas, cançado já e um pouco tornado a si, o senhor Bartholomeu atravessava, regressando para casa, o terreiro de S. Domingos.

Junto aos arcos, um ajuntamento de povo lhe chamou a attenção, impedindo-lhe a passagem. D'aquelle grupo não sahia nem sequer um *psiu*, parecendo todos reter o alento, como para se não distrahirem. Era certo, pelo menos parecia, que aguardavam algum successo extraordinario.

O senhor Bartholomeu esforçava-se por abrir caminho, quando no povo se fez um movimento rápido, e algumas exclamações cortaram o silencio que reinava.

— Coitada! coitada! A pobresinha não tem para pão, quanto mais para dar a el-rei.

— É uma pena! — ouvia-se do outro lado.

Estes e outros ditos se referiam a uma pobre mulher, que acabava de apparecer á porta de uma casa, segurando-a por um braço um quadrilheiro, e seguida por alguns alabardeiros, que começaram lentamente a atravessar o grupo de povo. Pouco a pouco se dispersou este pelo terreiro, fallando em voz baixa, porém visivelmente descoroçoado.

O senhor Bartholomeu seguia tambem para casa, quando uma mão pezada lhe bateu no hombro.

— Bons dias, senhor Bartholomeu. Então que lhe parece?

— Bons dias — redarguiu o pasteleiro, voltando-se espantado para um hercules meio-tisnado, que fôra quem lhe dirigira aquella amavel saudação com acompanhamento de murro. E ia cabisbaixo a seguir o seu caminho, sem se dignar responder á pergunta que lhe tinha sido feita. Mestre Pedro, a

pessoa que o saudara, não era creatura que descoroçoasse á primeira; deitou-lhe uma mão ao braço, e proseguiu :

— São uns covardes ! assim deixam prender a pobre Rita Viuva, a fructeira, que deixa agora ao Deus dará uma carrada de filhos.

— Mas que fez ella, mestre Pedro? — interrogou friamente o pasteleiro.

— Que fez? Com a breca ! Não fez nada. Não tinha com que pagar esse tributo novo, e julgo que arranhou o quadrilheiro. Por isso a levam para a cadeia; e sabe Christo o que lá lhe farão.

O senhor Bartholomeu durante esta curta explicação encrespara o sobr'olho e franzira a testa. O homem pensara um momento, e julgou ser chegada a sua hora.

— É possivel, mestre Pedro — exclamou elle em voz alta, visivelmente para chamar a attenção de todos — é possivel? E essa gente não tem braços, não tem uma corda para esganar esses ladrões. Deixam esmagar os pobres, dizendo para com os seus botões que em quanto o pau vai e vem folgam as costas, e não se recordam de que lhes ha-de chegar a vez da tosquía.

A vontade do senhor Bartholomeu era feita. A gente que se achava no terreiro, durante esta peroração o foi rodeando boqui-aberta. Uns admiravam a temeridade do orador; outros, os que o conheciam do motim da Ribeira, a differença que fizera o pasteleiro em pouco mais de um mez.

Mestre Pedro, era um destes homens decididos, que se inflammam com a menor faúla, que se commovem á menor palavra. A ira patriotica de convenção do senhor Bartholomeu para elle foi contagiosa, mudando-se em real. Fechou os punhos e replicou, batendo uma forte pancada na pessoa mais proxima, no calor da gesticulação:

— Com a fortuna, tem muita razão, e o meu regalo...

— O que falta é gente d'alma, que, se a houvesse — tornou o pasteleiro — em um abrir e fechar d'olhos ia tudo pelos ares. Não ha gente de coragem! Preferem morrer á miseria a levar uma arranhadella... Pois terão o que desejam... oh se terão! Esfollam-nos para nos venderem a pelle, quando não sirvamos para mais nada.

A reunião ia crescendo progressivamente com a exaltação do pasteleiro da rua Escura. Entre os mesteiraes e homens de officio, que, por ser segunda-feira, vadiavam, não havia já poucos oradores, que seguindo o exemplo do senhor Bartholomeu lhe tirassem gloria e ouvintes, encarregando-se tambem da prédica patriotica. Verdade é que nenhum lhe levava a palma; não por florearem menos no discurso, terem menor folego, ou serem dotados de timbre menos persuasor. O senhor Bartholomeu era n'isto bem apoucado. O motivo do valor das suas palavras vinha da reputação de sisudo em que era tido e mesmo da fama de ordeiro; pelo menos isto fazia impressão no povo:

um taberneiro, que perorava no meio de um grupo de mesteiraes, seus freguezes, appresentava-lhes como razão convincente da desgraça do paiz e do direito e dever de insurreição a conversão milagrosa e a furia do mestre da sua corporação.

— Bem se recordam — dizia elle, que ainda ha pouco nos prègou que nos deixassemos estar em nossas casas; que não tugissemos, nem mugissemos; que a gente devia obediencia ao rei, que era ungido, e tambem agora berra contra a governança. É porque a carga é grande; porque o senhor Bartholomeu sempre foi homem sisudo e amigo de levar as cousas pela ordem.

Os nossos oradores intertinham-se em dar livre carreira á sua verbosidade, e multiplicando-se de tal sorte que pelo terreiro já ia uma algazarra tremenda, quando succedeu apparecerem uns seis soldados que se dirigiam para o forte da Porta Nobre, vindos do lado das Virtudes. Algumas mulheres, que desse lado se encontravam tambem em discussão, julgaram-se cortadas, e correram para o lado do terreiro gritando com toda a força dos seus pulmões : — Os soldados ! Ahi vem o regedor com o terço ! Fujam, fujam ! — e outras taes exclamações capazes de lançar o terror em gente menos aguerrida do que a inflammada pelo senhor Bartholomeu de Basto.

O espadeiro do Olival, rompendo por entre a multidão para o sitio que as mulheres abandonavam, e manejando um grande cacete, que arran-

cara das mãos de um lavrador, não deixou calar o terror no coração da turba.

— Rapazes ! a elles, e viva Portugal ! — exclamou com um gesto que invejaria qualquer cabo de exercito.

E os mais decididos, armados uns com varapaus, outros com os seus punhaes e facas, se lançaram sobre os soldados, que surprehendidos, ignorando até a causa de tanta furia, largaram os maus terçados com que vinham armados, e começaram tambem a gritar, ou por medo, ou por convicção, com todas as suas forças :

— Viva Portugal !

Este pertendido desbarate da tropa de el-rei, deu um tal calor ao alvoroto, que os mais timoratos tractaram de procurar um arremedo de arma offensiva, e em menos de alguns minutos o terreiro de S. Domingos estava coberto de homens, rapazes e até mulheres, meneando paus, forcados, alabardas ferrugentas, espadas, velhos montantes, mangoaes, pancas, e alguns, raros, arcabuzes, formando um exercito temeroso... de ouvir, pela vozeria que levantava.

A revolta estava organisada, em campo; só faltava o grito. Quem o soltou foi o senhor Bartholomeu. O homem tinha o seu tino revolucionario, e sabia como se leva agua ao moínho.

— Viva Portugal, e fóra com os novos tributos ! — gritou elle com voz de stentor.

— Viva ! Viva ! Fóra com os tributos todos !

— vozeou a multidão furiosa, ampliando a ideia.

— Não queremos nem tributos nem portagens! — grasnou o virago que já vimos figurar na Ribeira, quando se lançou o pregão, ameaçando com a roca, como se fôra a espada de Roldão. — Se querem comer, que trabalhem; que o bocado que engulimos com o nosso suor é amassado!

— Psiu! Viva Portugal — tornou o senhor Bartholomeu — e morram os castelhanos, que vieram para nos roubar! Morram os Lucenas!

— Morram! morram! — gritou a multidão! — morram todos os castelhanos!

E todas as pancas, foeiros, alabardas e mangoaes se elevaram aos ares, cruzando-se, batendo umas nas outras, como se todos quizessem prestar juramento de fazer vingar o programma que mestre Bartholomeu appresentava naquelles vivas e morras.

— Ao Patim! — gritou um catraieiro a quem o senhor Bartholomeu segredara algumas palavras — ao Patim!

— Ao Patim! — exclamou a turba; e a onda popular foi rolando entre uivos, assobios, gritos e rizadas para a casa onde poisava Francisco de Lucena, edificio gothico-floreado, que ficava á esquina da Ferraria-de-Baixo, e que ainda pouco ha desappareceu completamente, para dar logar a um predio branco, com o qual a arte nada teve que fazer.

O assalto da casa não custou vidas nem sangue. A porta em menos de tres minutos cedeu ás

pancas e machados, que os braços musculosos dos portucalenses meneavam com toda a furia. Tão depressa os machados abriram logar por onde coubesse um homem, como as janellas se abriram, e os revoltosos appareceram triumphantes nas varandas, agitando nos ares as armas que o acaso lhes deparara.

— Os castelhanos que lá estão dentro! os que vieram para nos roubar! — gritaram desentoadamente os que tinham ficado de fóra.

— Os coelhos mudaram de lura! — exclamou um garoto da varanda. — Cá não estão. — E dizendo isto, cumprimentava com um chapeu todo agaloado coberto de plumas, contraste do seu gibão esfarrapado, o povo portuense, como se fôra um orador de grande popularidade. O chapeu era visivelmente o unico prisioneiro que tinha conseguido fazer naquelle assalto.

— Procurem os bixos! — gritou um outro garoto, trepando, pelas grades de ferro que guarneciam as janellas do andar terreo, segurando-se nos arabescos e molduras do edificio. — Eu serei o furão.

— Assim, rapaz! Deus te abençôe! — resmungou uma peixeira. — Cuidam que é só esfollar o povinho?!

— Rapazes! ha-de haver sede! Quem quizer beber, é chegar-se; temos cá vinho a rodo.

Estas palavras, que por entre as grades d'uma janella do andar terreo soltou um mesteiral, fizeram

com que os ferros desapparecessem, em alguns credos, despedaçados, arrancados, tornando-se aquella abertura um verdadeiro sorvedouro de homens e mulheres, que se empuxavam uns aos outros entre os gritos de dôr dos esmagados contra a parede, lacerados nos restos da grade, e as gargalhadas dos que conseguiam penetrar a salvo pela janella. A porta estava entulhada tambem de concorrentes. O movimento que a multidão fizera, comprimindo-se toda contra o edificio, não tardou a serenar, retrogradando uma grande porção de gente repellida pelos que dentro da casa, ou nas escadas, que davam serventia exteriormente, e junto das paredes se viam esmagados. A algazarra era immensa.

No meio do descoroçoamento dos que não tinham podido saborear os vinhos do hospedeiro dos Lucenas, de novo assomou á janella o garoto do chapeu emplumado. Arrastava, ajudado pelo companheiro, que vimos trepar pelas grades, um barril de vinho que collocou sobre a varanda.

— Para que ninguem fique descontente — exclamou elle, fazendo as suas reverencias ao publico — aqui trago este pipo de vinho. Parece que não é do peior. Quem apara?

— Ui! credo! estás doudo! — gritaram mais de vinte vozes, percorrendo a escala desde o baixo profundo ao soprano agudo; e outras tantas cabeças, as dos infelizes que estavam no páteo, por baixo da varanda, se encolheram, receando ver a granada liquida estourar-lhes em cima.

— Por S. Pantaleão, que é meu padrinho — tornou o garoto — sem uma pinga não hei-de deixar a honrada gente que estou vendo.

E, palavras não eram ditas, arrancava com os dentes o batoque do tampo do pipo, e despejava o vinho sobre a cabeça dos mesteiraes e regateiras a que estava imminente.

— Aparem no chapeu! — gritou o outro dando uma gargalhada.—Vinho como este nem os conegos, nem os frades da Serra o têem!

O conselho do garoto não foi desperdiçado: mais de um chapeu se ergueu, procurando o dono apanhar na copa voltada o liquido precioso, e a confusão e as gargalhadas redobraram entre os sublevados.

Ao passo que por um lado o vinho chovia sobre o respeitavel publico, do outro cahiam trastes, roupas, colchões, que mulheres e homens iam arrastando para o terreiro no meio de um vozear confuso em que sobresahiam *vivas e morras*. O senhor Bartholomeu de Basto imprimia com gestos e palavras uma velocidade incrivel, uma verdadeira furia ao motim.

— Os Lucenas! os Lucenas! — murmurava elle; — não os deixem escapar!

E andava e desandava por entre a multidão, como o genio daquelle desbarato.

Em um destes seus giros deu de cara com o doutor Fernando de Andrade.

— Oh! senhor Bartholomeu! que imprudencia!

As cousas ainda não estavam maduras, e isto leva mau caminho! — lhe segredou o doutor ao ouvido.

— Deixe-me! deixe-me, que ha-de ir ávante, ainda... ainda que eu tivesse de gastar dous mil cruzados!

O pasteleiro estava evidentemente muito fóra do estado normal para o pensamento de uma tal despeza lhe adejar pela cabeça.

— Visto as cousas estarem neste estado — tornou o doutor — não será mau soltar o grito... o nosso grito.

— Sim... sim — resmungou o pasteleiro.

— Sabe qual é?

— Sim — redarguiu o senhor Bartholomeu, girando sempre á volta, olhando para todos os lados, como quem procurava descubrir alguem entre a turba.

— Então, mãos á obra.

E o doutor, como bom chefe de partido, escapou-se por entre a multidão, a pôr a salvo em alguma trapeira cabeça tão preciosa como a sua, no que não fazia mais que segundar o seu companheiro, o reverendo padre Leonardo.

— Que me importa a mim o duque... esse rapazelho — disse por entre-dentes o pasteleiro. — Os Lucenas... os Lucenas! — ajuntou em voz alta.

Ao grito do senhor Bartholomeu, respondeu outro:

— Aos fortes, amigos! aos fortes! Estamos a perder tempo. Á Porta-Nova!

Quem soltava este grito era um mancebo de cabellos louros, era o nosso conhecido Phebo.

A multidão repetiu :

— Á Porta-Nova !

— Viva Portugal e morra Castella ! — vozeou uma parte da multidão correndo, com o moço esculptor á frente, pela Ferraria abaixo.

Os assaltantes da casa do Patim tinham terminado a sua tarefa de exterminio. Uma grande fogueira devorava as roupas e moveis, que d'alli tinham sido acarretadas para o terreiro.

— Ninguem ? ninguem lá dentro ? — perguntou o pasteleiro ao garoto emplumado, que ainda se conservava assentado na grade da janella, dirigindo chufas a conhecidos e não conhecidos que avistava do alto do seu observatorio.

— Ninguem, mestre — redarguiu elle. — Está o poleiro vazio.

— Aonde os encontrarei — murmurou com os seus botões o senhor Bartholomeu — aonde ?

— Á camara ! — gritou uma voz d'entre a chusma.

— Não ! não, a Cima-de-Villa ! Á guarda ! — gritou outra.

Os revoltosos já não careciam da direcção do ciumento burguez, pelo que se via; pois que entre si tomavam as suas deliberações.

— Á camara ! — vozeou uma parte do povo.

— Á guarda de Cima-de-Villa! — exclamou outra.

E, dentro de alguns segundos, na praça não restava mais gente do que algumas mulheres, entre ellas, a nossa conhecida, a senhora Crispina, que perorava com uma verbosidade espantosa, e o pasteleiro, indeciso, encostado ao angulo do mosteiro, fitando a casa do Patim.

Por alguns instantes assim permaneceu este ultimo; depois começou a andar apressadamente, tomando a direcção da Bainharia, caminho que levara o povo.

— Oh ! que me não hão-de escapar ! — murmurou, fechando os punhos convulsivamente.

XIII.

OS RIVAES.

> A ira de um mancebo é como a lavareda que se ateou em palha; a do velho é como o ferro candente.
> (SHAKSPEARE.)

A MEIO da rua da Bainharia ia a multidão, quando de uma casa de modesta apparencia sahiu um homem de edade já madura, esbaforido, que de braços abertos, como quem pertende espantar um rebanho que se tresmalha, gritava :

— Filhos ! filhos ! parai ! parai !

— O juiz do povo ! — exclamaram os que formavam a vanguarda deste exercito popular.

— Juiz do inferno — grasnou uma regateira — não já do povo. Olha o bom juiz que nos deixa esfollar !

— Então ! então ! — balbuciou atrapalhado o homem.

— Não nos queria deixar fiar — proseguiu a regateira — hei-de fiar-lhe as barbas! Olé! e que venha pelo tributo da maçaroca!

— Fóra! fóra! — uivou a turba.

O juiz fez uma evolução de frente á rectaguarda, e enfiou-se em casa, procurando nella um abrigo e melhor pulpito para o sermão com que pertendia amainar as iras populares.

Uma salva de assobios acolheu a decisão do atrapalhado tribuno da plebe, e da mesma maneira foi recebido ao assomar a cabeça pela janella da sua habitação.

— Bons homens, cidadãos, o vosso juiz — começou elle, olhando desconfiado para um lado e outro — o vosso juiz...

— Fóra! fóra! — gritou de novo em coro o povo da rua.

— Meus amigos — tornou o juiz já muito amarello — ouvi-me...

— Vá: que falle! — atalhou um velho d'entre os revoltosos.

— Sim, que falle — disseram alguns dos amotinados.

O pobre juiz do povo creou animo, procurou ajustar melhor a sua walona, e encetou de novo o aranzel.

— Sua magestade el-rei Filippe...

E não pôde continuar, que um grilheiro infernal se elevou aos céos.

— Fóra! fóra!

— Nada de rei! qual rei?

— Morra! morra!

— Fóra o castelhano!

— Não reconhecemos Filippe como nosso rei!

— Rei que não deixa fiar a gente — gritava a regateira — que o leve o tinhoso.

E o concerto de epythetos, commentos e exclamações durou por espaço de alguns segundos.

O juiz do povo tinha uma tenacidade digna de melhor sorte: bem que no rosto a côr lhe desbotasse de novo, conservou-se no seu posto, com a bôcca aberta, de espantado que estava da reboldia dos seus concidadãos.

— Filhos — tornou elle, mal serenou aquella tempestade de berros — filhos!

— Fóra! fóra!... Falle! deixem fallar — se ouviu d'entre o povo. — Veremos o que nos tem a dizer da parte do tal rei de Castella.

— Filhos — insistiu, mas com voz trémula o teimoso homem — a obediencia ao rei é recommendada até por Deus, e vós...

Uma pedrada cortou o melhor do discurso ordeiro do juiz do povo da nobre e leal cidade do Porto. Na força da dôr, que lhe fôra a pedra direita á testa, o respeitavel cidadão, ao recolher a cabeça, como um caracol, para dentro da sua casa, esbarrou com ella na gelosia, que a meio estava levantada, e desprendendo-lhe o supporte, a pezada grade entalou-lhe o pescoço d'encontro ao apoio da janella, obrigando-o a fazer uma careta aos seus

concidadãos. O povo achou mais engraçada e do seu paladar a visagem que o discurso, e applaudiu-a estrepitosamente, deixando retirar-se em paz, a curar a ferida da cabeça, attestado da perrice ordeira, ao tribuno da plebe.

Ao começar este episodio da revolta, chamado das maçarocas, foi que o senhor Bartholomeu de Basto, que seguira para este lado, chegou a encontrar-se com a cauda da serpente popular que occupava toda a rua da Bainharia. O pasteleiro desejava descobrir alguem entre a chusma, e por isso incessantemente estendia o pescoço, punha-se em bicos de pés, fitando todas as cabeças que marulhavam naquelle pélago humano. Não foi sem custo que descortinou no meio de tanta gente o seu alvo o ciumento apaixonado da sobrinha da senhora Perpetua Freire. Aos encontrões se dirigiu direito a elle, não se importando nem com o cabeçalho do desastrado e interrompido discurso do juiz do povo, nem com os commentos, exclamações e ápartes do respeitavel publico, tanto mais respeitavel nessa occasião que se arvorara em soberano. Era a um homem meão de altura, mas entroncado, robusto, com pulso de ferro e pescoço de touro que elle procurava. A largura do peito era espantosa, a catadura fera, sinistra, pelo esverdenhado e sumido dos olhos e carregado das sobrancelhas, que no aspero pareciam formadas de cerdas. O membrudo cidadão olhava com um ar de escarneo para o semblante demudado do juiz, tendo ao hombro um

machado de carniceiro, manchado de sangue, como a camiza, e uma especie de calção largo, unica roupa que o vestia. Quando o senhor Bartholomeu lhe deu ao de leve uma pancada no hombro para lhe chamar a attenção, soltou o homem da garganta um som parecido com o rosnar de um cão vadio que sente approximar-se algum companheiro, quando mais occupado se acha a esburgar um osso.

— Russo ! — disse baixo o pasteleiro.

— Hum ! — uivou o carniceiro — que temos ?

— Em quanto essa gente ahi está embasbacada, queres beber um bom trago ?

— Apezar de ter bebido que farte — tornou o Russo ; — uma pinga não é cousa que se engeite. Vamos lá : aonde é isso ?

— Aqui mesmo — respondeu o pasteleiro ; e abrindo caminho para uma tasca, que tinha serventia para a Bainharia e Ponte-Nova, nella entrou com o seu pouco sympathico companheiro.

— Meia canada aqui para um bom portuguez ! — gritou o chefe da corporação dos taberneiros entrando na tasca.

— Pois não, patrão — redarguiu açudado, de tanta que era a freguezia, o dono da casa.

E uma meia canada foi servida no mais lavado cangirão de barro, que havia na pouco limpa taberna. O carniceiro tomou-o de cima do mostrador e appresentou-o ao pasteleiro, que bebeu um golle, se tão só não o chegou aos labios, e o tornou a passar para as mãos do carniceiro.

— Á sua saude, mestre — disse o Russo — e é a virar.

Nos olhos do companheiro do senhor Bartholomeu, passados minutos, notava-se o effeito do summo do racimo: as sobrancelhas mais se lhe carregaram, e o gesto mais carrancudo se tornou. Um apologo arabe reza que Noé ao plantar a vinha a regara com sangue de tres animaes: o porco, o cordeiro e o leão. A vide que produzira o vinho emborcado no estomago do carniceiro era das regadas com o sangue de leão, ou para mais chã, mais claramente fallar, o senhor Manuel, por alcunha o Russo, tinha o vinho bulhento, desordeiro em demazia.

O pasteleiro conhecia o homem como as palmas das suas mãos. Quando notou que a irascibilidade tinha subido ao mais alto grau, tomou-o pelo braço e dirigiu-se para o repartimento interior, especie de sala de comer reservada, que tinha para a Ponte Nova. O que lhe contou a principio o respeitavel pasteleiro não o poderemos referir nem textualmente, nem mesmo por alto, que em voz baixa foi dito; mas as ultimas palavras, essas, ahi as transcrevemos:

— É como digo; se se não dá cabo delles, estamos perdidos; e ainda que não succedesse tudo o que narrei, metade bastava para nos arruinar: na camara ouvi o que te contei ha dous dias sobre os novos tributos... e fica sabendo que o mais novo é o peior.

— É; — resmungou o carniceiro — pois que venha para cá, se é capaz, o franganito.

— Não é tanto como te parece, Russo; é dotado, apezar daquelle corpinho, de bom pulso — replicou astuciosamente o pasteleiro.

— Com o demonio! que não ha-de ser homem de se medir comigo — tornou o carniceiro; nem mesmo que tivesse mais força do que um touro bravo.

— Talvez se o vires puxar do faim, homem, não falles tão alto?

— Pela hostia, mestre, que nem um terço inteiro depois de eu tentar uma cousa, é capaz de me fazer quebrar a vontade; e esse rapazete ha-de havel-as duras comigo, assim o apanhe hoje no reboliço.

— Veremos!

— Não ha que ver, mestre; é mandar-lhe dizer uma missa por alma!

— Conhecel-o?

— Não.

— Pois não me percas a pista: anda ao-pé de mim, que t'o mostrarei. Já te disse, homem: o mais novo é mais atrevido.

— Que fosse o diabo! — replicou o carniceiro, batendo com o olho do machado no chão.

A rizada estrondosa, que o povo soltara ao cahir a gelosia, despertara a curiosidade do mestre Bartholomeu, que acabava de *escorvar a arma* de que lançara mão no seu odio contra Filippe.

O povo, que acabara com o impedimento rhetorico, que no caminho lhe oppozera o seu juiz, de novo começou a deliberar para onde devia seguir, como se já não trouxesse destino fixo. Este extraordinario consummo de palavras nada mais denotava senão que a falta de serios obstaculos e resistencia ás suas primeiras iras, lhe iam domando os animos. Á primeira ideia, a do ataque dos postos das portas de Cima-de-Villa e Sol estava para ser tentada, começando já a tomar essa direcção a testa da columna popular, quando um novo incidente interrompeu a marcha e de novo exaltou os animos. O travesso rapaz que no assalto da casa do Patim tomara a janella para seu recreio e baptisara com vinho as cabeças revoltosas, tinha gosto pelas eminencias. Quando o juiz assomou a orar ao respeitavel publico, trepou elle para cima de um oratorio, que ficava encravado no angulo de uma casa fronteira á taberna onde mestre Bartholomeu de Basto entrara com o carniceiro, divertindo-se e divertindo os que o viam com uma parodia truanesca nos ademanes e visagens do tribuno do povo, nessa occasião tão pouco popular. Assim que perdeu de vista o seu original, o garoto nem por isso abandonou logo o seu poleiro; abraçado no ferro da lampada que mão piedosa alli pozera á imagem venerada, balançava-se, cantarolando um *din-din*, pretenciosa imitação de um sino em repique festival. Não tinha tido ainda tempo de se cançar neste exercicio gymnastico, quando deu um grito e um

salto, vindo-se abraçar na queda a uma velha corpulenta, que soltou um outro grito, suffocada pela força com que o rapaz lhe apertara o pescoço, derreando-a um pouco. Ainda a mulher mal livre daquella desagradavel pressão não tinha pronunciado a ultima syllaba da praga: *Más terçãs te colham* com que se desforrara, já o travesso rapaz atravessa a Ponte-Nova, gritando:

— Os fidalgos que estão no Patim! Os fidalgos!

Com effeito, D. Francisco de Lucena, Filippe e varios cavalheiros mais acabavam de atravessar pela bocca da rua da Ponte-Nova, seguindo a das Flores.

Mal estas palavras soaram aos ouvidos do senhor Bartholomeu, os olhos chammejaram-lhe de alegria, a alegria que traz a vingança quando a esperança lhe sorri, e seguiu a direcção que levara o garoto, gritando tambem:

— A elles, a esses perros que nos queriam roubar!

Correu a chusma em pezo a estas vozes em um desconcertado tropel.

Uns seguiram os passos do pasteleiro; outros, impedindo o acanhado da rua grande concurrencia, retrocederam para o terreiro de S. Domingos.

Quando o ciumento caudilho chegou á das Flores, onde nem uma porta se via aberta, já os Lucenas e a gente da sua comitiva tinham baixado para S. Domingos, a trote rasgado, atropellando

uma mulher que levada para um canto por alguns homens, dava com os seus gritos de dôr maior exaltação ao povo.

O pasteleiro seguiu-lhes a pista. Na sua carreira, açudado, voltava de vez em quando a cabeça a ver se o carniceiro, o seu lictor, o seguia, e com voz cançada não cessava de gritar:

— Morram os castelhanos! morram!

D. Francisco de Lucena avisado do motim que ia entre o povo, quando a passeio em companhia de seu sobrinho e outros fidalgos, regressara á cidade, ou porque julgasse o motim de pouca importancia ou porque ahi, se elle fosse violento contasse com melhor guarida, e desassombrado andara até atropellar a pobre mulher de que fallamos, tendo os revoltosos seguido, uns para o lado do rio, achando-se os outros entretidos pelo juiz do povo. Alli, porém, começou a desandar-lhe a boa fortuna. Os gritos da mulher tinham dado rebate aos revoltosos e não revoltosos dispersos por aquelles logares; demais já sabemos como o senhor Bartholomeu foi avisado da sua apparição. Quando o secretario do real conselho chegou ao terreiro já ia pallido. Cercado por alguns mesteiraes que lhe lançaram mão das redeas e pretendiam suster o cavallo, mal atinava com o que mais lhe convinha: se metter a mão á espada, se tractal-os affavelmente.

Os mesteiraes berravam-lhe aos ouvidos:

— Abaixo os novos tributos!

Eram dos melhores de contentar.

Do lado da rua de S. Crispim, e da Ferraria começavam a assomar outros grupos. Á frente de um caminhava entre *vivas* Phebo Lever. Filippe, que tomara a galope a direcção da casa do Patim, soffreou o cavallo e voltou para junto da portaria do convento dos dominicanos. Deu um salto, apeou-se, e lançando mão da corda da sineta, que baloiçava junto da porta, fechada desde o tumulto dessa manhã, a puxou com toda a força gritando ao mesmo tempo para seu tio:

— A pé, senhor! a pé ou estamos perdidos; — e na mão brilhou-lhe a espada, comprida e delgada, uma especie de estoque.

D. Francisco de Lucena conseguiu encostar o cavallo á porta do convento, em quanto os da sua comitiva fugiam a todo o galope sem que ninguem se lembrasse de lhes tolher o passo, e Filippe, fazendo um redemoínho com a espada, fazia recuar os mais atrevidos ou raivosos dos mesteiraes. O secretario do real conselho pôde apeiar-se. Procurou porém debalde a sua espada. Na confusão, quando ainda a cavallo, um dos amotinados lh'a tinha arrebatado. Filippe cobrindo-o com o corpo, a espada em punho, continha em respeito, tomados do assombro que incute a coragem, os populares que se apinhavam em volta delle e de seu tio.

— A elles! a elles! — gritou o senhor Bartholomeu rompendo com o seu lictor por entre o povo; — matai esses desalmados!

Uma nuvem de pedras voou pelos ares, molestando amigos e inimigos.

Antes, porém, que tempo elle tivesse de se approximar dos Lucenas, já a espada de Phebo se cruzava com a de Filippe. O moço artista não tinha a destreza do joven fidalgo; mas os seus olhos despediam raios. No peito do esculptor tambem se abrigava o ciume, que a exaltação daquelle dia fazia nesse momento irrumper, rebentar com explosão. Dos labios, comtudo, não lhe sahira uma palavra. A lucta ia ser fatal para Phebo, quando a um gesto do pasteleiro, o machado do seu satellite se ergueu, luziu no ar e abaixou rapidamente sobre a cabeça de Filippe de Lucena. O alarido, os gritos do povo erguiam-se até ás nuvens, ruidosos e tremendos como o fragor do mar em tempestade desabrida. A espada de Filippe voou em pedaços, mas de um salto se esquivara elle ao golpe brutal do Russo, e se lançara de encontro á porta.

O esculptor, ao reparar que a espada quebrara ao seu antagonista, suspendeu uma estocada e voltou-se para a rectaguarda, como enfadado que perturbassem aquella lucta, que tomara como um duello.

— Manuel ! Manuel ! — gritou o pasteleiro, como para incutir animo ao carniceiro. E em seguida proseguiu, dirigindo-se a Phebo — Arredar ! arredar !

O Russo resmungou uma praga e levantou de novo o machado. Phebo, por um nobre instincto

vendo indefeso o seu rival, esse mesmo com quem acabava de luctar, lançou-se entre a arma homicida e o moço fidalgo.

Um milhão de raios! — resmungou Filippe, empuxando a porta — Estes frades são surdos!

Ao mesmo tempo uma cabeça assomava a uma das janellas do convento e tornava a desapparecer.

— Para um lado, olé! — tornou a resmungar o carniceiro, dando um encontrão no filho de Thomaz Lever; e ergueu de novo o machado sobre a cabeça de Filippe.

O esculptor ainda pertendeu suster-lhe o possante braço; porém foi em vão. A porta do convento abriu-se neste meio-tempo de repente, e os dous fidalgos que a ella estavam encostados, penetraram ou melhor cahiram na portaria, fechando-se esta instantaneamente de novo. O carniceiro abriu na porta um profundo lanho, ao mesmo tempo que uma bala de arcabuz, batendo na padieira e recocheteando, o veio estender morto.

Maldito! — exclamou desesperado o pasteleiro, em quanto o povo exaltado gritava com todas as forças dos pulmões:

— Os fidalgos! os castelhanos! queremos os fidalgos!

XIV.

MYSTERIOS DO CORAÇÃO.

Debo de amar, pues quiero ser amada.
(LOPE DE VEGA,
El perro del hortelano.)

A REVOLTA dos portuenses contra a *ordem* não teve mais serios resultados que os disturbios a que fizemos assistir os leitores. Precipitada pela impaciencia do pasteleiro, enfraquecida pela falta de alimento, a resistencia, morreu. O senhor Bartholomeu, mal soube que os Lucenas, escapando-se pela cerca do convento, tinham ido procurar refugio no convento dos Cruzios, e que d'ahi tencionavam partir para a côrte, julgou-se desembaraçado de um rival, e vindo-lhe á lembrança a arca de castanho onde tinha tambem uma parte da alma, foi abrigar-se nos seus lares, não pouco receioso

de uma devassa. Fernando de Andrade nunca julgara o estado de cousas sufficientemente maduro para uma revolução verdadeira, pela desavença entre os chefes de Evora, Lisboa e mais terras do reino, e achara prudente ir fazer o mesmo que seu collega, o reverendo padre Leonardo. Este, surprezo pela explosão que, apezar de muito apressado, só julgava teria logar d'ahi a mais alguns dias, como matreiro se conservara alheio a ella, deixando-se ficar no convento a aguardar, se apparecesse occasião de lhe dar o norte que desejava, norte que o pasteleiro, apezar de meio-iniciado no segredo do reverendo, lhe não tinha dado. O ciume trouxera tão preoccupada a cabeça ao chefe da corporação dos estalajadeiros e vendeiros, que das suas promessas e juras, feitas em casa de mestre Simão Barradas, nem uma lhe tinha passado pela mente no curto espaço de tempo que mediara entre a sua entrada no gremio dos patriotas e a revolta. Sem mais preliminares tinha o bom do burguez agarrado a occasião pelos cabellos, não se importando com os resultados. Quanto a D. Diogo Lopes de Sousa, conde de Miranda, sua senhoria era bastante portuguez para se oppôr aos que gritavam contra o governo de Castella, bastante castelhano para se pôr de mal com o governo de Madrid e perder a pingue regedoria das justiças e Relação do Porto, e bastante ladino para se haver em casos complicados. D. Diogo sabia do animo em que estavam as povoações, e presentindo que a cobrança

do novo tributo podia chegar o lume á mina de ha tanto preparada, foi, a titulo de animar a fidalguia d'Entre-Douro e Minho a abrir a bolsa para o donativo, ainda bem minguado, dar um passeio pelas terras da sua jurisdição, levando comsigo uma parte das authoridades. Se a revolução estalasse e tomasse vulto, o conde de Miranda saberia ser um segundo Fabio, e com negaças e passeios aguardar que o fiel da balança pendesse para um lado; se se tornasse um simples motim, elle lhe daria o colorido que mais conviesse. Quando lhe chegou aos ouvidos o resultado que sabemos das iras dos portuenses, o nobre conde mostrou-se agastado, tractou de montar a cavallo, fazendo-se seguir por um pequeno troço de cavallaria, e veio sobre a cidade com uma catadura capaz de intimidar os mais animosos. Aquella cólera não devia porém passar de prospecto, por calculo já e graças á brandura de genio do bispo D. João, que fez a sua obrigação de pae do povo. No relatorio enviado a Madrid foram empregadas as tintas mais suaves, e o apparato de devassa e prizão de uns dous pobres mesteiraes apenas serviu para conter escondidos nas proprias habitações os que mais salientes se tinham tornado na revolta.

Em quanto estes successos entretinham a imaginação, e alimentavam a conversação de tres quartas partes de bons burguezes do Porto, uma mudança se operava lentamente nas ideias, no coração de um dos personagens deste romance — em Maria

Aldoar. Desde aquelle passeio com Beatriz e sua tia á horta da lavadeira datava ella. Phebo, já o dissemos, na volta para casa, acompanhando Beatriz, tão enleiado veio nos seus tristes pensamentos, tão magoado no coração e receioso pelo seu amor, que o seu acanhamento mais vivo se mostrou. Maria Aldoar ao passar em revista os successos desse dia ficou surpreza da placidez em que se lhe conservara o coração, vindo no conhecimento, pois não escapara essa descoberta á linda moça, de que sua amiga nutria no peito uma paixão pelo sobrinho de D. Francisco de Lucena. O que mais a ferira fôra o extremo acanhamento de Phebo, que não como tal, porém como frieza e desdem a innocente traduzira. Na indagação do sentido d'um tal enygma consumiu não pequena parte da noite. Recordando-se do moço fidalgo, surpreza encontrara placidez onde suppunha zelos, e chegou a accusar o seu coração de frio. Cortado este pensamento pela lembrança de Phebo, mortificava-a a supposição de que podia alimentar vaidade no peito, a vaidade que ferira o desdem do moço artista. A manhã da revolução passou-a ella angustiada, em orações, inquietando-se não pouco pela sorte de Phebo, que lhe disseram fôra visto armado entre os grupos populares, ao passo que nem de leve se recordou do sobrinho do secretario do real conselho. Quando á tarde Thereza, a velha escrava, narrou as galhardias do mancebo na tomada do forte da Porta-Nova, unico ponto onde houve alguma resistencia, sentiu

em si uma grande commoção, um como contentamento d'alma, admirando-se ainda mais uma vez da pouca sensação que em si produziu o risco em que Filippe se tinha encontrado.

Na tarde do dia seguinte, muito antes do cahir das Ave-Marias, a sobrinha da senhora Perpetua embrulhou a sua costura, em que bem pouco cuidado pozera nesse dia, e foi encostar-se á janella que dava para as escadas da Sé. Com os olhos fitos no sitio em que costumava apparecer Phebo se demorou até brilharem as estrellas, augmentando-se-lhe no rosto as sombras de tristura á proporção que no seu véu as da noite envolviam as ruas da cidade. Phebo não appareceu. Quando no sino da cathedral soou o toque de recolher, a primeira vibração produziu em Maria uma dolorosa sensação. Indireitou a cabeça, que constantemente conservara apoiada em uma das mãos, e soltou um suspiro.

— Que mal lhe faria eu? — murmurou com inflexão magoada; e recolheu-se tristemente ao seu quarto não sem de novo voltar a cabeça, e affirmar-se a ver se descortinava entre as trevas o vulto do esculptor.

— Thereza, sabes-me dizer se o senhor Phebo ficou ferido no motim de hontem? — perguntou ella á escrava, quando, depois de cumpridas as devoções diarias em que caprichava sua tia, foi para o seu quarto.

— Não, menina; tal não ouvi dizer a ninguem.

*

Sangue não correu, graças ao Divino, que o de um homem, morto de um tiro no terreiro, ahi para a rua das Flores, o de uma mulhersinha que foi esmagada por um cavallo, e o de uns dous soldados do terço, que me disseram tinham sido feridos no forte da Porta-Nova. O resto foram ninharias, arranhaduras de alfinete, louvado seja o Senhor!

Maria, que procurava uma desculpa para a ausencia de Phebo, mais se contristou, começando de novo a pensar qual o motivo daquella inusitada ausencia e ainda mais da mágoa que ella lhe causava. Phebo, desde que o conhecia, era constante nos seus passeios; porém nunca Maria Aldoar sonhara que a falta de um dia, verdade é que aggravada pela frieza, que na volta do passeio no esculptor se lhe affigurava ver, em tanta anciedade a deixaria. A filha do senhor Roque Aldoar scismou, e scismou muitissimo: a final tirou por conclusão, não sem espanto, que a affeição que votava a Phebo era mais alguma cousa que amizade, e a palavra AMOR se lhe formulou no pensamento. Evocando vagamente a imagem de Filippe em quem primeiro, illudida, o tinha personificado, conheceu pelo rápido da desapparição que não se tinha ella bem comprehendido. A cabeça enganara-se com as pulsações do coração, fascinada pela louçania de Filippe, e rasgava agora o seu véu de illusões a mágoa da ausencia de Phebo e a recordação da bondade da alma do mancebo, trazida pela saudade suscitada. Em contacto diario, tendo-se Maria affeito

á sua presença, votando-lhe amizade, quando no peito ainda lhe não cabia amor, a ligação de affectos que entre ambos existia, formada gradualmente para a sobrinha da senhora Perpetua, não se lhe tornara sensivel, e só a violencia do córte lh'a fez avaliar. Até alli, como dissemos, julgava em Filippe a causa do pulsar mais agitado do coração, do seu enleio, dos devaneios, das suas aspirações por uma felicidade mal definida, porém tanto mais intensa para a imaginação, quanto mais vaga se affigura.

Talvez a alguma das minhas amaveis leitoras pareça extranha esta mudança; porém, que o fosse, quantas cousas ha extranhas no coração? Ha nelle tantos mysterios!

XV.

FILIPPE E BEATRIZ.

E cieca ne fui si, ch'io non compresi
Ch'egli fingeva molto, e amava poco.
(Ariosto, *Orl. Fur.* c. 5.°

— Tenho chorado muito, Filippe; tenho derramado rios de lagrimas. Sempre por mau fado tive estes amores, em que por ti me perdi; e então...

— Pensaste que não voltava. Tens pensamentos!

— Não gosto de assim te ouvir fallar. D'antes não eras assim. Encontro agora um não sei que nas tuas palavras que me faz mal.

— Scismas tuas. Penso que nunca de outro modo te fallei...

— Não! não és o mesmo. Ha tanta distancia

entre as tuas fallas de hoje e as dos primeiros dias em que te vi! São tão frias...

— Frias, *sol de mis ojos*, quando todo eu sou uma lavareda, um incendio!

— Ai, Filippe, que mudança! Não ha fingimentos que valham. O amor não está nas palavras: está na maneira de as dizer. Ou mui outro te tornaste, ou eu abri os olhos.

— *Á la fé!* que ha-de ser isso. Bem sabes que o amor é vendado, e não vê. Perdeste o amor, meu espelho, minha Venus!

— Zombas, Filippe!

— Ahi temos a dona caprichosa, que, se lhe não dizem requebros, se agasta e amofina, se lh'os dizem, clama que zombam della! És de vidro, pequena; mal sei como comtigo me hei-de haver, arminho que tu és, toda delicadezas... S. Cupido me valha, que muito custas a levar, Beatriz!

— Enfado-te, Filippe; enfado-te; bem o sei! Bem o dizia eu que má sorte teriam estes amores em que me metti! O coração sempre m'o disse! Louca que sou! Alegrei-me, quando te tornei a ver, porque te amo muito, muito, Filippe; mas a desconfiança tambem a trago ha muito.

— Porque és uma louca. Nunca me passou pela ideia, nem se quer lançar um olhar requebrado á... á... como lhe chamas tu?... á tal de quem fallas... Maria, disseste. Deixa-te d'isso, querida: tractemos do nosso amor; porque eu tambem te quero.

— Não! não! não te acredito, D. Filippe. Mal avisada andei em te dar ouvidos, mal avisada pelo meu amor: no teu não creio.

— É porque não tens fé no poder d'esses teus olhos, dos *almenares* que me allumiam nas tormentas dos teus zelos, e que têem feito com que o meu amor não tenha feito agua.

— Ah! Filippe!

— É porque não tens fé nesses teus labios, que, *Virgem-Santa!* são dous arcos de coral, roubados a Cupido, para despedir, em vez de farpões agudos, beijos mais doces que o mel... e a ambrosia dos deuses; é porque não tens fé no arrebol, que nos lyrios das faces tingem os raios de teus olhos, como o sol por alvorada formosa...

O mancebo que o leitor conheceu já por D. Filippe de Lucena, suspendeu de repente os seus frios requebros, furtos ou reminiscencias d'idyllios, sonetos e comedias, que lêra e ouvira, e encolheu os hombros com um gesto de enfado. A mulher a quem elle dirigia aquellas phrases, e que tinha no curto espaço de alguns minutos debuxado no rosto os signaes dos mais contrarios affectos; que se rira; que o abraçara carinhosa; que se enfadara; que se entristecêra, para de novo mandar aos olhos o brilho da alegria, rompêra em um choro suffocado, como se desabafara a custo de um pezo de ha muito reprezado.

Beatriz até ahi nunca notara a affectação nos requebros do moço fidalgo; nunca descobrira esses

laivos de ironia, que no semblante se divisavam ao expressar os termos da mais requintada paixão: julgara sempre o amor de Filippe de bom quilate, porque cega pelo seu amor, tinha no mancebo a maior fé. O espinho do ciume cravado por Maria Aldoar no seu peito, rasgara de leve o véu de illusão. Pedindo ao moço fidalgo explicações sobre os amores por elle travados com a sobrinha da senhora Perpetua, já todas as juras não bastavam para inteiramente a socegar, antes mais desconfiava de Filippe. Verdade é que o sobrinho do secretario do real conselho se enfadara com aquella scena de zelos. Para elle, que tinha tido uma leve inclinação, um capricho, não um affecto violento, todas aquellas lagrimas pareciam affectadas, estudadas, pois, frio do coração, não acreditava na pureza das chammas do da pobre moça. Tendo commettido uma infamia, rebaixara a sua victima ao nivel da sua façanha. Melhor para Beatriz tivera sido que do convento dos Cruzios, onde se refugiara, elle acompanhasse seu tio para a côrte. A sua má sorte não o quiz porém, e depois de uma temporada de demora na companhia dos gordos padres, o mancebo, que tinha de ir visitar uns parentes a Braga, voltava para nem ao menos lhe deixar envolto no véu de uma paixão ardente um desvio irremediavel.

Por longo espaço soluçou a moça, escondendo nas mãos o rosto; por longo espaço o mancebo cantarolou entre-dentes, passeando de um para o

outro lado do pequeno aposento em que os fomos encontrar.

— Ai, Filippe, que aleivoso foste!

— Que carpideira, *nombre de Dios!* Vais fazer um diluvio, pequena, com esses teus choros. E por que? Porque se te metteram na cabeça não sei que zelos...

— Zelos! zelos já os não tenho; não é por elles que me lastimo, sim pelo engano em que me trouxeste. Cega que fui!

Filippe de Lucena parou fitando a costureira com ar de espanto.

— Engano? — repetiu elle como admirado. Onde o engano?

— Ainda o perguntas?... Ai! sim, tem razão, senhor; eu não devia dar credito aos meus desejos! Mas tão facil se nos affigura uma cousa, quando o coração por ella bate com força, que não ha forças humanas que o despersuadam. Sim, senhor; devia conhecer, que eu, pobre mulher, não era fidalga, nem rica, nem formosa bastante...

— És formosa, não te afflijas — interrompeu Filippe, com o modo de quem accommoda uma creança queixosa.

Beatriz proseguiu:

— Que não era formosa bastante para fazer esquecer a D. Filippe de Lucena do seu sangue e do seu ouro; não estava talhada para um dia o poder chamar meu senhor e marido.

Filippe de Lucena soltou um meio-sorriso ao

ouvir as ultimas palavras da desconsolada moça.

— Pois sériamente?! — exclamou. Depois ajuntou com ar de enfado: — Basta, Beatriz; deixa-te de loucuras.

— Escarneça, senhor, escarneça, que bem o tenho merecido. Sou louca, bem o sei! Como vão mudados os tempos! Quando me requestava, eram outras as fallas, outros os modos! Pobres mulheres! Somos tão faceis de enganar! Então eram tudo juras, tudo carinhos, tudo promessas, tudo facilidades! Quantos exemplos me não apresentou de uniões como a que sonhava!... Agora, tudo é zombaria... Estou louca?!

Filippe, em quanto a moça de novo dava curso ás suas lagrimas, pegou n'uma cadeira, e collocando-a defronte da linda moça sentou-se, fitando-a, como quem duvidava da sinceridade d'aquelle pranto.

— Não sei para que é tanta lagrima, Beatriz. Não acredito na sinceridade dellas, por muito farto de as ver em olhos de mulher. As lagrimas vem aos olhos das filhas de Eva a capricho. Dizes que foste uma louca em acreditar n'uma promessa que te fiz, e louco seria eu se me persuadisse de que lhe tinhas dado valor. Se nella insisti, foi porque sei que todas gostam de uma desculpa... mas — atalhou, erguendo-se — não sei para que venho a terreiro com novas sediças. Acabemos com isto. Que queres?

Beatriz não respondeu á interpellação do so-

brinho de D. Francisco de Lucena; não porque o pranto a abafasse, que já não chorava. Tinha-se erguido pallida, titubiante: os olhares vagavam-lhe pelo aposento.

— Vamos, pequena, que queres? — insistiu Filippe — Um vestido? um dixe qualquer?... Pede o que desejares. Já não sou novato; sei a que veem todas essas lagrimas; mas quero provar-te que ainda te tenho bastante affeição para me submetter aos teus caprichos. Dize que alinde é esse que tanto desejas?

A moça permaneceu do mesmo modo, de pé, sacudindo de vez em quando a cabeça e passando a mão pelos olhos, como se tentasse affastar um objecto invisivel que lhe offuscasse a vista. A mísera não podia crer no que ouvia; não julgava tão perdida, tão morta a esperança do seu coração. Pensou quasi que todos os dissabores dessa noite tinham sido effeitos de um pezadello, de que forcejava por se libertar. O que se passava era sem nome; porém nenhum outro remedio mais existia do que acreditar na realidade. Alli não se dava impossivel algum; era uma cousa vulgar, indifferente. Um mancebo, um fidalgo abusava da fé, tão facil no amor, de uma pobre rapariga, que abrira com um passo inconsiderado toda uma vida d'amarguras, em quanto elle ganhava mais renome, mais gloria, pois que só a mal lhe levariam se tentasse salvar a victima do seu passatempo.

— Então, minha dona caprichosa? — interro-

gou de novo Filippe de Lucena, annelando o bigode.

— Beatriz apertou convulsamente o coração, e exclamou:

— Sahi, sahi, senhor! Sou uma mulher perdida, sou; mas não tão baixo descida que queira ser sua amazia, que me venda! — E mudando de gesto accrescentou: — Ah, Filippe, respeita a mãe de teu filho!

Filippe de Lucena soltou uma estrondosa gargalhada, e exclamou: — Nova comedia! *Viva Dios*, que sois mais fertil em rodeios e enredos que Guillen, Tarraga, Aguillar ou Lope. O peior é que não tomo as tuas invenções como realidades. Adeus, Beatriz, até quando estiveres mais cordata.

A costureira sentiu o moço fidalgo sahir sem mover um musculo da face; ouviu depois os sons distantes de uma canção hispanhola sem que os olhos se despregassem do sitio em que os tinha fixos. Depois, quando de todo a voz se perdeu no espaço, pouco a pouco respirou mais fortemente, e rodeou lentamente com a vista o aposento em que estava, até deparar com a porta que o moço fidalgo deixava aberta.

— Perdida!...perdida! — murmurou ella como pensando. Em seguida ajuntou com uma expressão que parecia que lhe laceravam o coração: — Oh não me mata tanto a minha sorte, que m'a dizia o coração, como me peza pelo amor perdido, por conhecer que nunca me quiz! E eu... eu... amei-o tanto!

E torcendo as mãos, exclamou com voz ainda mais angustiada:

— E ainda lhe quero muito!... muito!

O sino da camara dava o signal de recolher, o toque de cobre-fogo, e, fóra a vibração das suas badaladas, nenhum outro rumor se ouvia na morada da costureira. A luz que ardia em um pezado candieiro de cobre alumiava frouxamente, dando um aspecto triste áquelle recinto.

Que scena tão differente das que ahi se tinham passado, quando a moça, fascinada por Filippe de Lucena, se embriagava com promessas fabulosas de felicidades, em sonhos de amor.

E apenas algumas semanas eram passadas desde o ultimo sonho dourado, desde a vespera do passeio aos campos da Torre da Marca.

Quando soou a ultima badalada do sino municipal, cahiu de joelhos a pobre moça, occultando nas mãos o rosto. Parecia que o braço do destino a forçava a curvar-se diante do erro commettido, agora em toda a sua nudez.

XVI.

MÃE E FILHA.

Pues si me haveis negado
Vostra clemencia, mi hechos
De muger desesperada
Daran asombros al cielo.
(CALDERON, *Dev. de la cruz.*)

—FILHA... Beatriz — murmurou, passados alguns minutos uma voz carinhosa cujo som vinha do lado de fóra do pequeno aposento.

A costureira ergueu a cabeça, como se despertasse de um sonho, e cravou os olhos n'uma mulher idosa que no limiar da porta quedara.

Era a bruxa. Não trazia o traje com que até aqui a vimos, e que ajudava, pelo lugubre, a tornar mais credulo o povo de que se occupava no mister cabalistico que se lhe suppunha. Vestia como nessa épocha era uso entre as mulheres do povo de alguma idade, o que lhe dava um aspecto mais sympathico. Já quando levamos o leitor ao seu

encontro, aonde Phebo carpia o seu mallogrado amor, fizemos notar que no rosto se lhe divisavam uns longes de belleza. E com effeito no seu tempo formosa tinha sido. Os mancebos de Lisboa, d'onde era natural, vinte annos havia, chamavam-na a «roza de Santa Clara» porque para esses sitios morava. O seu nome era Dina ; porém usava em publico do de Beatriz Balaguer: pois que, conservando seus paes o culto de Moysés, da conversão imposta á sua raça não tinham guardado mais do que as exterioridades. Um desses mancebos, nobre e rico, captivou-lhe a affeição, e por espaço de um anno viveu ella feliz. Passado esse tempo, a fortuna voltou a sua caprichosa roda. O pae do mancebo sabendo destes amores, que impeciam calculos seus de um ambicioso casamento, e tendo esgotado todos os meios para o trazer ao seu parecer, lançou mão de um meio vulgar ainda então. Sabendo que a moça era christã nova, fêl-a accusar de judaismo e de sortilegio, de ter empregado philtros para captivar seu filho.

Dina espiou o crime de seu amor e as mágoas que a seus paes causara preza no Santo Officio. Quando sahiu, mortos de dôr já seu pae e mãe, foi mandada sahir para Moncorvo. Ahi residiu muito tempo debaixo da vigilancia dos delegados do tremendo tribunal. Quando delle sahira, tinham-lhe murchado as rozas da primavera, não pelos annos, mas pelas angustias. O povo rude, sabendo que era judia, pouco e pouco lhe foi attribuindo o

mister de feiticeira, supposição que com as rugas que a mão do tempo na face lhe cavava, tomava maior vulto. Dos seus amores tinha tido dous filhos: um menino, nascido ainda nos tempos de gozo, de felicidade, fôra dado a crear por seu amante, e nunca mais delle soubera no exilio; o outro era Beatriz. Reduzida á miseria, rebaixada até á escoria da sociedade aos olhos de todos, para sustentar sua filha, com graves riscos acceitou o emprego que lhe attribuiam, e começou a compor alguns ingredientes innocentes que entre as suas companheiras da desgraça aprendera. Logo que Beatriz chegou á idade da razão, Dina com ella fugiu do seu exilio, e, chegada ao Porto, tratou de se separar della para que não pagasse culpas que não tinha, indo viver para um sitio isolado perto da velha torre dos bispos.

O conde de Miranda fôra encarregado uma vez por uma pessoa poderosa da côrte indagar da sorte da infeliz e de sua filha, e bastante tempo lhe levou a descobrir na bruxa a pessoa que lhe indicavam. Quando deu parte do seu achado, não recebeu resposta alguma. O individuo que se recordava daquelles seres tinha baixado á sepultura. Das indagações do illustre regedor das justiças resultaram comtudo duas cousas: uma pouca de má lingua nas comadres do bairro a respeito de Beatriz, por uma vez ter sido chamada a casa de sua senhoria, e o gozar Dina no seu mister de uma verdadeira paz em proporção da que tinham as suas companheiras

de desgraça. A justiça não lhe fazia mal; mas tambem não se importava com que lh'o fizessem. Esta tolerancia não dava pouco que fallar nas raras occasiões em que Dina apparecia. Não por este motivo, que lhe não podia lembrar, quando tinha a recear peior recepção do que a maledicencia, mas para não envolver na sua desgraça o ente a que mais queria, só de longe em longe e de noite é que ella costumava visitar sua filha.

Desta vez não recebera o acolhimento costumado. Dina ficou surpreza vendo que a moça costureira não se movia da extranha posição em que a fôra encontrar; correu para ella apressadamente, e tomando-lhe entre as mãos a cabeça, interrogou com voz demudada:

— Filha, filha! que tens?

Beatriz não soltou uma palavra. Desprendendo a cabeça, arrastou-se sobre os joelhos, e, occultando o rosto nas pregas da saia de sua mãe, desatou a soluçar violentamente. O rosto da velha tomou uma bem pronunciada expressão de angustia, ao ver este movimento, e recuou alguns passos, tornando a exclamar:

— Filha, filha! que te afflige?

O pranto que inundava o rosto de Beatriz não o podia ella reprezar, de violento que era, para poder redarguir á pergunta que lhe dirigira, ainda mesmo que o pejo lhe não tolhesse a voz. Por bem tempo ambas permaneceram na mesma posição, não interrompendo o silencio da noite nada mais

que o pranto da pobre moça. O espanto que da velha se apoderara, os receios que a assaltavam a tinham tambem immudecido.

— Filha — insistiu a bruxa, quando mais serenava o pranto de Beatriz — filha, por Deus, falla; dize o que motiva essas lagrimas, que me pozeste o coração tão negro como a noite. Confia-me as tuas mágoas, que de uma filha a melhor amiga é sua mãe. Não tenho d'isso dado tantas provas? Não renunciei a tua companhia, Beatriz, para que não soffresses os insultos que sobre a tua cabeça acarretaria a vida, que a desgraça me obrigou a abraçar?... para ter-te como uma princeza, filha do meu coração? Ninguem, ninguem sabe que és minha filha. E quantas lagrimas, quantas amofinações me não tem isso custado. Por te querer muito me privo por mais tempo que posso de tudo que no mundo me resta...

— Ai! — exclamou Beatriz soluçando — antes nunca me tivesse deixado, minha mãe; nunca eu tivesse vindo ao mundo!

A bruxa deu alguns passos á rectaguarda, e em seguida correu de novo para junto da costureira, e levantando-lhe a cabeça, cravando nos olhos magoados da moça os seus, perguntou em voz baixa, como se tivesse receio de que a ouvissem:

— Por que, meu Deus, por que dizes isso?

Beatriz de novo escondeu o rosto entre as pregas da saia de sua mãe.

— Impossivel! impossivel! — murmurou esta passado momento. — Filha, filha, tira-me desta duvida... Vieram-me aos ouvidos ha dias umas fallas de que tinhas amores com esse moço fidalgo que quizeram matar no motim... mas é impossivel; sei que elle pertende...

— Oh minha mãe, minha mãe!

— Dize, dize que não...

— Meu Deus! — murmurou Beatriz.

— Dize que não; que se alguma cousa tiveste com esse moço, que não conheço bem, mas de quem ouvi contar cousas...

— Ai, minha mãe! se tal dissesse, eu mentia! — exclamou Beatriz, erguendo as mãos, como para implorar perdão.

— Mas não lhe déste entrada aqui, estou certa. Tu sempre foste boa rapariga.

Beatriz não respondeu. Abaixou a cabeça, e occultou de novo o rosto nas mãos.

— Falla, falla — tornou a bruxa em voz baixa, apressada, e passando a mão pela fronte.

— Estou perdida! — murmurou Beatriz, entrecortando as palavras com soluços.

— Tu? — exclamou Dina, pondo-lhe a mão na bocca, como para lhe impedir que redarguisse affirmativamente á sua pergunta.

— Sim, sim — murmurou a moça — enganada vilmente. Eu amava-o; acreditei-o... elle tinha-me bem pouca affeição, agora o conheço... Perdida!

— Oh! — exclamou a bruxa passado um mo-

mento — Estás vingada, minha mãe! já sei o que soffreste!

E ambas ainda permaneceram silenciosas por alguns instantes. A dôr que se apoderara de Dina não era menos intensa que o pejo e mágoa de Beatriz. Havia nestas pausas o quer que era de solemne. As duas mulheres, face a face, se não descerravam os labios, nem por isso deixavam de expressar nos gestos, no olhar os pensamentos que as assaltavam. A pobre mãe parecia com os olhos querer ler nos de Beatriz se naquella desgraça ainda a poderia abraçar, chamar sua filha; saber emfim, se a moça tinha sido victima do amor e de uma seducção, se levada pela leviandade. Culpada ella propria nos seus verdes annos, tinha podido avaliar as lagrimas, os sobresaltos, as penas que a uma mulher custa por toda a vida um erro, como aquelle em que Beatriz cahira; sentia ainda o rubor que por tanto tempo lhe escaldara as faces, e no seu coração, assim como para si não tinha encontrado uma desculpa ao seu erro se não na boa fé do seu amor, tambem agora a pertendia para o ente que mais prezava, para sua filha. Beatriz comprehendeu bem aquella pergunta tacita, porém a mágoa e o pejo lhe tolhiam a falla. Foi a custo e depois de bastante tempo que murmurou:

— Fui enganada, minha mãe; fiei-me nas suas palavras... Eu não o devia acreditar... mas... tanto me jurou que cedo me tomaria publicamente por sua mulher...

— Elle, um nobre?! — objectou Dina, transtornando-se pouco a pouco a desesperação violenta, que tinha no rosto debuxada, em compaixão.

— Ai, minha mãe, se o ouvisse então fallar acreditaria nelle, como em Deus, e... eu... tinha-lhe amor!

Dina era mulher e era mãe. Foi no seio que acolheu as lagrimas que de novo rebentaram dos olhos da moça costureira.

— Sim, sim — exclamou ella — bem sabia eu, bem, que m'o dizia o coração, que não tinhas peccado, senão porque uma ruim serpente te tentara; mas esse homem... tu o amas, disseste... e elle talvez não te enganasse, talvez cumpra a sua promessa. Eu quero-o ver; hei-de fallar-lhe... Mas não. Louca que sou! elle mais depressa te deixaria... Eu... sou a *bruxa!*

E, pronunciando estas ultimas palavras, Dina levou as mãos aos cabellos, arrepellando-os violentamente.

— Falla-lhe... ou para que será preciso fallar-lhe: tu és formosa, e boa... e quem se não ha-de captivar de ti!...

A recordação do amor que em tempo inspirara a um mancebo da nobreza de Lisboa, que por ella tinha feito todos os sacrificios, vinha-lhe á mente nesse instante como um lenitivo aos pezares que a dominavam. E a pobre mãe revolveu no pensamento todos os casos, poucos eram, de fidalgos e escudeiros que tinham com um caza-

mento desproporcionado lançado uma nodoa no seu livro de costados.

— Sim, sim — murmurou ella em seguida; e, allumiado o seu coração por um tenue clarão da esperança, ajuntou com expressão de admoestação carinhosa — Fizeste mal, filha; fizeste mal em me não teres confiado logo a principio os teus amores, que eu te serviria de guia. Eu fui já moça como tu... tenho experiencia das cousas do mundo... E accrescentou suspirando :

— Vamos : animo !

— Oh, minha mãe ! — exclamou Beatriz com voz amargurada — mas elle não me quer...

— Não te quer ?

— Não : eu o sei.

— Impossivel !

— Tambem assim o acreditei ; mas ainda ha pouco zombou da minha mágoa... tratou-me como a uma...

— A ti, filha ?

Beatriz não redarguiu : limpou as lagrimas que lhe inundavam os olhos, já de chorar vermelhos, e cravou a vista na de sua mãe. Conhecera pelo estremecimento que percorrera o corpo de Dina que a impressão que ella soffrera fôra grande, e o receio de novas desgraças angustiara-lhe o peito.

— Deus ! Deus ! — murmurou esta.

E apertando com toda a violencia, com phrenesi contra o seio a cabeça da moça costureira exclamou, erguendo para o céo o braço :

— Não bastou, Senhor, o que soffri! Foi pouco?! A maldição de Cain parece que me persegue. Não ha para mim socego nem aqui.... nem lá....

Beatriz agora é que se esforçava por domar a afflicção de sua mãe. De pé, tomava-lhe as mãos entre as suas e tentava todos os meios de acalmar a mágoa e desespero daquella alma meridional.

Dina pouco a pouco compoz um gesto em que pretendia mostrar-se socegada; porém a exasperação a não deixava mentir. Só a atribulada Beatriz é que se podia enganar.

— Vamos, filha — murmurou a bruxa, quando julgou ter um ar sereno — conta-me como tudo se passou.

A amante de Filippe de Lucena narrou então circumstanciadamente a historia dos seus amores: como tinha visto o moço fidalgo; as suas primeiras fallas; quaes as promessas que este lhe fez; os seus projectos mentidos e a final a scena que no anterior capitulo descrevemos. Quando terminou, no semblante da bruxa notava-se uma mudança espantosa. Já nelle se não pintava a mágoa ou o desespero fogoso. A não ser o brilho dos olhos dir-se-ia que lhe serenara a tempestade do peito.

— Adeus — murmurou, erguendo-se — não peço justiça, nem a Deus, que me desamparou, nem aos homens, que me repellem; mas a bruxa... a feiticeira... ha-de ser feiticeira alguma vez.

XVII.

OS EXORCISMOS.

Ni ce moine reveur, ni ce vieux charlatan
N'ont diviné pourquoi Mariette et mourante :
Elle et frappé au cœur.........................
Voilà son mal,— elle aime.
(A. de Musset, *Octave*.)

Deixemos Beatriz a braços com os tormentos do seu ludibriado amor, Dina resolvendo na mente a vingança de uma affronta, e vamos de novo visitar a sobrinha da senhora Perpetua, á sua habitação na rua Escura.

A sala em que vimos logo no principio desta nossa historia a linda moça estava ainda no mesmo estado: limpa, aceada; a Virgem de marfim ainda poisava debaixo da sua redoma de vidro; os idolos, o cocar, tudo estava em cima da meza: sómente agora nas jarras definhavam algumas das flores que traz o mez de abril, e nos castiçaes ar-

diam duas velas, apezar das gelozias abertas deixarem a luz do sol inundar tudo, e mostrarem o tecto do céo, ridente, formoso, um céo da Peninsula. Aquelle augmento de luz não trazia mais claridade nem mais alegria. Nada mais triste que a lucta desegual da chamma de uma alampada, de uma vela com os raios do sol; a chamma parece que tem o quer que seja de lugubre, de funereo, que esmorece, gela o sangue, em vez de o aquecer. É talvez o coração do homem que se confrange ao contemplar um simulacro da vida humana, que se consome quasi ignorada á face da vida da natureza, grandiosa, eterna. Era um perfeito contraste com o rumorejar do povoado, com os gritos, com os pregões, com o sol, com o verde das arvores, que se enfloravam, o silencio, a tristeza que reinava no quarto, aquellas flores desbotadas, murchas, aquellas luzes em lucta impotente com a claridade do sol.

Maria Aldoar estava sentada em uma poltrona almofadada e coberta de pregaria de latão, tendo encostada a cabeça a uma das mãos. Não parecia a mesma. O rosto definhara-lhe; tingia-lhe a cor das violetas um circulo em volta daquelles olhos onde a meiguice se cazava com a tristeza. Ás faces vinha ás vezes o carmin das rozas; porém não como de costume, desmerecendo pouco a pouco no branco-ôpala da tez : agora era destacada, desegual. A velha Thereza, a negra, estava acocorada a seus pés; junto, assentada em uma cadeira, a senhora

Perpetua ciciava algumas orações, fazendo girar as contas de um rozario; em pé, atraz da linda moça, via-se frei João de Santa Ursula em companhia de um outro frade dominico. Toda aquella gente tinha os olhos cravados em Maria Aldoar. A moça havia tempos que havia começado a definhar gradualmente, e bem receiavam pela sua vida todos os conhecidos da casa. Toda a sciencia dos physicos chamados para a curar, todas as mésinhas cazeiras tinham sido esgotadas em vão. A boa da senhora Perpetua, que a principio tomara em pouca conta o mal de sua formosa sobrinha, não se poupara a nenhum sacrificio e, coitada, eram poucas as horas do dia para rezar a quantos santos tinha o kalendario, intercedendo por ella. Quando os cozimentos e as sangrias mais tinham arruinado a saude de Maria Aldoar, recorreu a viuva do senhor Pantaleão aos amuletos, e os *santos lenhos*, *breves da marca*, *agnus dei* e *cruzes de Jerusalem* choveram-lhe em casa; a final chamou a um famigerado exorcista desse tempo, o companheiro de frei João de Santa Ursula.

Era o frade dominico um homem já de avançada idade, velho, magro a ponto de poder servir para estudo de osteologia. O nariz adunco, os beiços sumidos, os olhos arredondados dar-lhe-iam a physionomia da aguia, se a largura dos maxilares o não fizesse mais assimilhar a uma coruja. Quando caminhava, quando gesticulava, em todos os movimentos havia uma rudeza tal, um todo tão

hirto, que em nave de egreja por horas mortas, em campo santo ou encrusilhada ninguem o vira sem acreditar achar-se na presença da alma que em pena se revestira do myrrado cadaver, tal qual o deixara na hora extrema. A falla era uma especie de regougar funebre que parecia lhe não era formulada na garganta. O dominicano tinha mais todos de possesso de espirito ruim ou d'alma penada que nenhum dos pobres nervosos e paralyticos que tinha encharcado de agua-benta.

Em voz baixa começara elle a sua conferencia com o franciscano, e gradualmente foi subindo na escala, até se ouvir o mais distinctamente que lh'o permittia o seu diapason funebre:

— Então, irmão, — ha quanto tempo tem a paciente este mal?

— Ha pouco mais de mez — redarguiu o rotundo franciscano. — Não é isto, senhora Perpetua? — accrescentou com voz meliflua, voltando-se para a velha senhora.

— Em dous mezes vae — replicou esta — e Deus queira que se atine com o remedio; pois bastante tem soffrido a coitada.

— Eu! — exclamou Maria, esforçando-se por mostrar á senhora Perpetua um sorriso nos labios — mais tem padecido a minha boa tia por minha causa : não ha-de ser nada. Quando tiver mais forças para dar alguns passeios...

A moça interrompeu as suas fallas e soltou um profundo suspiro. Recordara-se do ultimo pas-

seio que dera e de quem nesse dia vira pela ultima vez.

— Ha dous mezes — resmungou o exorcista, frei Jaime.

— Sim, senhor — tornou a senhora Perpetua, interrompendo de novo as suas orações.

— E não dá ella — disse frei Jaime, dirigindo-se ao seu companheiro — certos signaes evidentes, taes como não poder estar na egreja...?

— Á egreja ha tempos que não vai por falta de forças; mas não repelle as imagens. O que tem, já vos disse, é certos esquecimentos e fraqueza; gosta de estar só... sempre triste...

— São casos de probabilidade, nada mais... *Quando præter consuetudinem amat obscura loca, et societatem aborret* — resmungou o exorcista, como quem recordava um preceito de sciencia, citando as proprias palavras do mestre casuista. — Talvez seja outro o seu mal; e não seria mau consultar...

— Que é que não tenho feito? — atalhou a senhora Perpetua — que medico tenho deixado de consultar?! Cada vez vae a peior. Aquillo foi maleficio que lhe fizeram, reverendo; não póde deixar de ser. Entrou-me aqui em casa com pés de lã uma certa rapariga... o senhor frei João havia de conhecer... uma tal Beatriz, que parecia uma boa creatura, e nós todos, a minha Maricas mais que ninguem, lhe queriamos: era como da casa. Ha dias, porém, soube della cousas espantosas. A ra-

pariga era uma perdida, e filha de quem, reverendo, de quem? De uma bruxa que por ahi anda em quanto uma boa fogueira a não abraza. E tal a mãe, tal a filha ha-de ser. De um passeio na companhia da tal rapariga data esse mal que a devora.

— Minha tia, — redarguiu Maria Aldoar — eu nada tenho, nada; não estou doente.

— Nào está doente! Não a ouvem, — exclamou a senhora Perpetua — é olhar-lhe para aquelle rostinho tão outro do que foi; é ver aquella fraqueza, aquella febre...

— Scismas suas, minha boa tia; eu estou boa.

— Hum, hum — resmungou frei Jaime — ella diz que está boa, quando se não póde ter de pé. Talvez com effeito alguma cousa haja, meu irmão, — ajuntou voltando-se para o seu bojudo collega.

— Não sei tambem — redarguiu este — se tanto mal lhe não virá das mésinhas que tem tomado.

O franciscano atinava. O mal da filha do senhor Roque Aldoar, mal de coração, tinha-lhe, crescendo rapidamente, alterado a saude. O amor naquella alma toda privilegiada, mal se definira, lançara profundas raizes, tanto mais fortes que a ausencia do ente a quem ella queria ajudava, deixando-lhe a phantasia livre para ideiar todas as perfeições a capricho, o seu desenvolvimento. O mal porém não fôra a principio tamanho como nas mãos dos cirurgiões e curandeiros se tornou. Maria tendo-se a principio negado a uma confissão

das suas mágoas, mesmo porque para ella bem aclarada não estava a causa, pejara-se sempre depois de a fazer, e deixara-se ir a capricho de todos, levada pelo desalento do coração a ter vontade de que o seu mal a levasse.

— Póde ser, reverendo, póde ser — redarguiu a frei João o exorcista ; mas, como a senhora diz que a filha de uma bruxa...

— Oh não ! não ! não lancem as culpas a ninguem ! — exclamou Maria ; — do mal que soffro ninguem é a causa.

— Tens bom coração, Maricas ; mas não te posso ouvir defender aquella perdida. Foi ella ; não podia ser mais ninguem.

— Não, minha tia, não foi.

E Maria Aldoar a quem nesse momento faziam recordar a causa das suas mágoas, murmurava como para si :

— É outra... não tem cura... mataram-no de certo.

E fitou, soltando um suspiro, as escadas da Sé.

— Lá está ella com uma das suas scismas. Por mais que me digam, foi cousa ruim que nella se metteu — disse a senhora Perpetua dirigindo-se ao exorcista. Aqui ha uns tempos é tudo fallar só, em cousas que não têem pés nem cabeça, em ausentes e presentes... e sobretudo com a scisma de que um nosso visinho morreu.

— Pelo que me parece, reverendo, — disse frei João fallando com o dominico — a sua pre-

sença e o seu saber não serão aqui inuteis; e louvado Deus, orações nunca molestaram ninguem; antes aproveitam em todos os casos.

— Sim, — resmungou frei Jaime, porém...

— Louvado seja nosso Senhor Jesus-Christo, dá licença? — disse uma voz de fóra da porta do quarto, e ao mesmo tempo a ella assomou a cabeça antipathica da tia Briolanja, cabeça magnifica para emparelhar com a do exorcista.

Maria Aldoar, que desde que recebera a carta de Filippe, apezar de então a illudir o seu mal definido amor, creára á beata repugnancia, fez um gesto de enfado ao ouvir-lhe a phrase de introducção costumada: — Louvado seja nosso Senhor Jesus-Christo.

— Esta coincidencia foi notada por frei João, que della deu parte ao seu companheiro.

— Falle-me para ahi! — exclamou este; — é um dos signaes mais evidentes.

E frei Jaime começou, depois de enfiada uma sobrepeliz e posta uma estolla rôxa a engorolar as orações que ao exorcista eram prescriptas para antes do preceito probativo.

Mal terminada a invocação ao archanjo S. Miguel, approximou-se de Maria Aldoar, fazendo signal ao seu collega, que n'uma das mãos segurava uma pequena caldeira de agua-benta e um hyssope, trastes que pertenciam á senhora Perpetua Freire. A moça ao ouvir as ultimas palavras do frade, não sabendo o que as tinha motivado, e alterada pelos

preparativos daquella ceremonia, começou a tremer. Pela imaginação passou-lhe a ideia de que muito bem podia ser que algum mau espirito della se tivesse apoderado. Naquelles tempos ainda havia muita fé nestas e outras cousas similhantes. Maria Aldoar já por vezes, desde que sua tia lhe fallava em chamar um exorcista, tinha chegado a ponto de duvidar da causa do mal que a affligia, porém não tanto como nessa occasião em que o vulto cadaverico de frei Jaime e os aprestes da ceremonia a tinham perturbado. Aquelle temor ainda mais confirmou na sua ideia o velho frade, que começou a repetir machinalmente, de affeito que estava áquella formalidade, não porque se tornassem necessarias, uma enfiada de perguntas taes como — se sentia dores extranhas pelo corpo; se as cousas e pessoas se affiguravam outras, mudadas; se ouvia fallar quando estava só, tendo a certeza de que ninguem estava tão perto, que lhe podesse ouvir a voz.

A sobrinha da senhora Perpetua a nada respondeu. O terror cada vez mais a enleiava, e o enleio mais confirmava na sua supposição os reverendos. A velha Thereza, aterrada tambem, murmurando orações e retirando-se pouco a pouco, se ausentou da sala, em quanto a senhora Perpetua e a beata, uma em voz baixa e fervorosamente, a outra alto e com ademanes affectados, repetiam algumas orações. O suor inundava o rosto de Maria Aldoar, tal era a afflicção que a opprimia. Frei

Jaime em vão, durante a explicação do credo e uma práctica exhortativa, lhe dirigiu a palavra, que não descerrou os labios a pobre moça. Quando o frade della se approximou, a fim de lhe passar uma ponta da estola pelo pescoço, Maria fez um esforço violento para se levantar, exclamando ao mesmo tempo:

— Não! não! digam que eu não tenho nada.

— Oh! oh! — murmurou o exorcista, interrompendo a sua práctica — este é teimoso: talvez seja precisa a formula mais forte.

E voltando-se para as duas mulheres lhes ordenou que dissessem a ladaínha dos Santos, ao passo que frei João espargia agua-benta por toda a casa.

— *In nomine Jesu Christi ego Jacobus* — resmungou frei Jaime começando o preceito probativo.

A oração do reverendo e a ladaínha das mulheres não fazia tanto ruído que na sala não se ouvissem distinctamente estas palavras, trocadas em alta voz, entre duas pessoas, uma que parecia estar na rua, outra a alguma janella de casa proxima:

— Ditosos olhos que o vêem! Ha tanto tempo que por aqui não apparece, quando d'antes era certo. Por morto ou embarcado para longe o tinha.

— De me embarcar faço tenção — replicou a outra voz — que mal me vai aqui com a vida. Tenho estado fóra.

No rosto de Maria Aldoar debuxou-se, em vez de terror, uma viva anciedade ao ouvir estas pa-

lavras a que não deitou attenção nenhuma das outras pessoas que a cercavam, e de novo fez um esforço para se erguer. Frei João attribuiu aquelle movimento ao estrebuxar do espirito maligno, que da linda moça se apoderara, e, poisando no chão a caldeira e o hyssope, a forçou a sentar-se, continuando o seu companheiro a oração.

— Deu o signal! deu o signal! — exclamou frei Jaime, alludindo ao brusco movimento da donzella.

— Ganhaes hoje, reverendo, uma victoria sobre o mau inimigo.

— Não porque o mereça — redarguiu o dominico, cruzando as mãos no peito em ar de humildade. E tornando a indireitar-se, disse em voz alta, voltando-se para Maria Aldoar:

—*Ego Jacobus, ut minister Christi e Ecclesiæ, impero vobis, dæmones maledicti, ut statim cesset omnis vexatio e omnis afflictio à vobis causata.*

A moça, forçada a estar quieta por frei João de Santa Ursula, pouca attenção deitou á ordem transmittida a Satanaz, ainda impressionada por aquella voz que ouvira.

— Faz de amuado! — exclamou frei João; — mas não lhe ha-de valer o fingimento; pois não, frei Jaime?

— O poder de Deus é grande! — redarguiu o dominicano — e começou de novo o *preceito lenitivo :*

— Nada ainda! — murmurou frei João, vendo

que Satanaz não se dispunha a fazer uma irrupção apparente, saltando na fórma de um immundo animal, ou estourando em ar de morteiro.

Frei Jaime recomeçou a sua oração :

— *Ego Jacobus, minister Christi et Ecclesiæ, impero vobis, dæmones maledicti, ut statim cesset...*

María Aldoar fez de novo um esforço para se erguer, e exclamou cheia de alegria :

— Oh sim, sim, não me enganava.

Quasi ao mesmo tempo a porta abria-se, e Phebo Lever entrava na sala.

— Então — gritou o franciscano, benzendo-se — este não era visivel !

— Nem todos o são — replicou o exorcista — mas já se vê na alegria do rosto que o inimigo a deixou. Está outra.

Era verdade. No rosto da sobrinha da senhora Perpetua Freire notava-se uma mudança espantosa: naquelles olhos formosos tinha-se accendido de novo mais radiante a luz da vida, e o sorriso que lhe pairava nos labios era natural, não do que por vezes affectava para mais não magoar sua querida tia.

A pobre da senhora lançara-se-lhe ao pescoço toda contente, sem reparar no moço esculptor, que, admirado daquella scena, permanecia á entrada da porta. Ninguem delle fazia caso; ninguem, a não ser Maria, por elle tinha dado. Com o sorriso da linda moça estava porém elle pago de quantas faltas de attenção todos os outros podessem ter.

XVIII.

UMA CEIA NÃO SE PERDE.

CAT. — Vamos.
Y al fin gozarás su dama.
D. JUAN. — Ha-de ser burla de fama.
(TIRSO DE MOLINA, *El burl. de Sevil.*)

TÃO rapidos tinham sido os estragos da paixão em Maria Aldoar, como foi prompto o restabelecimento. A apparição do moço esculptor foi para ella e para o dominico uma providencia. A fama da victòria deste ultimo sobre o espirito das trevas percorreu toda a cidade, crescendo de bocca em bocca um ponto, de sorte que, contada pela senhora Gertrudes, que tinha dedo para enfeitar uma narração, era um conto phantastico de fazer arripiar os cabellos. O espirito maligno tinha, ao sahir do corpo da linda moça, onde a inveja de Beatriz

o encadernara, entre cabriolas dito e feito cousas tremendas, e dos seus ouvintes havia quem jurasse que o cheiro do enxofre se sentira nesse dia, pela volta das onze horas, por toda a cidade.

Maria Aldoar bem depressa esqueceu aquella scena, de que a principio se ria, quando nella lhe fallavam, negando que tivesse servido de habitação a espirito sobrenatural algum. Segundo frei Jaime, era isto mesmo uma prova evidente do facto que ella negava; pois que, desfeito o quebranto, se esquecia o possesso de todas as suas acções e ditos passados, ditos e acções de que não era responsavel, sendo obra do nefando espirito. De quem ella se lembrava era do moço esculptor. A victoria que este ganhara na sua ausencia tornara-o quasi louco de alegria, e o fizera mudar de tenção. Os louros dos seus feitos de armas no dia da revolta das maçarocas, tornando-o bastante saliente, o tinham obrigado a ausentar-se da cidade, procurando abrigo na companhia de uns parentes da Maya, e o amor maternal da viuva do senhor Thomaz Lever, receiando pela sorte do seu unico filho, tinha feito prolongar este desterro, que martyrisava o pobre moço.

A sós com as suas saudades, no campo, olhara para o fundo da sua paixão, e, crendo-a desesperada, tomara um desesperado partido. Para não presenciar os amores daquella em que tinha posto a felicidade da sua vida, resolvera abandonar a terra da patria, e, mal chegado á companhia de sua mãe,

apresentara esta ideia, pretextando-a com o receio de perseguições attrahidas pelo seu procedimento durante o passado motim. No coração da excellente velha debateu-se por algumas horas a pena de se ver separada de seu filho com o receio de o perder; mas a final cedeu ás exigencias de Phebo, e resolveu-se o embarque para Lisboa, e de lá para a India. O moço, comtudo, não pôde resistir ao desejo de ainda uma ultima vez ver, e dizer um sentido adeus ao idolo do seu coração, e dirigiu-se a casa da senhora Perpetua Freire.

Tinham sido delle as fallas que no meio dos exorcismos sobresaltaram a apaixonada moça.

Subiu pela escada, que achou desembaraçada, e bateu receioso á porta. As suas palmadas foram em vão.

A escrava, amedrontada, tinha-se ido esconder, rezando todas as orações que sabia, nas aguas-furtadas, e os restantes moradores da casa estavam summamente entretidos para lhe prestar attenção.

No fim de alguns momentos, depois de chamar inutilmente, resolveu-se a entrar para uma sala que precedia o quarto da linda moça. Era exactamente no momento em que frei Jaime pela terceira vez recitava o seu esconjuro. O coração apertou-se-lhe. Aquelle latim, o rezar fervoroso das mulheres trouxeram-lhe uma ideia terrivel. Phebo já sabia que Maria Aldoar estava doente, e naquelle instante julgou-a, senão morta, á beira da sepultura. Sem a mais nada attender, com o rosto demudado, deu

um encontrão á porta, e penetrou no quarto da sobrinha da senhora Perpetua. A sua mágoa tornou-se em alegria ao ver o modo como foi recebido pela linda moça, e no coração lhe renasceu a esperança, mudando-lhe o intento.

Deixemos porém o mancebo e Maria Aldoar. Não lhes estorvemos as primeiras confidencias timoratas de amor e vamos ver antigos conhecidos que de ha muito o leitor não viu, os nossos estouvados da ceia.

Reunidos em casa do joven Cerveira, matavam as horas em relações de frioleiras, proezas e cónquistas, não das que se levam a ferro e fogo, mas com palavras estudadas e requebros. Se Pedro Cerveira fazia as honras da casa, Luiz Cernache fazia as despezas da conversa.

Passeava de um para o outro lado, não se esquecendo de deitar as vistas, ao perpassar, a um magnifico espelho de Veneza, que adornava a sala onde estavam reunidos. O seu traje era identico no córte ao que trouxera Filippe no dia de Reis.

— Guapo, guapo! — exclamou Henrique de Mesquita, percebendo um destes olhares.

— Achas? — interrogou o moço fidalgo tomando uma posição affectada, e sorrindo.

— Acho que copiaste D. Filippe completamente: faltam-te os bigodes.

— É verdade — exclamou Filippe de Lucena com um ar de desdem — copiou a roupa que deixei, que já não uso, a roupa á franceza.

E o mancebo levantou-se da cadeira em que se achava para fazer notar o seu fato. Trajava elle então um corpete de veludo preto com mangas de setim, todo abotoado com coralinas; uma walona bordada a prata; umas bragas de veludo preto com botões eguaes aos do corpete; uma curtissima capa de côr e téla identicas, com um tenue capuz bordado a aljofar, prezo por fitas de setim, e, calçava longas botas de cordovão. Se este traje não era tão flamante como o de Cernache, mais lhe fazia sobresahir a galhardia das formas.

Os mancebos admiraram-no.

— Isso é velho — disse Luiz Cernache, batendo no hombro do mancebo. — Meu avô já assim trajava.

— Espero — redarguiu Filippe — que ainda m'o peças, para mandares ao teu alfaiate fazer um por elle.

— Não te hei-de incommôdar.

— Cernache, depois que se apanhou todo coberto de rendas, como o menino Jesus das freiras de Santa Clara, não cabe dentro de si — disse sorrindo o morgado de Ferreira.

— Já te foste mostrar a Monchique? — interrogou Pedro Cerveira com um sorriso malicioso.

— Á prima — ajuntou o sobrinho de D. Francisco de Lucena.

— Nem tenho que lá ir fazer — redarguiz Luiz.

— Oh! — exclamou maliciosamente Filippe — fazes de discreto, como convém a um bom namo-

rado! Anda: conta-nos as tuas boas fortunas. Já te bordou um cabeção? É esse que trazes?

— Não faço de discreto; porém não sou como tu, meu matamouros, que tudo conquistas... com a lingua. Se algumas das caçadas por ti emprehendidas eu as tentasse, por Christo, que me sahiria melhor do que tu.

— *Viva Dios!* — exclamou Filippe — que estás hoje cheio de modestia.

— Fallas muito, e obras pouco.

— Tu o dizes?

— E os factos o provam.

— Não sei em que.

— Vejamos — disse Luiz Cernache collocando-se em frente de D. Filippe, postas as mãos nas ilhargas. — Que é feito da tua conquista d'ao-pé do arco de S. Sebastião?

— Meu caro — exclamou Lucena com uma seriedade fingida — não me falles n'isso: estou para me casar.

E em seguida soltou uma estrondosa gargalhada.

— Como? — interrogou o morgado de Ferreira.

— Á tôla — redarguiu Filippe — não se lhe metteu na cabeça que devia casar com ella, porque lhe dei, valha a verdade, honras de mãe! Fez uma lamuria, que parecia ao natural: houve um diluvio de lagrimas, uma tempestade de suspiros, uma trovoada completa; porém eu respondi-lhe com o estribilho de certa cantiga: *Morenita, no seas boba.*

— Havia de ser divertido.

— Muito feio não foi — redarguiu Filippe de Lucena — parecia a sério, e não estudado o recado. A rapariga não é qualquer dama de *gangarilla*. Á divina Francisca Battazara nunca em *Buen Retiro* vi eu desempenhar melhor o seu papel. Pela *Virgen da Novena*, que é hoje a padroeira dos comediantes, que a rapariga fazia fortuna pelo mester.

E o moço fidalgo ria a bom rir sem remorsos nenhuns da sua má acção. Para elle, para a sociedade em que convivia não passava o que fizera de uma façanha honrosa.

— Já fizeste de novo as pazes? — interrogou o morgado de Ferreira.

— Nem vontade! — exclamou Filippe — Nem mais della procurei noticias. Começava a enfadarme. Amor vencido, amor perdido...

— Bom, bom — atalhou o pequeno Cernache; — porém aquell'outra, a da aposta.

— Ah! a pequena da rua Escura?

— Essa mesma.

— Essa...

— Nada feito! — exclamou Luiz Cernache — nada feito! Está a aposta vencida, cavalheiros! Filippe paga-nos uma ceia.

— Alto! — redarguiu o sobrinho de D. Francisco de Lucena. Peço novo prazo.

— Nada, nada! — exclamou Pedro Cerveira.

— A ceia, a ceia! — gritaram os outros mancebos em coro. — Está perdida a aposta.

— Não está tal. Se não fossem esses malditos cães que me ladraram ás pernas, estava hoje a pomba empolgada...

— É verdade, Filippe, lembras-te d'aquelle rapaz louro que me disseste quiz ter a honra de cruzar o seu faim com o teu?...

— Sei — exclamou Filippe. — Alli está um vilão, que nasceu com brios. O tôlo podia-me matar quando um maldito me quebrou a espada; porém não senhores: tomou o caso como se tivesse talhado o sol. Estive capaz de lhe estender a mão quando o tornei a ver.

— Pois o nosso homem — tornou o estouvado — vai agora a casa da pequena da aposta.

— E que tem isso?

— Nada, a não ser que a tenha já na rede.

— Que tenha ou não, nada faz ao caso. Dêemme novo prazo — insistiu Filippe.

— Quantos dias? — interrogou Pedro Cerveira.

— Dias?

— Pois, querias mezes?

— Semanas.

— Nada, nada — gritou um dos fidalgos. — Damos-te oito dias.

— É pouco.

— Vamos, Filippe — exclamou o pequeno Cernache — apezar de tanto me fazer que percas como que venças, interesso-me por ti.

E, voltando-se para os outros mancebos, ajuntou:

— Oito dias sem importar o modo como a caçada é feita: se ao reclamo, se á rede. Filippe acceita.

Luiz Cernache, dizendo isto, segredou algumas palavras aos ouvidos de Filippe.

— Oh! *un perro* — exclamou este.

— Um *perro?* que?... — interrogou o estouvado.

— *Un perro*, sim; um engano... uma peça, como quizeres que diga.

— Tal e qual.

— Então ella vai só? — perguntou Filippe em voz baixa.

— Todos os dias ou quasi todos... de manhã cedo... a passeio.

— Só?

— Não; acompanhada por uma negra; e já uma vez tambem a vi com o rapaz do motim.

— Bom.

— Ha-de dar brado! — disse Cernache, piscando os olhos.

— Está dito, cavalheiros; acceito os oito dias — disse Filippe em voz alta, dirigindo-se aos fidalgos seus companheiros.

— Que dia é hoje? — interrogou um delles.

— Sabbado.

— Bom: domingo á noite teremos a ceia.

— Fica em palavras tudo, meus amigos, verão! — exclamou Pedro Cerveira.

— Não fica: tu has-de ser uma das testimunhas.

— Bom, bom — gritou Luiz Cernache; — vamos encommendar a ceia, e veremos quem paga. Não é assim, Filippe. A ceia não se ha-de perder. Quer-se uma ceia explendida.

— Aonde ha-de ser.

— Em casa do pasteleiro: a victoria ha-de ser celebrada debaixo dos muros da praça rendida.

— Para casa do pasteleiro! — gritou Cernache.

— Está dicto! — clamaram todos os estouvados, pondo-se a pé e seguindo a Filippe, que cantarolando desceu as escadas, encaminhando-se todos para casa do senhor Bartholomeu de Basto.

O pasteleiro, como Phebo, estivera algum tempo escondido depois da revolta, e como elle não se tinha esquecido de Maria Aldoar. Dando pouca importancia, ao reapparecer, ás assiduidades do santeiro ao-pé da linda moça, tendo que era rival pouco temivel para dar zelos, como já dissemos, por menos favorecido da fortuna, e desassombrado de Filippe, tinha por algum tempo dado largas aos seus sonhos de gozo. A volta do moço fidalgo, porém, de novo lhe fez pôr em sobresaltos o coração, apezar do pouco uso que este dava á rua Escura.

Quando o rancho dos estouvados lhe entrou pela porta dentro, um presentimento fez parar ao ciumento burguez o sangue no coração. Filippe, que ignorava a parte que elle tomara no motim do terreiro, bateu-lhe com a palma da mão no hombro, gritando:

— Mestre, domingo ao cahir da noite quero uma ceia, a melhor que for possivel arranjar, para estes dez cavalheiros. Cousa de primor; não se olha a dinheiro.

— Nem tem que reparar — ajuntou Cernache rindo — a ceia é de graça.

— De graça! como?

— De graça. Não te recordas de que o mestre disse que, se ganhasses a aposta, não levaria por ella nada?

E o moço fidalgo, dizendo isto, ria-se, fitando o senhor Bartholomeu de Basto, que a estas palavras perdeu a côr do rosto, tornando repentinamente a voltar mais affogueada.

— Ganhou a aposta, cavalheiro? — interrogou elle com voz trémula.

Filippe olhou para o pasteleiro meio-espantado.

— E que vos importa? — replicou.

— Que lhe importa? — exclamou Cernache. — O mestre ésmoreceu com a ideia de ter de nos dar uma ceia e não ver real. — E voltando-se para o pasteleiro, ajuntou soltando uma gargalhada:

— Se não se ganhou, está em vesperas. O passaro está na mão. É só depennal-o. Lá se vos vai a alma na ceia!

Bartholomeu de Basto mordeu os labios raivoso.

— Oh que careta não faz o pobre diabo! — murmurou Luiz ao ouvido de Filippe.

— É ter paciencia, mestre — disse o sobrinho

de D. Francisco de Lucena, julgando toda aquella mudança que se pintava no rosto do pasteleiro receio de que elles lhe tivessem tomado a serio a palavra, e o forçassem a dar a ceia..— A bella — continuou — escreveu-me um bilhetinho em que me convida para ir ter a primeira vez que sahir a passeio, só com a escrava, de manhan, a certo sitio...

O pasteleiro, ao ouvir esta mentira de Filippe, perdendo de novo a côr, cambaleou, e teve de lançar a mão á parede para não cahir.

— A ceia paga-se-lhe — exclamou o morgado de Ferreira, compadecido do senhor Bartholomeu. — Não se esqueça, mestre, do melhor.

E ás gargalhadas os moços fidalgos sahiram da morada do pasteleiro, em quanto este se deixava cahir na cadeira que mais perto encontrara, tomado pela dôr violenta da ferida que no coração lhe abriam de novo.

XIX.

TRES GOTAS DE SANGUE DO CORAÇÃO.

> Belisa — Alors que me veux tu?
> D. Paez — A' t'on raison de croire a la vertu
> Des filtres? — Dis-moi vrai.
> (A. de Musset, *D. Paez.*)

Pela bócca da senhora Perpetua sabe o leitor que entre os bons christãos do Porto tinha cessado de ser um segredo a filiação de Beatriz, a costureira d'ao-pé do arco de S. Sebastião. Estimada esta até ahi por todas as familias que a sua casa a chamavam, attentas as suas prendas, cheio o coração de esperanças, julgando-se amada, n'um abrir e fechar d'olhos saltou a pés juntos a barreira que separa na vida a senda de rozas da de espinhos.

Temendo que ella não resistisse ás mágoas que a assaltaram, Dina não desamparara a filha do seu

coração, e levada pelo carinho materno esqueceu o odioso do seu mister e o perigo em que punha Beatriz. Já as suas escusas visitas tinham feito murmurar algumas comadres; porém sómente pela supposição de que a costureira recorria á bruxa para alguma consulta em negocio de amores. A moça era linda, prendada e bemquista, e a inveja não perdia a occasião de lhe cravar bem fundo o seu alfinete. A residencia da velha Dina por dous dias em casa de Beatriz fez naturalmente scismar as menos curiosas visinhas, e pôr n'uma roda viva as que a moça despeitava ou excedia. Tanto andaram e desandaram que vieram no conhecimento da verdade e nessa occasião a fama duplicou as suas bôccas, e voou mais rapida que de costume. Quando a filha de Dina Belaguer sahiu á rua pela primeira vez depois das scenas que descrevemos, foi apupada e apontada ao dedo pela gente miuda, e, se a malograda paixão e o desprezo de Filippe lhe magoaram o peito e o coração, os insultos enfraqueceram-lhe a mente.

A pobre ficou quasi idiota.

Quem a encontrasse pallida, desgrenhada, sentada no chão, apertando entre os braços os joelhos, á porta da vivenda da bruxa, ao-pé da torre queimada, não reconheceria a formosa rapariga de dias antes, que tanto caprichava nos seus enfeites; no seu trajar. Era sómente no perfil que dava signaes do que tinha sido. No semblante da bruxa tambem se notava alteração: era nos olhos onde se ateara

um fogo sinistro, que só de momentos a momentos dava logar á compaixão, quando se cravavam no pallido rosto de Beatriz.

Era no dia seguinte ao da reunião dos moços estouvados em casa de Pedro Cerveira. A tarde findara, e os montes de Gaya tinham pouco a pouco perdido o seu colorido em tintas negras, destacando primeiro em um fundo côr de laranja, depois gradualmente em uma infinidade de côres, até parar no azul cinzento da noite. O sol, que no meio do seu curso vira assentar-se Beatriz á porta do cazebre, ao apagar-se no Oceano ainda ahi a deixou. A bruxa tambem toda a tarde se conservara ao-pé, com os olhos cravados na filha, bebendo por elles, seja licita a expressão, todo o fel que é possivel caber no peito de uma mulher; soffrendo o maior martyrio com que póde um coração de mãe. Quando um homem veio quebrar aquelle encanto cruel, tinha trasbordado a taça: a blasphemia sahira-lhe dos labios. Este homem era nada menos que o pasteleiro da rua Escura, o senhor Bartholomeu de Basto. O pasteleiro não podera dormir a noite antecedente. As palavras de Filippe de Lucena eccoavam-lhe aos ouvidos. Durante a insomnia tinha passado em revista os remedios possiveis para o mal que soffria, e só encontrara dous. Por um vinha elle nesse momento.

A resolução que o trazia não era comtudo firme. Antes de se approximar por mais de uma vez parou receioso.

— Mulher, mulher — disse bruscamente, approximando-se quasi de um salto da bruxa — quizera fallar-te a sós.

— A mim? — perguntou ella, sem reparar quem era a pessoa que tinha na sua presença.

— A ti.

Dina ergueu-se e approximou-se do senhor Bartholomeu, que por um movimento involuntario deu alguns passos á rectaguarda. Ao reconhecel-o, soltou do peito uma exclamação, e passou a mão pela fronte, pintando-se-lhe no semblante uma alegria sinistra.

— Eu sei o que o traz, mestre — disse ella em seguida, dando ás palavras uma intonação exquisita.

— Sabe! — exclamou com um gesto entre o espanto e o receio o senhor Bartholomeu.

— Sei — tornou a bruxa — eu leio a vontade no rosto de todos. Para mim não ha segredos.

— Oh! dize-me então se é possivel alcançar os meus intentos?

— É — replicou a feiticeira.

— E que tenho para isso a fazer? Falle que... eu tenho dinheiro... bem o sabe.

— O seu dinheiro não me importa.

— Não — exclamou o pasteleiro — então que é preciso?

— Pouco.

— Pouco?

— Sim, pouco, mestre. Aqui podem surprehender-nos.

E dizendo estas palavras, Dina apontou para a porta da sua habitação.

Como dissemos, ficava ella perto da torre queimada, no declive do monte da Sé, para o lado do rio. A apparencia exterior era pouco agradavel, o logar remoto e de má fama, e pelo corpo do senhor Bartholomeu percorreu um frio desanimador. Grande porém era o motivo que alli o levava, a elle tão crendeiro, que depois de alguma hesitação se resolveu a transpôr os umbraes da mysteriosa casa. O aposento em que penetrou estava perfeitamente ás escuras. Se o terror tinha sido grande em quanto esteve nas trevas, maior se tornou quando á pallida luz de um candieiro, acezo pela bruxa, pôde contemplar o sitio em que se encontrava. Era uma sala terrea, humida e negra. A um lado estava um enorme lar, onde se viam dous grandes vasos de barro de uma forma desusada. Nas paredes, cravados pelas azas, notava-se tres morcegos, conservados por meio de algùma preparação; sobre uma papeleira carunchosa descançavam um craneo, a ossada de um braço e mão perfeitamente soldados pelas junturas, alguns frascos, uma redoma de vidro e uma especie de baralho de cartas, em que as figuras convencionaes do jogo eram substituidas por outras mysteriosas; do tecto pendiam varios molhos de hervas, algumas tranças de cabello, e sobre uma cadeira poisava um in-folio respeitavel. A luz trémula que espargia o candieiro dava uma certa animação áquelles extranhos adornos, que pareciam

mover-se, tornando em tal sitio a estada pouco desejada.

Aquelle apparato era o ganha-pão de Dina, eram os utensilios do mister que lhe tinham forçado a tomar; mister que por vezes era rendoso, não de rara freguezia, mas arriscado. Como ella tinha passado até alli no povoado, assim incólume, apezar de ser no Porto, longe do braço do tribunal da Fé, já o explicamos.

Ao senhor Bartholomeu aquelles adornos travaram-lhe a lingua por alguns segundos, em quanto Dina, abria o livro sobre o bofete, e espalhava as cartas, empregando em tudo um ceremonial mysterioso.

— O que o traz — disse a bruxa fitando o pasteleiro a ver se lhe podia ler no rosto a força da resolução — é o amor.

— É — replicou o senhor Bartholomeu.

— E o amor desprezado — ajuntou Dina.

— Sim, sim — confirmou o pasteleiro. — Queria uma das suas bebidas — accrescentou com voz sumida — a ver se...

— É difficil, muito difficil — atalhou Dina.

— Já lhe disse que não poupo dinheiro.

— Não basta dinheiro.

— Então que mais se faz preciso?

— Tem animo? — interrogou Dina, sem responder á pergunta do senhor Bartholomeu de Basto.

— Tenho — redarguiu este, fazendo um esforço violento.

— Repare no que diz.

— Tenho! tenho animo para tudo.

— Para tudo?

— Sim... sim!

— E se for necessario ter de se travar com um homem...

— Dous que fossem.

— Se fosse preciso correr sangue?

— Sangue?!

— Recúa!

— Não, não; tudo farei.

A feiticeira adiantou-se, pôz-lhe uma mão sobre o hombro, e murmurou, fitando-o attentamente:

— Para compôr o philtro que deseja são precisas tres gotas de sangue do coração de um homem.

— Tres gotas de sangue! — exclamou o pasteleiro, empallidecendo.

— Sim; tres gotas de sangue do coração do ente que ella ama.

— E ella depois...

— E Maria depois — proseguiu Dina, accentuando astuciosamente as palavras — lhe votàrá mais amor que a elle... a Filippe.

No rosto da bruxa, ao dizer estas palavras havia um *que* de sinistro, que fortemente impressionou o pasteleiro, e lhe fez gelar o sangue nas veias. Por bom espaço de tempo ficou elle irresoluto, retratando-se-lhe na cara a lucta que na alma se travara. Na da bruxa a cada gesto delle corres-

pondia um outro : ao terror o desalento ; á resolução a alegria feroz, que póde ter o tigre, vendo approximar descuidado o timido antilope. O pasteleiro viera alli como trazido pela mão do demonio da vingança, que dominava o coração ardente da mãe de Beatriz, d'essa mulher em cujas veias girava o sangue peninsular, em cuja vontade havia a tenacidade dos hebreus, em cujo peito morava o desespero da sobreposse da desgraça. Perder o instrumento que nas mãos se lhe viera metter era o seu temor ; a ideia da realisação do seu pensamento a alegria.

O pasteleiro, que já attentara contra a vida de Filippe de Lucena, para elle ainda o amante preferido da filha de Roque Aldoar, servindo-se do carniceiro morto no motim, recuava agora ante a insinuação da bruxa, ou porque não tivesse animo para o fazer de per si, não achando facilidade de haver á mão um instrumento tão docil como o Russo, e uma occasião como a que tivera então, ou porque o logar e aquella conta mysteriosa de tres gotas de sangue o impressionassem fortememente, receiando pela alma. Dina tremia pela vingança que via a ponto de se lhe escapar, tal era a irresolução do pasteleiro. Esta porém terminou repentinamente.

Beatriz que se conservara assentada á porta, repassava á luz meia-apagada da indiligencia as scenas da sua passada felicidade. A lembrança de Filippe, que por aquellas horas lhe costumava

apparecer, pôz na bôcca da infeliz a canção favorita do estouvado moço.

> Niña, si à la huerta vas
> Coge las flores mas bellas;
> Aunque se tu estas entre ellas
> A ti mesma escogeras.

Este canto foi incetado lentamente; não com a intonação galante que lhe dava o sobrinho de D. Francisco de Lucena, mas com uma toada monotona, magoada. A impressão que fez em Dina foi quasi egual á que produziu no pasteleiro da rua Escura. Recordando Filippe, a uma fez augmentar o desejo de vingança, ao outro procurar no ciume a coragem, pôr termo á sua irresolução.

— Se não tem animo para matar um rival — exclamou a bruxa — deixe-o gozar de Maria... o que não tardará.

Mestre Bartholomeu avivara a recordação da visita da vespera; recordou que Filippe lhe dissera que brevé a moça appetecida havia de ser sua.

— Tudo, tudo farei! — exclamou — mas que ella me queira!...

Dina exultou.

— Olhe — disse ella, chegando-se ao-pé do ciumento burguez — preciso do sangue dentro de tres dias... antes do quarto minguante... e não me engane — que seja o sangue de Filippe. Espère — accrescentou — quero ver esse homem quando

morto. Feito ao-pé do cadaver terá o meu philtro mais força, não falhará.

— Sim, sim — redarguiu o pasteleiro — eu tambem tenho pressa. Que essa tua beberragem, esse esconjuro não leve muito tempo a fazer.

— Nenhum.

— Tres gotas de sangue — murmurou o pasteleiro, atirando com uma moeda de prata sobre o livro aberto, o Talmud, que o desconhecido das letras tornava formidavel a todos os visitantes de Dina.

— Sim — exclamou a bruxa — tres gotas de sangue do coração.

XX.

CONTRASTE!

El mayor monstruo los zelos
Son siempre.

(CALDERON.)

CURC. — Que signal é este que,
ao conhecel-o, se me perturbou
a alma! ....
Ai! filho!

(*Comedia antiga.*)

NÃO esqueceu Filippe a extravagante aposta em que com os fidalgos se empenhara. Desde então foi de Maria Aldoar uma espia constante, a sombra do seu corpo. Quatro dias, porém, eram passados sem resultado algum que lisongeasse a vaidade do estouvado mancebo. Despeitado, pelo contrario, sentia que a moça requestada, longe de como outr'ora corresponder ao seu cortejo, lhe mostrava a mais completa indifferença. Em Filippe, nesse curto espaço de tempo, a difficuldade, a resistencia, o desdem fizeram crescer violento o desejo.

No moço fidalgo, desde a primeira visita, cau-

sara á filha de Roque Aldoar não pequena impressão; mas, corrompido o coração na vida desvairada da côrte do conde-duque, gastos os sentimentos nos galanteios vaidosos das damas da alta nobreza daquella quadra, na Peninsula tão beata na forma, como immoral no fundo, a asphyxiara elle em pensamentos impuros. A inconstancia, sua divisa, a novos galanteios o levara depois do motim popular, e em prazeres ephemeros por mais de uma vez embriagou os sentidos, dando as fézes a tragar ás victimas dos seus passatempos. Não eram unicas as palavras de Beatriz a pezar na balança das suas culpas, posto que ainda assim bastantes não fossem para dar alento aos remorsos. O seu novo projecto suscitado pelo mais estouvado dos seus companheiros no Porto, projecto cujo pensamento era uma violencia infame, era d'isto a prova. Para Maria Aldoar, felizmente, a Providencia a resguardou, trazendo embaraços aos seus passeios matutinos, exercicio que, para inteiramente a restabelecer, lhe fôra aconselhado, e toda a boa vontade de Filippe foi baldada. De que serviu foi de augmentar no peito do ciumento pasteleiro o odio violento, os fogos do ciume.

Já viram que effeito produziram em mestre Bartholomeu de Basto os inconsiderados gracejos de Luiz Cernache e Filippe de Lucena, que o levaram ao extremo de, julgando poucos os meios humanos, recorrer aos sobrenaturaes, sujeitando-se á vontade vingativa de Dina, a feiticeira. Se a ten-

ção por vezes fraqueara, trazendo-lhe na insomnia por horas mortas as larvas do remorso, o temor de penas, que sua crença dizia certas apoz o crime, e que a intervenção da bruxa avantajava na sua imaginação, o perpassar de Filippe, trazendo ideias que lhe faziam ferver o sangue, apagava toda aquella phantasmagoria para deixar mais violento o rancor.

Quatro dias faltavam para terminar o prazo concedido a Filippe de Lucena.

Era uma quarta-feira, nos principios de maio. Viera uma manhan chuvosa tolher o passeio da sobrinha da senhora Perpetua, raiando depois o sol a desenhar no céo com as nuvens esparças phantasias brilhantes. A' proporção que o tempo decorria redobrava Lucena de esforços; que na aposta empenhara a *honra*, a fama conquistada entre os estouvados companheiros. Nesse dia, até sol posto, por vezes tinha percorrido a rua, esperando fazer-se notar da linda moça, ainda meio-crente na sua vaidade de que só a falta de attenção lhe podia ter acarretado desdens, e preferindo, não por consciencia, mas por ser de maior gloria para elle, a seducção á violencia, se acaso podesse aquella dar fructo em tão limitado prazo.

Por um acaso Maria Aldoar, sem pôr em Filippe grande reparo, viera de tarde trabalhar para a varanda, do lado da rua Escura. A mestre Bartholomeu não deixara o ciume ver a nenhuma importancia que ás assiduidades de Lucena dava a innocente causa da sua paixão violenta. A pertur-

bação morava-lhe na alma; a imaginação exaltada dava valor a movimentos casuaes e insignificantes, pintando-lhos como filhos da reserva guardada em vesperas de uma acção culpavel.

Tal é a cegueira dos zelos; assim da imaginação nascem os tormentos em mal pagos amores.

O pasteleiro passara o dia, espiando os menores gestos, de Filippe até sol-posto.

Os visinhos tinham entranhado o ar do nosso homem, os seus movimentos phreneticos, o modo mysterioso ou secco das respostas quando lhe perguntavam curiosos:

— Mestre Bartholomeu tem alguma cousa?

A criada explicava aquelles movimentos por dôr de cholica, e uma comadre visinha por maleficio do espirito do mal, que se apoderara do bom do homem. Na verdade o espirito do mal revoava no pensamento do senhor Bartholomeu de Basto.

O mez de maio é inconstante. A um céo sereno succede-se um diluvio d'agua, e tão depressa esta alaga a terra, como as nuvens de novo se dispersam, e surge a bonança. A noite, como a manhã, veio chuvosa. O sul, soprando violento, acastellou ao morrer da tarde umas sobre outras montanhas de nuvens negras, que os ultimos raios do sol em pontos distantes, rompendo aqui e alli, tingiam com laivos rubros. Ao cobril-os a noite com as suas tintas uniformes, tornou a desabar a chuva. Filippe de Lucena, que voltava do lado da rua Chã, foi apanhado pelo diluvio pouco distante da porta de mes-

tre Bartholomeu, e recordando-se da perturbação do ciumento, quando lhe deu aviso para aprestar a ceia, julgou que podia passar alegre as horas que o mau tempo o forçasse a abrigar-se. Entrando-lhe pela porta dentro, cantarolando, as suas primeiras palavras foram recordar a ceia.

O pasteleiro fitou Filippe de Lucena, e perguntou balbuciando:

— O fidalgo venceu já a sua aposta?

— Esta noite mesmo será vencida — redarguiu Filippe — e eu não sou do parecer do meu amigo o morgado de Ferreira: se eu perdesse, mestre, pagava a ceia pelo dobro; ganhando, quero-a segundo as condições, de graça.

E Filippe, sustendo a custo o riso, fitava á sucapa o pasteleiro, para se comprazer no embaraço, no desespero que elle attribuia á avareza.

Mestre Bartholomeu não era franco, e se tal aposta tivesse feito, com os estouvados, gente capaz de bom grado, mau grado o fazer cumprir a palavra dada, de certo não ficaria pouco desesperado; mas nem a perda de toda a sua fortuna lhe podia trazer ao rosto um gesto, como o que mostrou ao ouvir as palavras de Filippe.

Da ira, porém, pouco a pouco com a reflexão veio á duvida.

— O fidalgo está a gracejar — redarguiu titubiando, e ao mesmo tempo cravando nos olhos de Filippe os seus, a ver se não desmentiam a resposta que ia receber.

— Gracejar! — disse o mancebo, tomando um ar serio — não sei porque. Prepare a ceia, que bom apetite não ha-de faltar... aos outros, que a mim melhor bocado me espera...

— Não, não póde ser! — exclamou o pasteleiro, perdida a cabeça com a ideia da proxima victoria do moço fidalgo.

— Não póde ser o que? A ceia?

— Não, não; essa rapariga nada lhe prometteu!

Filippe com um gesto de espanto por momentos ficou a encarar a Bartholomeu de Basto. A expressão da physionomia podia-se traduzir por estas palavras: «Que importará aquella linda pequena a este bojudo velho?»

— Era curioso — ajuntou por entre-dentes — e proseguiu depois em voz alta, retomando a seriedade com que desapontava o pasteleiro:

— Pois é como lhe conto, mestre: tanto que por conta já recebi... um beijo.

Bartholomeu tornou-se livido como um finado, e caminhou direito para o moço fidalgo com passos lentos e deseguaes. Parecia que no craneo lhe tinham dado uma pancada de atordoar.

— Mentis! mentis! — gritou elle depois de um esforço violento.

Filippe fez-se corado como os botões do seu corpete; os olhos chammejaram-lhe, e levantando o punho cerrado, exclamou:

— Cão, vilão! homem nenhum de bom sangue me disse essa palavra, sem que lhe fizesse calar a

bôcca para sempre. Em ti não me abaixo a sujar a espada; basta marcar-te a cara.

E dizendo, no rosto do senhor Bartholomeu imprimiu em vermelho o signal de sua mão.

O pasteleiro segurou-lhe o braço, deu-lhe um empuxão violento ao corpo, e, fazendo-o perder o equilibrio, o lançou por terra, abafando-lhe a voz com uma das mãos. Prostrado o moço, collocando-lhe um joelho em cima do peito, tirou do cinto o punhal.

— Maldito! foi o demonio que te guiou aqui! — murmurou intercortando as palavras.

O moço fidalgo forcejava por desprender-se das mãos do seu rival, e dar vozes de alarme; mas em vão. O punhal de mestre Bartholomeu abria larga passagem ao seu alento, e a voz morreu-lhe na garganta. O pasteleiro ergueu o ferro ainda mais de vinte vezes e outras tantas o cravou em Filippe de Lucena. Farto, saciado, ergueu-se depois, fitando o cadaver do mancebo, e permaneceu alguns instantes de braços cruzados.

— Oh! a bruxa! — murmurou elle. E, dando volta á chave da porta do aposento por onde entrara o moço Filippe para mais não transpôr, sahiu precipitadamente.

D'ahi a momentos a chave rodou de novo na fechadura, e o pasteleiro assomou á porta da sala fatal.

— Entrae, entrae — disse elle a um vulto que o seguia. Ninguem por fortuna está em casa, e

agora a porta está fechada. A minha tarefa está feita; agora a vossa.

O vulto entrou. Era Dina Belaguer. O semblante da judia exprimia uma satisfação sinistra. Sem redarguir a mestre Bartholomeu, ajoelhou aopé do cadaver de Filippe, e estendeu a mão ao punhal que no chão ficara.

— Tres gotas de sangue — murmurou — tres gotas de sangue pedi a esse louco, e todo o que vejo derramado não me fartará!

— A tua promessa, mulher — disse ao ouvido de Dina o pasteleiro — senão queres acompanhar ao inferno a alma d'esse rapaz.

— Sim, sim — redarguiu alto a judia. E ajuntou como fallando para si; — Louco! louco! que me vingaste com o teu ciume! Deixa-me saciar neste sangue, e depois que importa! Estou vingada!

E desabòtoando o corpete do mancebo, lh'o despiu a meio, deixando nu o peito ensanguentado.

A mãe de Beatriz, deu de repente um grito, esfregou os olhos e arrancou violentamente do pescoço do mancebo um objecto que trazia pendente, levando-o para junto da luz. Era uma medalha, um como pequeno relogio, feito de ouro, tendo de um lado um brazão gravado, do outro um vidro, agora quebrado, que resguardava dous anneis de cabello, um louro, outro preto. A medalha fôra partida pela violencia de uma punhalada, e estava coberta de sangue. Ao voltal-a a mãe de Beatriz,

do meio cahiu um papel escripto, illegivel quasi a letra. A custo se conhecia uma data e um nome. A data era a do nascimento de Filippe de Lucena, o nome o de Beatriz Belaguer.

— Impossivel! não! não! — murmurou Dina.

E de novo, ajoelhando ao-pé do cadaver de Filippe, abriu-lhe a camiza.

No peito do cadaver, do lado direito havia uma mancha vermelha, dessas a que chamam de figado, tendo a configuração de uma folha de trevo.

Dina ergueu-se, e recuou até á porta lentamente, com os olhos espantados, como se para ella caminhasse invisivel phantasma.

— Filho! filho! — bradou depois de um longo espaço, com voz tão desesperada, como se lhe rasgassem as entranhas.

O pasteleiro tomado pelo inesperado do successo fitava aterrado esta scena.

— Meu filho! meu filho! mataram meu filho! — tornou Dina, fóra de si.

O pungente desesperado destas ultimas palavras da velha judia, não tirou o pasteleiro do espanto, se não para lhe trazer o terror do crime, e, mais pallido ainda que até ahi, com a vista percorreu n'um instante todo o aposento.

— Mulher do inferno, cala ou mato-te! Trouxete aqui o demonio para me perder!

E lançando-se sobre a infeliz mãe, tentou impedir-lhe os gritos. Ao sentir no rosto a humidade do sangue que manchava as mãos do pasteleiro,

Dina, fez um esforço sobrenatural e libertou-se dos seus braços; deu alguns passos ainda, e cahiu junto do cadaver d'esse que ella chamava seu filho.

Filippe era com effeito o fructo dos amores de Beatriz Belaguer, da judia Dina e de um irmão de D. Francisco de Lucena. O amante da *Roxa de Santa Clara* usava do appellido de sua mãe, que lhe fôra imposto para não morrer na unica descendente de uma raça illustre. Por elle fôra conhecido de Dina, que nunca lhe soube outro. Filippe, creado depois da morte de seu pae em companhia de um tio, adoptou o appellido geral da familia, e não passou á bruxa nunca pela ideia, nas poucas vezes que viu perpassar, ou o nomearam, que fosse elle o filho que deixara, ao incetar a senda de espinhos, sorrindo adormecido no berço. A medalha que Filippe trazia ao peito, e que nunca abandonara por um d'esses caprichos, por um sentimento que desmentia o seu caracter estouvado, e aquelle signal do peito não a poderam deixar duvidosa de que Deus acabava de lhe despedir mais um golpe terrivel, castigo da duvida que da sua justiça mostrara.

O sangue de Filippe manchandò-lhe a fronte, foi talvez o baptismo de redempção dessa mulher, que n'um desvio abrira caminho a crimes sem nome, porém que soffrera no mundo quanto se póde soffrer.

O pasteleiro, vendo no chão a feiticeira, perdidos os sentidos, quiz fugir, porém pareceu-lhe

que os pés se recusavam a caminhar. A vista procurava como por uma força superior a victima dos seus zelos e da vingativa judia. Os joelhos tremiam-lhe, e um suor frio lhe inundava o rosto.

Que contraste a esta scena não ia longe daquelle sitio, em casa da viuva de Pantaleão Freire!

Na sala principal do edificio duas mulheres de avançada idade recordavam mutuamente os tempos da sua flor e, transportadas nas azas da imaginação, remoçavam quasi naquelle intertenimento.

Estas duas melheres eram a senhora Perpetua e a mãe do esculptor Phebo.

Ao-pé da varanda, aberta, deixando ver a lua reflectir a sua luz nos telhados, nas torres, nas soteas, com tanta mais força que a chuva passada as tinha humidas ainda, envolvido tudo na cor azul do seu véo mysterioso, conversavam outras duas creaturas bem deslembradas do que as rodeava. A conversa não era das mais seguidas; bem pelo contrario, interrompia-se a cada momento, ficando os dous, Maria e o filho do senhor Thomaz Lever, com os olhos fitos no chão, ou cravados no céo, como se tivessem esgotado todos os seus recursos de dialectica, expresso tudo que podesse haver que dizer entre os dous. E não tinham expressado nem sequer a ideia mais fixa que havia muito os dominava. A cada palavra indifferente, a cada dito insignificante torturava Phebo as abas do seu chapéo de feltro, e a cor do carmim vinha ás faces da sua interlocutora.

— Teria saudades minhas, se me embarcasse, como foi meu desejo? — interrogou o moço depois de um longo intervallo de silencio, em que a furto tinham estado a olhar um para o outro.

A pergunta vinha destacada, sem ligação ás phrases antecedentes, como é de costume quando se quer sustentar uma conversa de sobreposse, e se anda á caça de um pensamento qualquer, ou quando, tendo-se ideia fixa que se receia exprimir, um momento de resolução a traz repentina, sem nexo com passadas fallas.

— Muitas, muitas! senhor Phebo, — exclamou Maria, córando logo em seguida com pejo do seu arrebatamento.

— Não creio — redarguiu Phebo, não creio; — esquecia-me logo... em tres dias de ausencia.

— Esquecel-o — balbuciou Maria Aldoar; — bem sabe que era impossivel!

O esculptor, animado com as palavras de Maria, ousou tomar-lhe uma das mãos, e, fixos os seus nos olhos meigos da moça, interrogou:

— Impossivel! por que?

— Porque — respondeu com voz trémula, as faces em fogo, os olhos cravados no chão, a sobrinha da senhora Perpetua — porque não poderia viver... bem sabe porque. Quero-lhe muito. — E levantando os olhos, com elles tacitamente pareceu interrogar Phebo.

— Eu! muito, muito — disse o mancebo apertando-lhe a mão de encontro ao coração.

Os dous acabavam de dizer com tanto custo o que já de ha muito sabiam, o que mutuamente tinham lido nos olhares, nos gestos, adivinhado nas meias palavras um do outro.

Mas sabe a leitora o valor daquellas palavras, a emoção que trazem?

— Muito! muito! — repetiram ambos d'ahi a um instante, erguidos e fitando o céo como se quizessem tomar a Deus por testemunha da sua palavra.

Eram tão felizes naquelle momento!

EPILOGO.

AO SOALHEIRO.

Ao ANNO de 1629, pelos meados de fevereiro, transportamos os leitores para os fazer assistir a uma conversa das respeitaveis *gazetilheiras* da cidade, as senhoras Anna Gertrudes, Brazia dos Anjos e outras, reunidas em côrtes de soalheiro á porta da egreja da Sé. Suppresso podia ser este salto, se quizessemos dar-nos ao trabalho de em resumo narrar o que succedeu a todas as personagens desta historia; porém, como o nosso Plauto, queremos que

> .... Vejais...
> Que cousas passaram...
> E os mesmos da historia pelo natural.
> E quanto fallaram, nem menos nem mais.

Poupa-nos este meio, além d'isso, reflexões

moraes, que o leitor a bel-prazer fará, se quizer, e explicações fastidiosas. Talvez haja mesmo quem tenha saudades da senhora Gertrudes.

A donzella não tinha perdido nada da formosura minguadissima que Deus lhe concedera, nem da robustez que na boa vida grangeara.

A missa do dia, que era um domingo pela volta das dez e um quarto, tinha concluido e a tafularia da terra desfilava com o seu apparato de pagens e criados, formando pequenas fileiras de dez e doze creaturas quasi sempre a um de fundo, marchando com toda a gravidade. Por alli seguia uma dona respeitavel, entalado o pescoço em um enorme cabeção levantado, especie de leque que lhe tirava o sol das costas e cabeça, moda que no tempo de Filippe I bastante voga teve; era precedida por dous lindos meninos, e seguida por tres creadas, um pagem com um banquinho de ajoelhar e outro com o livro de orações: além desfilava um cortejo de mulheres da burguezia, envoltas nas suas mantilhas, caminhando a passos lentos, solemnes, com ares de penitentes em procissão da semana santa; mais para outro lado uma turma de negociantes conversando nas suas transacções; por acolá, duas ou tres damas, a quem seguiam outros tantos cavalheiros dizendo requebros e finezas, caminhando sobre as pontas dos pés, e tregeitando; emfim o Porto mostrava os representantes de todas as classes dos seus moradores á luz do sol. As nossas comadres, como os tafues da épocha

não se esqueciam nunca de, terminando a missa, virem desabafar e tirar a lume todas as reflexões que na egreja entre *paters* e *aves* vagar tinham de fazer, se é que já lá mesmo não tinham podido deixar de desabafar.

— Ora Deus a fade bem — dizia uma das acolytas da senhora Gertrudes — Deus a fade bem.

— De boa escapou! — accrescentou o presidente do conciliabulo, a respeitavel donzella. — E eu que tinha para mim que melhor lhe teria sido attender ao outro. Olhe o que seria feito da pobresinha!

— É verdade! A gente engana-se. Neste mundo não se póde dizer, isto será assim. A gente vê caras e não corações.

— Ainda no dia de Reis, do anno passado, não se lembra? lhe disse eu — proseguiu a senhora Gertrudes — que não sabia como ella desprezava aquelle partido.

— É verdade! E tambem quem havia de contar que um homem tão temente a Deus, ao que parecia, sizudo, esmoler, sahisse tão ruim.

— Deus sempre faz as cousas pelo melhor — exclamou a senhora Brazia — Sempre ouvi dizer que o cazamento e a mortalha no céo se talha.

— E quem sabe se ainda irá desta vez.

— Pois porque não ha-de ir? Bem ouviu apregoar os banhos.

— O rapaz é o santeiro.

— E Deus os abençôe, como disse; mas lá

grande fortun
tem o que as
uma delambid

A senho
perdida a m
tractava de g
materia de a
solteirona o

— Quem
fallar — o rap
tante, e peior

— Nem e
pre que se t
pasteleiro. Cr
a gente para

— Como
tes, creatura

— Pois n
les banhos na

— Ouvi.

— Pois
de um pastel
sim bem se
em baixo, na
christão; vai
ao bater á p
chamar gent
rombou-se a
e que haviam
ver?

— O que? — perguntou a mulher com os olhos muito arregalados.

— O que?... — disse a senhora Gertrudes — interrompendo-se logo para se pôr a abanar a cabeça a fim de fazer augmentar a curiosidade da sua conhecida.

— Então? — exclamou esta, vendo que não terminavam os gestos da solteirona.

— Jesus! até se me arripiam os cabellos!

— Pois que foi?

— Que foi? Acharam dentro um rapaz, um guapo moço, aquelle fidalgote, senhora Brazia, que no dia de Reis chegou com aquell'outro da governança de Madrid...

— Mas que mais — interrogou a senhora Brites.

— Que mais? É que o tal fidalgote estava morto, cortado em pedaços...

— Dizem — atalhou a senhora Brazia — que até já estava salgado. O maldito matava os hospedes para delles fazer guizados, como se um christão fosse um porco.

— Credo! — exclamou a senhora Brites, levantando as mãos abertas á altura da cabeça, e persignando-se depois.

— Disseram-me — ajuntou uma das acolytas — que tambem lá estava a feiticeira d'ao-pé da Sé.

— Andavam feitos? — perguntou a senhora Brites.

— Não se sabe; mas parece que não: a mulher estava morta. Talvez elle tambem a affogasse.

— Parece que sim — disse uma outra — a quem a viu, ouvi dizer que tinha uma nodoa no pescoço. D'essa não se perde nada. Acharam-lhe ainda nas mãos uma coisa de bruxedo: uma coisa assim a modo de medalha... com cabellos e letras.

— E que fizeram a esse homem?

— Foi a enforcar... na forca da cidade, e depois arrazada a casa...

A conversa foi interrompida aqui por uma voz plangente que cantava uma canção monotona.

As matronas voltaram-se para o lado d'onde vinha aquelle som.

Uma mulher, moça ainda, trajando roupas modestas e limpas, atravessava o páteo da Sé. No rosto havia uns longes de belleza a patentearem-se por entre o véu com que a loucura a envolvera, mas de todo não apagara.

Era ella a que cantava.

— A doida, que o santeiro agazalhou em casa — exclamou a senhora Brazia.

— Foi uma obra de caridade — ajuntou outra das mulheres.

—Caridade... caridade! — resmungou a senhora Anna. Quem sabe? talvez divida. Quem sabe o que vai? Não foi ella tão feia que... Mas eu não quero ser má lingua. A noiva que com elle se avenha, se alguma cousa tiver a deslindar. Em fim sempre é caridade: apezar de que — insistiu aquella lingua mordaz — eu não tinha de portas a dentro, em minha casa, a filha de uma bruxa.

O leitor já adivinhou quem seria a pobre mulher?

Era Beatriz.

A reunião do soalheiro continuou a commentar com todos os vagares a vida dos noivos, de Phebo e Maria Aldoar, baralhando verdade seja, augmentando e desformando os factos, que até aqui tinham feito. As comadres não eram mulheres que não sabendo um ponto o passassem por alto. Compunham, redigiam á sua vontade. O caso é que a versão até nós mais seguida e popular do successo que narramos, tem sido a que sahiu da lingua de prata da senhora Anna Gertrudes. Para apurar a verdade desta nossa historia não pouca paciencia foi precisa.

FIM.

